Espólio Literário
de
GENERINO DOS SANTOS

HUMANIADAS

O Mundo - A Humanidade - O Homem

Todo o esforço, em melhorar,
Bem merecer, é de louvar.

VOLUME PRIMEIRO

1 - PAISAGENS

2 - RAPSÓDIAS PERNAMBUCANAS

(EDIÇÃO POPULAR)

RIO DE JANEIRO
Typ. do Jornal do Commercio
Rodrigues & C.
—
1937

JFO
869.9149
S2373h
v.1

Espólio Literário
de
GENERINO DOS SANTOS

HUMANIADAS

O Mundo - A Humanidade - O Homem

Todo o esforço, em melhorar,
Bem merecer, é de louvar.

VOLUME PRIMEIRO

1 - PAISAGENS

2 - RAPSÓDIAS PERNAMBUCANAS

(EDIÇÃO POPULAR)

RIO DE JANEIRO
Typ. do Jornal do Commercio
Rodrigues & C.
—
1937

3590-A
J078

JFD
869.9149
S237h
v.1

869.919

Fôrão impréssos désta óbra:

500 *ezemplares em papel* BUFFON *de 1.ª qualidade e*
1.000 *ezemplares em papel de 2.ª qualidade, que constituem a "edição popular"* (TESTAMENTO, *p. XXIV*).

HUMANIADAS

INDICE DO VOLUME PRIMEIRO

	Pags.
Advertencia . . .	VII
Testamento de Generino dos Santos	XVII
Dedicatoria . . .	XLI
Prefacio . . .	XLIII
"Post factum"	XLV

LIVRO I — PAISAGENS

Os infinitamente grandes . .	5
Os infinitamente pequeninos . .	6
A synthese universal	7
A serenata da morte . .	10
"Natura mater" . .	11
Estrella d'Alva	12
Luar dos ermos	15
A ballada da lua . .	21
Iris lunar . .	22
O cometa de Halley	23
Ao pôr do sol . .	26
Lusco-fusco . . .	27
Manhã de inverno . .	28
Outra manhã de inverno . .	29
"Lagarteando..." . . .	30
Fogo-fatuo . . .	31
Antigo conhecimento . .	32
A cascatinha de prata	33
Pelo rio São Francisco . .	35
Do mirante do "Angiquinho" . .	37
A poróroca . . .	38
Na Grota Funda . .	39
No sertão . . .	40

PAGS.

No pampa 41
O Amazonas 42
A primeira missa no Brasil 43
Icarahy 44
Paquetá 45
Da estrada nova da Tijuca 46
O Sumaré! 47
A cidade-luz 48
A uyara 49
Paradisopolis 50
Mirando a "Beira-Mar" (1º) 51
Mirando a "Beira-Mar" (2º) 52
Florilopolis 53
Ipanema 71
Copacabana 72
Santa Thereza 73
Entre a Urca e o Pão de Assucar 74
Ninho d'"Ave do Paraiso" 75
Na cidade da luz 76
Subindo o Corcovado 77
Amanhecer na serra 78
Manhã de maio 81
A inundação 82
Tempestade de verão 83
Manhã de nupcias 84
Noite de São João 85
"Titanic" e o iceberg 86
Cerração no mar 87
Em alto mar 88
A tempestade 89
A queimada 90
Botão de rosa 91
A floresta 92
Na floresta da Tijuca 93
Boabab 94
"Palma mater" 95
Victoria-Regia 96
Vida vegetativa 97
Floreal 98
Principe Negro 99
Angelica 100
O evangelho da rosa 101
A uma borboleta 102
Heroes obscuros 105
Danças de pyrilampos 106

PAGS.

"Madame Durand" 107
Aguia real 108
Aguia moribunda 109
Malibran da mata 110
"Miss Thermutis" 111
Um crime 112
"Bel ami" 113
Diamante 114
Guainumbi 115
Onde existia uma ave 116
A borboleta azul 117

LIVRO II — RAPSODIAS PERNAMBUCANAS

Preludio 121
Olinda 122
Pela margem do Capiberibe 123
Mar em fóra 124
Caxangá 125
"Sun-Lights Club" 126
Magnetismo Animal 127
Chora-menino 128
Quebra-pratos 129
A Cruz do Patrão 130
Beberibe 131
No amphitheatro de Olinda 132
Vista do Recife 133
Ruinas de Palmyra 134
A cascatinha do Jaboatão 135
Pernambuco 136
Manga-jasmin 137
El-rei abacaxi 138
Canna creôla 139
A flôr do maracujá 140
Somé 141
Catechisando 142
A princesa Arco-verde 143
D. Maria Arco-verde 144
Fundação do Recife 147
Poty 148
Henrique Dias 149
Na Casa-forte 150
No alto dos Guararapes 151
O exodo pernambucano 152
Vinte e sete de janeiro 153

PAGS.

Na republica dos Palmares 154
A Bernardo Vieira de Mello 155
A bandeira de "Dezesete" 156
Leão Coroado 157
O carrasco de Frei Caneca 158
Pedro Ivo 159
O general das massas 167
"Seu" Nunes 168
A revolução 171
Durante a guerra 172
Leões do norte 173
Barros Volcão 174
Padre Azevedo 175
O padre Francisco João de Azevedo 176
Pernambuco a Victoriano Palhares 177
O tribuno 178
A pernambucana 179
Noite de São João (1º) 181
Noite de São João (2º) 181
Noite de Natal 183
Serração da velha 184
O "Bumba, meu boi..." 185
O fandango 186
O entrudo 187
Argolinhas 188
O phantasma 189
Mãe-d'Agua 190
O caipora 191
No pateo do Paraiso 192
Muchocho 193
O cafuné 194
Sanfonostalgia 195
Fora de portas 196
Nova Atlantida 197
Ao Leão do Norte 198
Patria 199
Vista do Recife 200
Entre os dois polos da vida 201
Cartão postal 202
Pedra Bonita 203
O dr. Roselles 204
O dr. Genealogico 205
Espinho do Pasmado 206
O Papa-ovo 207

PAGS.

Garrafús. 208
A ultima do Quaresma 211
Ao "Montanhez da lua" 212
E'... elle! 213
Em causa propria 214
A casa paterna 215
Minha terra nativa! — Adeus! Adeus! 216

APPENDICE

A — Advertencia da primeira edição do testamento de Generino dos Santos 219
B — Nota sobre a revisão geral e classificação dos manuscriptos de Generino dos Santos, feitas á ordem do executor testamentario, cid. Silvio Vieira Souto 222
C — Espolio artistico de Almeida Reis 226
D — Quitação do legado Eduardo Hœrhann 230
E — Encerramento judicial da primeira parte da execução do Testamento e inicio da segunda. Adjudicação. Resumo financeiro 236

PHOTOGRAPHIAS

Generino dos Santos (Reproducção de uma antiga photographia). VII
Ossario de Generino dos Santos (Cemiterio de São João Baptista). XLI

GENERINO DOS SANTOS

(Reprodução de uma antiga fotografia)

ADVERTÊNCIA DO TESTAMENTEIRO

Inicia-se, com este primeiro volume, a publicação do ESPÓLIO LITERÁRIO DE GENERINO DOS SANTOS, por determinação testamentária do vélho escritor pernambucano e crente pozitivista.

Na escolha de semelhante dezignação geral para toda a óbra, houve-se por intuito o inculcar, desde lógo, que se trata, essencialmente, de um traslado impésso de copiózos originais deixados em confuzo e dezalinhado acervo.

São papéis acumulados durante mais de sessenta anos de imaginações e compozições poéticas de um solitário. São os salvados do "naufrágio" da longa e "malograda ezistência de olvidado mas impenitente rimador". Tais as espressões do próprio Generino, ao referir-se às suas restantes "tentativas de versão, em vernáculo antigo, de alguns cantos do Inférno, *de Dante".*

De acordo com as cláuzulas principais do Testamento, adiante estampado, cumpre se publíquem integralmente, *si possível, as compozições em vérso do octogenário escritor, sob o título geral de HUMANÍADAS, título esse que se triparte em:* — O Mundo — A Humanidade — O Hômem. *Cada uma déstas subdivizões devera abranger* livros especiais, *que o autor não deixou constituídos, mas a que deu títulos adequados, e a eles se refére como volumes prontos, acabados. São, entretanto, méros tomos subjetivos de uma dezejada e póstuma bibliografia.*

"Filiadas entre si por um mesmo ideal fundamentalmente humano" as ditas compozições em vérso (no dizer de seu autor) "são de módo a formarem todas como que uma espécie de subjetiva epopéia cíclica". Mas como têm "ezistência própria e à parte (acrecenta), pódem ser assim todas publicadas, dezordenadamente, segundo as circunstâncias do momento o determinarem". (*)

2. Atendendo a ésta e outras recomendações de Generino, alguns amigos procurárão e hão de procurar cumprir os seus últimos dezejos e derradeiros pedidos, superintendendo *o "penozíssimo trabalho" (como bem lhe chama o Testamento) de revizão, interpretação e classificação dos abundantes originais acumulados.*

O Sr. J. Soares Pereira, em nóta que vai no Apêndice, dá conta minucióza da árdua empreitada que o signatário désta advertência lhe cometeu, com aceitação dos demais colaboradores solicitados pelo Testador ao dezempenho da comum taréfa de se lhe publicárem as óbras. (**)

3. Depárão-se, em tais péças, os necessários elementos para ajuïzar das dificuldades que se encontrárão na ezecução do testamento de Generino dos Santos. Cálão-se, contudo, as vicissitudes, os contratempos pessoais, por demais vulgares, que amiúde contrarião, à laia de força maiór, a bôa vontade dos que acêitão tão ásperas incumbências, como éssas que aceitamos, por dever de afeição e confraternidade de crenças.

O que cumpria se fizésse — para descarga de consiência e dezagravo de remórsos — depois de tantas e tantas delongas, éra, por cérto, o que se acaba de fazer

---

(*) Vêjão-se as péças do Apêndice, quér a respeito da ezecução que se pôde dar à primeira parte do testamento — iniciada em julho de 1933, terminada em outubro do mesmo ano, e, afinal, legalmente julgada e encerrada em novembro de 1934 —; quér no que se refére à segunda parte, isto é, ao penozo preparo dos originais do acervo literário, cuja publicação óra se coméça.

(**) Veja-se o Apênd., parte B.

agóra: entregar a benevolente público, a amigos, a correligionários e, especialmente, às almas proletárias, despidas que são de ezigências literárias e vícios culturais, a "edição popular" das compozições do vélho rimador, e distribuí-la pelas bibliotécas do país, segundo preceitua o Testamento.

Foi éssa, a nósso ver, a milhór espressão do dezejo derradeiro de Generino, ao desfalecer-lhe a vida. Queria deixar, com a súmula autobiográfica ou umas como confissões públicas, — "feitas ao correr da pena" mas que caraterízão o hômem e esplícão "em parte o insucésso material" *de sua vida,* (Test., p. XXII) *— os documentos literários de obscura e não menos "malograda carreira poética". A ésta, começada no verdor dos anos, ele lhe marcara como "único fito" a "construção da EPOPÉIA NACIONAL BRAZILEIRA",* (Test. p. XXXI). *Bélo ideal da juventude, que a maturidade, entretanto, não logrou realizar.*

4. A missão que aceitamos é, pois, em toda a sua significação e plenitude, missão testamentária, clara e simples. Não a de prefaciadores ou panegiristas nem, muito menos, a de críticos ou juízes.

Para nós, o dezempenho de tal munus — segundo a régra de Augusto Comte — "restringe-se, naturalmente, às operações que o testamento determina, sem que seus órgãos se tórnem jamais responsáveis pelos sentimentos do testador". E o Méstre advérte ainda: "Nenhum testamento seria possível, si os seus ezecutores tivéssem que compartir as dispozições do testador, ou si este houvésse de conformar a própria linguágem ao sabor deles". Daqui a concluzão: "Sem éssa rezérva e éssa liberdade, de uma e outra parte, o espontâneo quadro da derradeira situação de uma alma degeneraria em fria comédia". (Testamento *de Augusto Comte,* p. 27).

5. Refira-se, pois, a tais régras o nósso duplo papel, — quér de pessoa pelo próprio Generino indicada para coordenar os esfórços conjuntos de amigos comuns

(Test., p. XXVIII); *quér de pessoa a quem, espontâneamente, o Juís que prezide ao respetivo procésso de inventário nomeou, afinal, testamenteiro e inventariante para todos os efeitos legais, desde julho de 1933.* (*)

Néstas condições, procurámos e procuraremos cumprir os derradeiros dezejos de Generino, incluzive dando à estampa, désta ou daquéla maneira, o seu vultozo espólio literário. Aí se mésclão, sem ter sido possível atender à órdem cronológica, produções dos vinte anos e produções dos oitenta anos de sua idade. Deístas, metafízicas, — umas; de influência e inspiração pozitivista, — outras... Rascunhadas, copiadas, emendadas, recopiadas; cérta porção datilografadas, como a dizer que se espurgárão e desbastárão de inadvertências e senões vislumbrados em muitas.

Seja como fôr, estâmpão-se e publícão-se, sem maióres e abuzivas correções, dado o ponto de vista em que nos colocámos. Mas poupárão-se as páginas do repetido (sic) *e mesmo, por vezes, do* (non liquet), *peculiares aos revizores e editores menos ciózos da alheia do que da sua própria responsabilidade literária.*

Precedidas do "Testamento", constituïrão, déssa maneira, as ditas compozições em vérso, vasta e original documentação, *de valor antes moral-social que estético. Instrúem o procésso de uma longa, dezafortunada e triste porem honésta vida de solitário e de contemplativo. Vida, a princípio, de um filho da burguezia brazileira; de jornalista e literato; de legista e advogado... seduzido e trabalhado, desde cedo, porem, dos estímulos reformadores que dimânão do Pozitivismo, no seio tempestuozo de nósso Prezente, em busca do Porvir.*

Mas, para que se atinja consientemente o estado normal, o estado de plena harmonia na ezistência coletiva da Humanidade, várias profissões e várias classes terão de transformar-se, outras terão de se estingüir

(*) Veja-se o Apênd., parte A.

de todo, como peculiares que são aos tempos preparatórios ou tranzitórios da evolução social, sempre nitidamente determinada, nas suas fazes como no seu desfecho.

No sustentado esforço "em milhorar, bem merecer"; em conformar a conduta efetiva com a fé que lhe tomára a alma, o Generino foi-se arredando óra désta, óra daquéla função prática, até abster-se de todo ofício especial e cérto. Dessa maneira, a servir obscuramente a uns e outros, sempre a sonhar, posto que sonhos de pozitivista, e sempre a rimar, foi-lhe, contudo, descaíndo a vida numa soledade de contemplativo, que lhe prolongou pelos anos fóra a imaginativa e a incúria da juventude.

Um "salvado" do naufrágio da vida prática lhe garantiu, com dignidade, a buscada independência de espírito e o livre preenchimento da função geral de hômem e de crente pozitivista.

Esse parco pecúlio, posto ao uzo comercial, sob a ativa gerência e guarda de um vélho amigo, proporcionou-lhe, assim, o justo para subzistir apertadamente, paupérrimamente, à feição de mendigo voluntário, — mendigo do próprio passado, sem importunar ninguem.

E assim foi que o impenitente rimador chegou aos oitenta anos de sua idade. Chegou, posto que sem forças, sem estímulos para, ao menos, selecionar e corrigir seus próprios vérsos — trabalho de toda a vida. Não pôde mesmo formar, siquér, concrétamente, objetivamente, com tantas folhas avulsas (pérto de seis mil) os almejados e já intitulados tomos descritos no seu Testamento.

6. Os tomos serão constituídos, irão ao prélo e irão a lume, satisfazendo-se, tanto quanto possível, as instruções do vélho escritor. Tentando cumprir-lhe os dezejos, acreditamos que a piedóza e fraternal meditação dos mencionados documentos *servirá de baze real à idealização normal, à revivicência altruística do malogrado e póbre Generino.*

As leis pozitivistas da graça, leis lustrais, que régem a vida subjetiva dos Mórtos no cérebro dos vivos, darão, de cérto, seus benfazejos frutos. — "Notre nature a besoin d'être épurée par la mort, pour que ses meilleurs attributs puissent assez ressortir, en surmontant les grossières nécessités qui d'abord les dominent". (Auguste Comte, Politique, IV — 35).

Remodelado, assim, esse modésto simulacro de impenitente rimador, de proletário estético, não deixará de flutuar simpáticamente, na retentiva das almas generózas. Ficará lembrado, em seu feitio próprio — ecêntrico e anômalo — dentro, porem, na agitada lenda dos primitivos tempos do Pozitivismo no Brazil.

Nesse domínio, à parte, da espiritualidade brazileira, sua figura surge, espontânea, como a nos servir de ilustração íntima e concréta — bem localizada e contornada, posto que sem nimbos, nem glórias, — a cértos passos déstas lições de Augusto Comte, quando institúi o quadro geral das féstas sociolátricas peculiares ao porvir da Humanidade ou antevê a ezistência sociocrática do proletariado redimido.

7. "A terceira fésta de nósso trezeno mês déve caracterizar dignamente o proletariado contemplativo, sobretudo estético ou mesmo sientífico, que não tendo podido penetrar em um sacerdócio necessáriamente circunscrito, sente-se contudo mais teorista que prático. Devemos algumas vezes lastimar esses tipos ecepcionais, e sempre respeitá-los, afim de os utilizar tanto quanto seja possível, dirigindo com sabiduria suas tendências espontâneas. E' principalmente deles que déve dimanar a fiscalização geral do proletariado em relação aos poderes especiais, conquanto o impulso correspondente ezija naturezas mais ativas". (Catecismo Pozitivista, *trad. de Miguel Lemos,* p. 165).

— "Um pleno dezenvolvimento deste cazo léva a terminar o trezeno mês celebrando-se a ezistência popular quando se tornou essencialmente passiva. Póde rezultar, éssa transformação, duma ezagerada preponderância das aspirações especulativas ou de uma situação contrária ao desdobramento da atividade especial".

— "As anárquicas repugnâncias do empirismo metafízico a tal respeito incúlcão vicióza apreciação do destino social do proletariado. Basta distingüir nele entre a função cívica e o ofício industrial para sentir-se desde lógo que, a despeito de sua conexidade normal, póde a primeira merecer honrada, mesmo quando a segunda haja inteiramente cessado." (Política Pozitiva, IV — 152).

— "Conquanto o proletariado deva sempre superar sua espontânea tendência a negligenciar as funções especiais vizando seu ofício geral, contudo este é que lhe determina o caráter social, pelo contraste da homogeneidade plebéia com a diversidade patrícia. A contínua solicitude de cada cidadão com respeito à economia total só conségue surgir assás nos cazos em que a atribuïção parcial não acarréta preocupações constantes, sucitando, apenas, léve responsabilidade". (Ib. — 351).

— "Ao proclamar a gratúidade do trabalho, afim de instituir a ezistência sociocrática dos proletários, a religião pozitiva não poderia olvidar os que, apezar da educação universal, se áchão momentâneamente ou mesmo para sempre incapazes de preencher seus deveres especiais.

Emane éssa impotência de sua própria imperfeição deles — fízica, intelectual, moral — ou de vícios do organismo coletivo, a Humanidade ezige que se nútrão e que se utilízem seus filhos anômalos, sem os assimilar, contudo, aos servidores normais. O patriciado e mesmo o sacerdócio pódem sempre fornecer, assim como o proletariado, espontâneos recrutas à comunidade suplementar (a dos cavaleiros industriais) a qual recólhe todas as ezistências abortadas por acidente ou defeituozidade..." (Ib. — 354).

— "Fôra necessário ligar-se degrandante importância à reprodução material para crer que a impotência de participar néla mereça o desprezo ou a opressão.

Sem semelhante concurso, póde o cidadão mais indeterminado prestar habitualmente grandes serviços, e obter mesmo a glorificação subjetiva, uma vês que dezenvolva dignamente a aptidão social que lhe déve compensar a insuficiência industrial". (Id. ib.).

Acerca da influência estética do Pozitivismo e da cultura ativa de todas as artes, especialmente da poezia, pelos seus adéptos, sem viciózas pretenções, citem-se ainda os seguintes trechos de Augusto Comte:

"Depois da cultura diréta do sentimento é a arte que póde habitualmente ministrar os milhóres meios para nos tornar, a um tempo, mais térnos e mais nóbres."

"A todos esses títulos, a arte dirigida pelo sentimento tórna-se, para o Pozitivismo, a principal baze da educação universal em que a siência prezide, em seguida, apenas a uma indispensável sistematização objetiva." (Política Pozitiva, I — 319).

"Mas os padres, habitualmente filózofos, se tornarão momentâneamente poétas quando a nóssa Deuza precizar de nóvas efuzões gerais que bastem em seguida, durante muitos séculos, ao culto público e privado. As compozições secundárias, naturalmente mais freqüentes, ficarão, de ordinário, entrégues à espontaneidade feminina ou proletária." (Catecismo Pozitivista, p. 114).

"Cada pozitivista déve ser, a cértos respeitos, uma espécie de poéta, ao menos para seu culto íntimo."

"Ésta originalidade poética se dezenvolverá muito quando a educação regenerada houver assás ezercitado todos os pozitivistas nas apreciações, e mesmo nas compozições correspondentes." (Ib., p. 109).

Rio, 11 de Frederico de 149 (15 nov. 1937).

S. Vieira Souto

(Nacido, em 1884, no Rio de Janeiro, e rezidente na mesma cidade, à Av. Augusto Sevéro, 42 — Edifício PAX).

Testamento cerrado

que

com posterior approvação do Sr. Official

do 6.º cartório do Tabellionato de Notas

da Capital Federal

Francisco Antônio Machado

em

1.º de Janeiro de 1927

faz

Generino dos Santos

E só será publicado

em defeza de sua memória

si preciso fôr.

Em nome da Humanidade.

O amor por princípio e a ordem por base; o progresso por fim.

Viver ás claras. Viver para outrem.

A submissão é a base do aperfeiçoamento.

Eu, Generino dos Santos, que abaixo me assigno firmando nome literário que cedo adoptei e sempre tenho usado em todos os actos de minha vida pública e privada, por simplificação do de Adolpho Generino Rodrigues dos Santos, com que me graduei em sciências sociaes e jurídicas pela Faculdade de Direito de Recife; brasileiro e pernambucano, nascido a 2 de Outubro de 1848, já no declínio da "Revolta Praeira", na mesma Cidade do Recife, hoje Capital do Estado de Pernambuco; filho legítimo e primogênito de Alexandre Rodrigues dos Anjos e d. Francisca Augusta Pessôa dos Anjos, tendo tomado o appellido Santos em homenagem á familia brasileira de minha avó paterna; antigo jornalista em Recife, onde fundei, com Souza Pinto, a histórica revista literária "O Trabalho", e com Pinto, Annibal e Alfredo Falcão, João Ramos e outros, "O Diabo a Quatro", com que fizemos, nos últimos tempos da monarchia, a propaganda abolicionista e republicana em Pernambuco; — eu, Generino dos Santos, tendo attingido a avançada idade de setenta e oito annos, que, mais ou menos, me approxima da fatalidade biológica da morte, cuja perspectiva pro-

curei estampar no seguinte soneto de "Humaniadas", que me parece vir a pelo transcrever aqui:

NON OMNIS MORIAR.

Ultimas palavras de um philosópho e poeta moribundo.

Bem sei que hei de morrer. Fatal desdobramento
No inorgânico meio, a morte não me aterra.
Volva, pois, ao Planeta o que este corpo encerra:
— Bem sei que hei de viver no humano pensamento.

Eu na vida, que sou? Si alterno movimento
Compõe e decompõe os corpos sobre a Terra;
Si o que fui, já não sou; si Hippócrates não erra:
Transformação é morte ou é renascimento?

Mas tudo quanto amei; mas todo pensamento
Que esse amor me inspirou; mas toda a actividade
Que puz em bem servil-o, e a seu contentamento;

Todo mal que evitei, do orgulho ou da vaidade,
E todo bem que fiz, siquer um só momento; —
Isto eu hei de viver por toda a eternidade.

Sentindo, digo, approximar-se-me a fatalidade biológica da morte, e querendo, depois della, acautelar respeitáveis interesses que a Lei me garante e o Poder Público effectiva, pelo presente hei resolvido, no integral exercicio de todas as minhas funcções cerebraes, e tão só determinado pela impulsão da minha livre, espontânea e deliberada vontade, escrever de próprio punho as seguintes declaratórias disposições testamentárias, que peço e espero sejam tidas, havidas e cumpridas, como real e verdadeira expressão da minha referida e última vontade, solemnemente aqui exarada:

DECLARO, preliminarmente, e para definir, de modo synthético, minha situação pessoal, em face dos innúmeros problemas de ordem affectiva, intellectual e prática, que se me puzeram no decurso de minha longa e mallograda existência, que nunca sacrifiquei ao meu egoístico interesse pessoal, ainda o mais justificado e plausível, os benévolos e altruísticos pendores com que por ventura me tenha dotado a natureza, as minhas convicções quaesquer, fossem philosóphicas, scientificas ou

literárias, — e tudo quanto acrysolado amor da Familia, da Pátria e da Humanidade, sábiamente esclarecido pela theoria positiva que, de taes instituições, instituiu Augusto Comte, tem o direito de exigir do bem formado coração de cada um de seus filhos.

E, assim, tendo cedo adoptado por divisa, em minha norma de conducta, a máxima de moral prática que formulei nestes versos:

"Todo o esforço, em melhorar,
Bem merecer, é de louvar"

muito moço ainda, recem-formado em Direito e jornalista, recusei aceitar, em 1872, no início da "Questão Religiosa", a redacção d'"A Verdade", que a Maçonaria Pernambucana por seu superior hierárchico, a "Loja Capitular Segredo e Amor á Ordem", lisongeira e vantajosamente, me offereceu, fazendo-me substituir, a captivantes instâncias della, pelo meu amigo e collega Franklin Távora, pretenso e proclamado Chefe da "Literatura do Norte", — por entender que, no ponto de vista dogmático da Igreja Cathólica, a razão, isto é, a verdade, estava com o Bispo Vital e não com ella Maçonaria, que — toda a gente o sabe — é fundamentalmente deista.

— Legista e advogado, sempre procurei pautar meus actos pelo que me pareceu ser o mais acertado — e, pois, melhor comprehensão, não só do Direito, que tem sua immediata e effectiva sancção no Código Penal, mas — e principalmente — do Dever, livremente aceito e espontâneamente cumprido, sem outra sancção mais que o subjectivo apprazimento de minha consciência, já empiricamente propensa a submetter-se aos ensinamentos do Mestre; de sorte que, si errei — e muitíssimo devo ter errado — foi por lamentável deficiência mental minha e nunca por culposa fallência do meu coração, que se penitencia do mal que assim tenha feito.

— Brasileiro e virtualmetne no gozo de todos os meus direitos civis e políticos, mas íntimamente convencido de que só uma idônea dictadura republicana, que separe o poder que manda do poder que aconselha, o poder temporal do poder espiritual — poderá, ordeira e progressivamente, conduzir o Brasil aos altos destinos que lhe estão reservados, — nunca fui eleitor nem quiz ser elegível, nunca votei nem, que me conste, fui votado; não tendo, em consequência, querido aceitar da monarchia emprego público ou funcção social, quer de eleição popular e quer

de investidura administrativa, na diplomacia como na magistratura, — a não ser, coagido por criticas circumstâncias eventuaes, o de promotor público que, na Cidade da Victória, hoje Capital do Espirito Santo, por três a quatro meses, exhaustivamente exerci, á espera que se votasse verba para ser nomeado e exercer — único fito que ali me levou — a funcção de professor de pedagogia na Escola Normal, creada pela reforma da instrucção pública Inglez de Souza, — nomeação que, de resto, se não effectuou, por ter eu, respeitosa mas enérgicamente, no cumprimento de um compromisso doutrinário e dever social, com minha assignatura, protestado, pela imprensa semi-official, contra inverídica e capciosa "local" que se poderia traduzir por simulada tentativa de suborno, suppondo-me capaz de faltar ao cumprimento do meu dever por um provento qualquer, inda o mais capitoso, quanto mais por uma nomeação que me havia sido por Inglez de Souza offerecida — e só, a repetidas instâncias delle, me resolvi a aceitar — local — informou-me a Redacção, — sinão escripta, pelo menos directamente emanada da presidência, então exercida pelo seu successor e meu velho camarada de villegiatura na Paulicéa, Martim Francisco Filho, que, ao assumir o exercicio do cargo, se reservou o prazer de assignal-a.

— Republicano dictatorialista — e collocado, como membro do "Centro Positivista" e companheiro de escriptório do "chefe democrata" do movimento republicano (que, só á última hora, soube da trama da revolução de 15 de Novembro) no ponto de intercepção das duas correntes que então se agitavam, uma positiva e orgânica e outra negativamente dispersiva, a que Silva Jardim imprimiu decisivo impulso, sem comtudo — e esse foi o seu erro (não se destróe sinão o que se póde substituir) incutir-lhe parallelamente espirito algum orgânico, deixei-me ficar acompanhando na sombra os correligionários positivistas, á margem da corrente democrática que, por abnegado desprendimento de Benjamin Constant, galgou o Poder mas, desde logo, começou por sophismar o supremo acto revolucionário que instituiu uma Junta Governativa sob a presidência do Marechal Deodoro e não uma dictadura militar do Marechal Deodoro, servida por um conselho de ministros, simples referendários dos seus decretos, sob a chefia paisana de Ruy Barbosa; abstendo-me, desde então, de qualquer interferência nos negócios públicos, quer aqui no Rio e quer em Pernambuco; — porque, tendo espú-

riamente herdado do antigo regimen a patriarchal instituição do patronato, com todas as tendências oligárchicas do extincto feudalismo imperial, não só encampou como até requintou-lhe a República os maus vezos; pedindo eu, então, aos meus amigos do governo houvessem de derivar para as pessôas dos meus grandes e infortunados amigos Desembargador Pessôa de Mello e, mais tarde, Aureliano de Campos — ambos victimas da mais iniqua e clamorosa injustiça, que chegou a leval-os á sepultura — quaesquer recompensas que, por ventura, me pudessem caber, por serviços prestados á propaganda e mesmo á corrente negativa que escalou o Poder — e não relembro aqui, porque, com o serem positivistas, resultaram tambem negativos.

E ainda, sob taes disposições de ânimo, sob o intransigente domínio de taes sentimentos, foi que — peremptóriamente — recusei aceitar o offerecimento que, por intermédio do seu amigo e secretário particular João Francisco Cromwel (nunca visitei o ministro) da directoria da Bibliotheca Nacional que *deveria* vagar com a indébita e iniqua aposentadoria de Saldanha da Gama (Antônio), pela supposta eiva ou pecha de "ser moço fidalgo da Casa Imperial", — mas, de facto, por que havia quem lhe ambicionasse o emprego — me fez Aristides Lobo, meu companheiro de escriptório e advocacia com Saldanha Marinho, mandando-lhe eu textualmente dizer que agradecia a lembrança mas não aceitava a offerta; 1.º, por todas as razões que adduziu Miguel Lemos para não aceitar idêntico offerecimento; e, mais, 2.º, porque, sendo elle Miguel Lemos secretário do estabelecimento, mediante concurso que o tornava vitalício, eu jamais aceitaria um cargo que m'o subalternizava, isto é, que faria temporalmente meu inferior hierárchico quem todos nós os positivistas reconheciamos — tendo elle recebido o gráu de aspirante ao sacerdócio da Humanidade, como chefe espiritual do Positivismo no Brasil; pelo que nomeava Aristides para o recusado cargo o seu grande e devotado amigo Bittencourt Sampaio, — factos estes de que talvez possam dar testemunho o Snr. Ramiz Galvão, cunhado de Saldanha, e o Coronel Silveira Lobo, sobrinho de Aristides, para cuja integridade moral appéllo, em prol da verdade.

E, aqui, me cabe ainda declarar, para que não padeça dúvida futura, que, si, de público e raso, pelas columnas d'"O Paiz", em carta aberta, endereçada a Bellarmino Carneiro, seu gerente e redactor commercial, me

candidatei a um alto offício de Justiça (1.º cartório de Registro de Hypothecas, vago por morte do General Faria Rocha) foi como indignado protesto contra perniciosíssima infracção de toda norma republicana, e sabendo, de ante-mão (toda a imprensa o noticiou), que esse rendoso offício, ainda em vida do enfermo serventuário, fora *dado* a uma "alta personagem da pedagogia" — aliás, como tal, homem de real merecimento — snr. João Kopke, não por esse plausível motivo mas por ter sido professor dos filhos dos presidentes Moraes e Salles, além de íntimo amigo e comensal do preponderante ministro Severino Vieira, — do mesmo modo, exactamente, que o 2.º cartório do mesmo offício, posteriormente vago por morte do respectivo serventuário (Sayão), a cujo provimento por idênticos motivos tambem concorri, por meio de simples petição, em que me reportava aos documentos existentes na secretaria, foi provido na pessôa do Coronel Bocayuva, não tendo eu siquer logrado classificação "por não ter juntado... taes documentos existentes na secretaria"! — E, encerrada a synthética declaração preliminar, que me julguei obrigado a fazer, para caracterizar-me e explicar, em parte, o *insuccesso material* de minha vida, passando a detalhal-a agora:

DECLARO que sou solteiro, não mais possuindo ascendentes nem tampouco tendo descendentes de espécie alguma, me não restando do legítimo matrimônio de meus pais, sinão uma outra germana, d. Maria Carolina dos Anjos Temporal, viuva de Affonso Moreira Temporal, e, como ella, diversos collateraes, filhos de irmãos extinctos, Alexandre e Alfredo Rodrigues dos Anjos e d. Eugênia Sophia Pessôa de Mello, que foi casada com o, tabem extincto, Desembargador Francisco Rodrigues Pessôa de Mello, — collateraes que a Lei (Cod. Civ. Art.º 1725) exclue da successão, desde que não sejam nella expressamente contemplados.

DECLARO que, não obstante os parcos recursos com que sempre, modesta e apertadamente, tenho vivido, nunca devi nem devo nada a quem quer que seja, a não ser muitíssimo reconhecimento e profunda gratidão pelos benefícios que de todos — a Humanidade — por ventura tenha recebido em compensação de alguns serviços que a poucos pude espontâneamente prestar, nomeadamente o meu amigo Joaquim Nunes, a quem devo ir

atravessando, penosamente embora, o resto de minha vida e poder aqui exarar a seguinte declaração, que respeita á minha economia individual.

DECLARO que possuo, em conta que me foi aberta com direito a retiradas mensaes, na firma e estabelecimento commercial do meu referido amigo Joaquim Nunes, que negocia em perfumarias (Perfumaria Nunes), ao Largo de São Francisco de Paula n.º 25, a quantia de cincoenta e dois contos, novecentos e noventa e nove mil e quinhentos réis, dos quaes só cincoenta contos vencem juros de doze por cento ou quinhentos mil réis mensaes, por elle Nunes espontâneamente arbitrados, ficando o remanescente em depósito á minha disposição, como tambem depositada fica a quantia de dois contos de réis constante de titulo á parte; possuindo eu, outrosim, a quantia de quatorze contos de réis, em moeda corrente do país, que conservo em meu poder, á espera de segura e conveniente collocação, em que possa confiar.

DECLARO que, além disso, e preexistentemente sou senhor e possuidor de parte de um prédio, edificado por meu pai, á Rua das Pernambucanas n.º 244, na Freguezia da Graça da Cidade do Recife, e delle havido, como legítima, em communhão com minha sobrinha Maria José, filha de minha irmã germana d. Eugênia Sophia, mas que, por venda que separadamente lhe fez, hoje possue em condomínio com o sr. Júlio Jacobina Romaguera, com quem ajustei tambem vender a minha parte pela quantia de oito contos de réis liquidos, isto é, isentos de quaesquer onus e despesas, — venda que ainda se não effectuou lavrando a respectiva escriptura, por não ter elle, ha cerca de um anno, como lhe cumpria *ex-vi* do referido ajuste, remettido os papeis concernentes á sua quitação com as repartições Fiscaes de Pernambuco. E, em taes condições

DECLARO que, não possuindo herdeiros necessários, descendentes ou ascendentes nem cônjuge que me sobreviva — disponho de todo o meu possuído do seguinte modo: — todas as mencionadas quantias, pago o que fôr devido á Fazenda Nacional e custas judiciárias, serão, quanto seja necessário, applicadas: *1.º*, á publicação — si fôr possivel integral — das minhas composições em verso, simultâneamente em duas edicções estereotypadas (com a propriedade á reserva das respectivas

chapas para novas edicções possíveis), uma de luxo e muito cuidada, de quinhentos exemplares, e outra, popular, de dois mil exemplares, para que se possa vender a módico preço e ser distribuida pelas bibliothecas do país. — *2.º* á publicação de um livrinho de versos, seguidos de alguns escriptos em prosa extraídos dos periódicos acadêmicos de Recife, "O Futuro" (1864), "A Idéa" e "O Liberal Acadêmico" (1865) e da "Opinião Nacional" (1867-1870) — (vid. Galvão, Diccionário Chorográphico, Histórico e Estatístico de Pernambuco, 2.ª ed. pags. 447-449) — nomeadamente, um "Ensaio sobre "Lucíola", de José de Alencar" a "Nova Æneida", um discurso sobre o 11 de Agosto e um artigo sobre o 7 de Setembro, além de uma bellíssima introducção (inédita entre os meus papeis), especialmente escripta para o meu livro de versos "Equatorianas", que deixou de ser publicado, do meu fraternal e saudoso amigo José Jorge de Siqueira Filho; — *3.º* á fundição em bronze, da estatueta "Dante ao voltar do exílio" e "Alma Penada", do meu amigo e grande estatuário Almeida Reis, que figuraram na ornamentação da sala, em que, no "Club Tiradentes", a 15 de Setembro de 1887, commemorando o 556.º anniversário de sua morte, fiz uma conferência, lendo a versão que, em vernáculo antigo, tentei fazer de alguns cantos do "Inferno de Dante"; e — *4.º* subsidiáriamente, com o producto da venda ou das precedentes (*) que não estiver gravado, á publicação, em um só volume, da epopeia em prosa "Plástica" seguida de alguns pequenos poemas, uns em prosa e outros em verso, de Annibal Falcão, si seu filho Luiz Annibal Falcão — a quem serão entregues todos os originaes e impressos que guardo de seu pai — o consentir, não podendo publical-a. E em consequência,

DECLARO que é minha livre, espontânea e deliberada vontade, que o saldo líquido e remanescente de todas essas quantias seja deferido á Igreja e Apostolado Positivista do Brasil, a quem peço encarecidamente se digne de aceitar, sinão como graciosa liberalidade que me não presumo nas condicções de fazer, — não em virtude de expressa prohibição doutrinária, que me não consta haja alguma, mas por escrupulosa resolução apostólica, como

(*) Em rascunho do Testamento lê-se: "— 4.º subsidiáriamente com o producto da venda deste ou dos precedentes que não estiver gravado, etc. (Nota de S. V. Souto).

se deu no caso Piza e Almeida, por não pertencer eu, como elle, á mesma Igreja e Apostolado Positivista do Brasil, ao menos como indemnisação das despesas feitas com a construcção do Monumento Almeida Reis, e, decorrentemente, o ossuário de Luiz Rossi Filho, e como compensação das contribuições e mais subsidios que tenho deixado de realizar desde antes de sua fundação, em começo por me não ter achado em condições materiaes de fazel-o, e depois, por ter sido de sua organização tácita mas compulsóriamente excluído, ao que parece (pois me não posso capacitar de que fosse por ter dessentido do nosso director, quando foi da scisão Laffitte, que a fundou, pela supposta infracção de ter elle Laffitte adido e demandado uma herança, opinando eu que mais valia relevar-lhe as imperfeições naturaes e deficiências chauvinistas do que romper o laço religioso que nos prendia a Paris) ao que parece, por ter deixado de satisfazer uma das condicções adrede requeridas para sua admissão — declarar que não possuia escravos — condicção que, no meu caso, me pareceu um tanto impertinente, pois nunca os tive, e até preveni a hypóthese de vir a têl-os, por occasião do inventário e partilha dos bens deixados por meu pai, pedindo me não lançassem nenhum no meu quinhão hereditário, ou então me lançassem todos, — e eram quatro que commigo se crearam — passando-se-lhes carta de liberdade, em meu nome e memória delle; mas, em todo o caso, como signalagmática prova material de minha Fé Positivista e da mais completa e espontânea adhesão á propaganda da mesma Igreja e Apostolado Positivista do Brasil, que tenho até hoje, como no tempo em que fui secretário do "Centro Positivista", assíduamente acompanhado e, solidáriamente, em espírito e verdade, seguido, como é público e notório — abstendo-me do exercício da advocacia ou qualquer outra funcção pública ou privada que me parecesse incompatível com os ensinamentos doutrinários do Mestre durante o período da transição revolucionária — e até mesmo de qualquer manifestação, periódica e accidental, pela imprensa, de minhas crenças e convicções positivistas, por entender que a unidade e continuidade de nossas doutrinas pediam e pedem tambem a da palavra de um só orgão, fiel e idôneamente autorizado, como, até bem pouco, tivemos: o eminente Apóstolo Snr. R. Teixeira Mendes.

Caso, porém, de forma alguma, queira ou, por circumstância alheia á sua vontade, possa aceital-o — nem

mesmo, na primeira hypóthese, para instituir na minha Terra Nativa, o culto da Religião da Humanidade e propaganda da sua doutrina regeneradora, ou de fundar aqui mesmo, junto á Igreja e Apostolado do Rio, modesto asylo a que se possa abrigar, como a minha, toda infirme velhice positivista desamparada — então disponho, como me faculta o Art. 1729 do Cod. Civ., que o mesmo saldo remanescente seja condicionalmente offerecido ao Estado de Pernambuco para que, na casa que edificou meu pai, á Rua das Pernambucanas n.º 244 — devidamente expropriada a parte que me não pertence, nos termos do generoso offerecimento que, por escripto, me fez o snr. Júlio Jacobina Romaguera (de "ceder-me a sua parte pelo preço que a comprou" — oito contos de réis) seja creada uma escola profissional, a que se dará o nome de meu pai, cujo programma será talhado, em parte, no que lhe for applicavel, pelo de Sabatier, e organizado, de accôrdo com os ensinamentos do Mestre, pela Igreja e Apostolado Positivista do Brasil, que velará tambem pela sua fiel execução. Si porém, com tal condição, o não quizer o Governo de Pernambuco aceitar, determino que, para infinitesimal remissão da divida pública, seja deferido ao da União, em cujo districto federal, ha mais de 50 annos, me acho domiciliado.

DECLARO que, não podendo erigir na casa em que me acabei de crear e foi edificada por meu pai, modesto templo consagrado á Religião da Humanidade, dedicando-me eu, na medida de minhas forças, ao seu serviço e propaganda, como cheguei a planejar, quando conheci mais orgânicamente o Positivismo, era minha intenção legar e devolver a meus parentes em quaesquer graus, quanto herdei de meus pais e foi apenas essa parte do referido prédio; situação, porém, imprevista e lamentável, creada tão só por elles e em que, de modo algum, participou minha vontade, me demoveu desse intento; pelo que disponho que si essa venda se realizar, como ajustada está pela mencionada quantia de oito contos de réis, — a quarta parte dessa quantia que corresponde ao que nella poderia caber representativamente como quinhão hereditário, aos filhos dos meus quatro collateraes extinctos, isto é, dois contos de réis repartidos pelos herdeiros de cada collateral, seja pelo meu testamenteiro integralmente entregue á minha irmã germana d. Maria Carolina, viuva Temporal, não como collateral que é, mas como legatária a título beneficiário, devendo ter

o restante do referido preço a mesma applicação das quantias acima referidas. Caso, porém, tal venda se não dê, terá dita parte do prédio o destino que já lhe foi disposto.

DECLARO que todos os objectos em gêsso ou terra cota, madeira ou bronze, poucos representando folhas d'arvore (menos um busto de Augusto Comte, em gêsso bronzeado, por Luiz Lagarigue, que pertenceu ao meu amigo Justiniano Meyrelles e com um retábulo enquadrando photographias de Congreve, Lagarrigue, Lemos e Mendes, será entregue ao seu espontâneo filho adoptivo (Jorge Rodrigues Coutinho) objectos existentes na sala que habito á Rua Taylor n.º 159, alguns dos quaes já partidos e outros esfarelados pela acção do tempo, várias mudanças e, mormente, por terem sido modelados em barro já cançado, á mingua de material mais resistente e duradouro (pelo que voto, e confiadamente espero mesmo, que o nosso commum amigo e hoje consagrado esculptor, Eduardo de Sá, com tempo e vagar, se lhe fôr possível e quanto de mister, os restaure e complete, para que se não perca o emotivo surto que evolutivamente os inspirou) pertencem ao espólio Almeida Reis, supra citado.

Taes são: estatueta "Dante ao voltar do exílio", inspirada no meu soneto "A Dante Alighieri"; "Alma Penada" (guai à voi anime prave!), de assumpto dantesco (Inf. c. III); "Expiação", modelada para a Casa de Correição desta Capital; "Apotheose do regimen pacífico e industrial sobre os destroços da guerra", isto é, do instincto constructor, que tudo produz e conserva, sobre o instincto destruidor, que só consome e devora tudo; "busto do seu discípulo Emmanuel Lacaille" posando de pescador Napolitano; *"portrait-charge"* do imperial "Poeta Garcia" (irmão do genial compositor beethoveniano Pe. José Maurício); cabeça da estátua "O Crime", premiada na Exposição de Philadélphia e, ao voltar della, na Alfândega, partida; e dois *fac-similes* em madeira, por elle copiados (Reis, que aprendera com seu pai, era insigne esculptor em madeira, havendo delle uma bellissima imagem numa das igrejas desta Capital) de dois caboclos existentes no pedestal da estátua do 1.º Imperador, no Largo do Rocio, além de um ou outro *apontamento em barro*, já agora ininteligível.

Todos esses objectos (como um esboço acabado da estátua de Osório, que foi subreptíciamente parar ao

atelier Bernardelli, onde foi visto e donde logo desappareceu) se achavam no atelier Reis no Largo do Paço (pavimento térreo, onde hoje existe a Repartição Geral dos Telégraphos) sob a guarda de Epiphânio Borges, quando sem *tir-te* nem *guar-te,* foi brusca e violentamente demolido — e eu próprio em pessôa consegui salvar dos respectivos escombros e da inesperiência de seu filho, então menor de uns treze annos, que ia começando a dissipar outros, relativamente, de somenos importância (caricaturas, em barro, de summidades artísticas em voga) que encontrava no espólio de seu pai; pelo que, desde então — 1889 — eu o carrego sobre os hombros, procurando, quanto possível conservar através da "Revolta de Setembro" e outros motins políticos não menos demolidores. — Todos esses objectos, digo, pertencentes ao espólio Almeida Reis, do qual sou e sempre me considerei mero detentor, serão entregues á sua nora, viuva do seu referido filho Eugênio de Almeida Reis, — apezar de não ter ella, infelizmente, por força das circumstâncias talvez, podido impedir que duas magníficas pequenas telas, existentes em seu poder, e nas quaes o infortunado e grande estatuário foi genial e expressivamente retratado, em Paris, por Pedro Américo, fossem parar á "Galeria Jorge" cujo proprietário, não obstante o meu testemunho pessoal, que invocou, na qualidade de amigo que fui de ambos, teime em confundir, apresentando a mais característica dellas, como sendo de Fagundes Varella, segundo se póde ver de uma reproducção polychrômica, publicada este anno pela "Illustração Brasileira", que, logo depois, foi sabedora do facto, mas não rectificou o erro.

DECLARO, mais accentuadamente, que todos os meus versos e outros escriptos se acham encerrados numa grande caixa de madeira branca, fechada a cadeado e nella deverão ficar sob a guarda e immediata vigilância do meu testamenteiro, de cujo poder não deverão sahir, sinão para serem revistos, interpretados, corrigidos se fôr mister, e, finalmente, com cuidado, publicados, do modo que dito fica, devendo esse penosíssimo trabalho (remunerado se for mister) ser superintendido por meus amigos e correligionários Sílvio Vieira Souto, Luiz B. Horta Barbosa e Jefferson de Lemos (quanto aos de inspiração scientífica, philosóphica e religiosa); Manoel Miranda, Antônio Lobo e Reis Carvalho (quanto aos de cunho mais restrictamente político e social, escriptos nos

tempos da propaganda abolicionista e republicana ou durante o período de minha transição metaphysico-revolucionária, cabendo, entre estes, especialmente, a Reis Carvalho, a revisão dos meus versos humorísticos, epigrammas e sátyras); Frederico Ferreira Lima (quanto ás reproducções dactylográphicas); Eduardo de Sá e Décio Villares (quanto aos trabalhos gráphicos ou peculiares á arte do desenho, si forem necessários), — o que não priva que sob o ascendente co-ordenador do primeiro, possam todos conjunctamente agir, em bem do commum escopo e maior facilidade da tarefa commum. Si, porém, contra minha espectativa e toda previsão humana, em caso extremo, por fatal eventualidade material ou prejudicial instabilidade das coisas e destinos humanos, que não é provável mas tambem não é impossível se possam dar, a publicação dos meus versos se não consiga, de qualquer modo, fazer aqui, — alvitro, então, que, já passados a máchina e devidamente acautelados os originaes, sejam entregues ao meu grande, dedicado, sempre grato e respeitoso amigo Eduardo Hoerhann, um dos meus testamenteiros, para que os collecione e conserve entre os bravios botocudos que mansa e heróicamente, dizendo-lhes, em caingango, "Eu vos quero bem" — pacificou, como lição ao "pequenino" futuro guerreiro "Generino Nandja", a quem pertencerá a propriedade das edicções que, em taes circumstâncias, seu pai quizer publicar — com a só condição de ceder metade do producto líquido da respectiva extracção á Igreja e Apostolado Positivista do Brasil, se tiver aceitado minha offerenda, ou no caso contrário, ao patrimônio da escola profissional que, pelo presente, se deverá crear em Pernambuco, como acima estatuído foi.

Toda a minha obra poética deverá intitular-se "Humaniadas" — título que, comquanto possa parecer um pouco pretencioso, cuido lhe não assente mal, desde que se advirta que cada uma de suas composições (sonetos), embóra philosóphica e históricamente filiadas entre si por um mesmo ideal fundamentalmente humano, de modo a formarem todas como que uma espécie de subjectiva epopéia cyclica, tem todavia existência própria e á parte, como se fora um pequenino episódico poema, a que nada faltasse para seu perfeito acabamento, — podendo, assim, serem todas publicadas, desordenadamente, num só ou mais volumes, segundo as circumstâncias do momento o determinarem.

Deverão tambem dividir-se, de um modo geral, em três grandes partes: — O Mundo, a Humanidade e o Homem; devendo a 1.ª conter quanto fôr paisagem ou pintura descriptiva do meio cósmico — a natureza brasileira, scenário em que a Humanidade me fez surgir e onde me tenho agitado; 2.º o meio intellectual, social e moral, isto é religioso, em que appareci e com que a Humanidade me favoreceu, desde as inspirações doutrinárias do presente ás aspirações ideaes do porvir e as reveladoras retrospecções do passado, que lhes servem de base, alimento e estímulo; 3.º, lyrismo ou impressões individuaes que, através dos meus oito sentidos ou do meu próprio entendimento, pela observação directa e concreta da natureza ou pela contemplação indirecta e abstracta do mundo, das coisas e dos homens, com quem tenho vivido, recebí através de toda a Arte — da forma, da côr, do som, etc. ou do alheio pensamento, de qualquer modo expresso em suas concepções scientificas ou nas suas manifestações esthéticas e literárias que me tivessem impressionado.

E, em cada uma dessas divisões, se gruparão systemáticamente — em livros especiaes, si fôr possivel — todas as minhas composições ora promíscuamente esparsas pelos livros "Paisagens", "Humaniadas", (versos de inspiração scientifica, philosóphica, social e religiosa), "Immortalidade subjectiva", (Mármores e Bronzes — culto dos Mortos — Commemorações diárias, anniversárias, centenárias); "Alma Collectiva (Hymnário) Alma Reflexa" (impressões de Arte) "Alma Alheia" (antiga e moderna — Coevas e Ancestraes — versões de poétas antigos e modernos), "Rapsódias Pernambucanas" (Reminiscências, de todo gênero, de minha Terra Nativa); "Moscas de Milão" (humorismos, epigrammas e sátyras); e uma *plaquette,* contendo em vernáculo antigo, tentativas de versão de alguns cantos do "Inferno" de Dante, salvos do naufrágio de minha longa porém mallograda existência de olvidado mas impenitente rimador.

— "Humaniadas", que já têm prefácio e *post factum* em verso, serão, em seu conjuncto, dedicadas: a Minha Mãi, que me formou o coração; a Meu Pai, que me cultivou o espírito; a Augusto Comte, que me esclareceu e fecundou o entendimento, disciplinando o caracter e dirigindo a actividade; e a Dante Alighieri, que me exalçou e ennobreceu o estro, fazendo sentir e comprehender

quanto ha de grande e sublime na verdadeira poesia; — devendo cada um de seus livros ou divisões ter uma sub-dedicatória ou dedicatória especial, que deixarei por escripto, á parte, ao meu testamenteiro.

DECLARO que, além de alguns volumes que me não pertencem e serão opportunamente assignalados para que sejam devidamente entregues a seus donos, possuindo eu, na casa e sala que habito ou que se acham guardados no estabelecimento do meu amigo Joaquim Nunes, alguns livro de consulta e outros, escolhidos, de minha habitual leitura, para não mais alongar estas minhas declarações, que, feitas ao correr da penna, já vão assás longas, tambem me reservo dar ao meu testamenteiro instrucções á parte, quanto ao destino que devem ter; devendo-se incluir neste dispositivo, dentre as minhas velhas brochuras e papeis velhos, alguns que têm real importância ou relativo valor histórico, não só pelo seu contexto como por que não são ou difficilmente serão encontrados á venda no mercado ou á leitura nas Bibliothecas Públicas; e eu os archivava como subsídios para a construcção — si bem que prematura, único fito de toda a minha mallograda carreira poética, — da "Epopéia Nacional Brasileira", que tenho toda mentalmente architectada, só me restando escrevêl-a — o que, já agora, em razão da minha avançada idade e carência da despreoccupada tranquillidade — como de estímulos, abandonado de tudo e de todos, como vivo e sempre tenho vivido, — se me torna difficilimo sinão impossivel realizar; pelo que a reputo irremessivelmente falha, — mas epopéia cujo plano, súmmula ou argumenta, aqui, altruísticamente, offereço a quem mais feliz do que eu, carinhosamente bafejado pela predilecção das "Musas" e, sobretudo, favorecido pelos caprichos do destino, a queira e possa realizar — e vem a ser, *per summa capita,* o seguinte:

— Deverá ser, systemáticamente escripta em acróstico, e dividida em treze cantos, sendo três de introducção, consagrados a toda a evolução humana, — intellectual, cívica e affectiva — na Grécia, em Roma e no Occidente, — até, com o advento e espansão da actividade industrial, no XIV século, á descoberta da bússola, da grande navegação, da América e do Brasil, em que entra a acção própriamente dita da Epopéia; sete cantos, especialmente destinados á evolução brasileira (sob a do-

minação particular e transitória de Portugal e com elle, da Hespanha; da Hollanda e da França, tambem parciaes e transitórias; e, já permanentes e definitivas, do vice-reinado e Reino Unido do absoluto Rey João VI; e, feita a Independência, sob o regimen monárchico temperado do 1.º e do 2.º Impérios, até o advento da actual "República Federal", — (mas como elles, nominalmente democrática e fictíciamente representativa) — enquadrada na evolução humana, a que ligou-a, encorporando á civilisação occidental, o colono europeu usurpador, vindo estabelecer-se á beira-mar ou á margem dos grandes rios navegáveis, pela ganância do lucro, pela necessidade da defeza contra a repulsa do selvícola usurpado, e mesmo maior probabilidade de salvação no caso de fuga; — evolução brasileira que culminou quanto ao indígena inassimilável na "Confederação dos Tamoyos"; quanto ao preto affectivo, na "declarada extincção do Elemento servil", e, quanto ao branco, atilado mas surprehendido, na "Proclamação da República" — que é, entretanto, históricamente, todo o fundo do quadro político da nossa nascente Nacionalidade, não sendo os dois impérios mais do que episódicos detalhes; — e, finalmente, três cantos de conclusão, predizendo, pelo nosso heroico passado e presente incerto, o nosso glorioso porvir, através da formação e florescimento da nossa raça social pela fusão e caldeamento das três raças éthicas que collaboraram na creação da Pátria Brasileira, e seu advento á República Occidental: — a raça cabocla ou indígena, ainda primitivamente fetichista, que se suppõe pre-existente no solo brasileiro, em cujos sertões (de onde a Missão Rondon a está trazendo agora) se confinou, vencida a "Confederação dos Tamoyos", que a havia congraçado contra o "emboaba" ou invasor commum; a raça preta, que nos veio, com o navio negreiro, do sul da África, e, através dos mais torpes e negregados latifúndios, soffreu, bondosa e resignadamente, o mais aviltante jugo, até a "Abolição"; e, finalmente, a raça branca, invosora ou immigracionista, que, movida pela felonia d'oiro, nos veio então, do mundo antigo, em aventureiras caravelas com sacres por banda, á fina força, colonizar — e, ainda agora, depois do grande crime occidental, aos milhares, de todas as partes do moderno mas arrasado mundo, com o captivante intuito de "melhor nos conhecer" ou de povoar o solo — mas, no fundo, não sem certa pontinha de simulada, ainda que impotente, cobiça de possível recolonização — noite e dia, nos está chegando) até ao

advento da República: — e nos ajudará, queira ou não queira, evolutivamente, regenerada ou fundida em nossa futura raça social, a implantar no Brasil o sociocrático regimen final, em pleno altruístico domínio da tolerante Religião da Humanidade — religião que encorpora, como etapas gradativas de um só e idêntico sentimento religioso, todas as demais religiões, ligando as differentes phases de nossa vida entre si e religando-a com a de nossos semelhantes, intellectualmente, pela Fé, e, sobretudo, affectivamente, pelo Amor, — que para Aug. Comte, como para São Paulo, é tudo.

Isto, quanto ao fundo da Epopéia, cumprindo, em relação á fórma, dizer, agora, que cada canto se dividirá em três partes; cada parte se comporá de sete estrophes; cada estrophe de treze versos; cada verso de treze syllabas (com uma pequena modificação no alexandrino ou hexâmetro francez) rimando clássicamente como na oitava rima comoneana — mesmo quanto ás rimas parelhas dos últimos versos de cada estrophe, que transbordarão na estrophe seguinte, rimando com o primeiro verso dessa mesma estrophe e, successivamente, assim; — razão pela qual, desde o início de minha carreira poética, adoptei, quasi que exclusivamente, para minhas composições em verso, a fórma, — então entre nós obsoleta — do soneto que, tendo quatorze versos, com o transbordamento das duas últimas rimas do segundo terceto, que serão parelhas, no primeiro verso de outro soneto com o qual rimarão, mais se approxima da nova fórma por Augusto Comte ideada e construída para o "Poema da Humanidade" e que, com ser o mais difficil, é o mais synthético, perfeito e acabado, de modo a parecer que, dizendo tudo, nada ficou por dizer.

DECLARO ainda que, possuindo para minha cultura affectiva e satisfação espiritual, alguns objectos que, em 1872, me foram dados por minha Mãi, quando sahi de Pernambuco, e conservo, como verdadeiras relíquias, a saber: um exemplar, em vulgata, da "Imitação de Christo", de A' Kempis; um "Manual de Missa" do seu culto cathólico; duas toalhas de crivo e um lençol de linho crú, que nunca foram usados; e um espelhinho oval, de crystal *bisauté*, com moldura de couro da Rússia, em óptimo estado de conservação; e não desejando que taes objectos vão parar a mãos de extranhos, peço que sejam entregues á minhá sobrinha Maria do Carmo Temporal

Braga, esposa do Coronel Alexandre Braga, para que os reparta com sua Mãi e minha irmã Maria Carolina dos Anjos Temporal.

Outrosim, declarando possuir no meu archivo uma collecção completa (onze números) do quinzenário "O Trabalho", a que se refere Sylvio Romero na "História da Literatura Brasileira", e outra (195 números, com falha de um ou outro esgotado) do Hebdomadário humorístico "O Diabo-a-Quatro", além de um número (único) do "Scorpião", periódico que, com Souza Pinto, Rangel de São Paio e outros, fundei e redigi no Recife, — e uma página de "Album" que pertenceu a uma irmã do Duque de Caxias e por uma sua sobrinha, D. Carolina de Lima e Silva Hoerhann, primeira esposa do meu amigo Miguel Hoerhann, me foi doada — página em que se acha manuscripta a partitura de uma ária da ópera de assumpto pernambucano "Marilia de Itamaracá" — a primeira ópera lyrica, talvez, que se tenha escripto no Brasil — por um compositor allemão que assigna "Doutor em Música"; bem como, na minha residência e em depósito na "Perfumaria Nunes", entre outros objectos d'Arte, algumas pinturas a óleo, como sejam: uma cabeça de Tiradentes, fincada em seu ignominioso poste immorredouro, em Villa-Rica, que foi pintada e me offerecida pelo meu amigo e pintor architecto Leopoldino de Faria; o meu retrato, do natural, em bronze (medalhão), modelado e fundido sobre fundo circular de jacaranda-ciré, com o meu nome — Generino dos Santos — em letras de metal embutidas na madeira, pelo meu amigo e estatuário Almeida Reis, quando a esforços meus, se fundiu, com o mesmo bronze, a "Estátua do Progresso"; e um retrato do próprio Almeida Reis, modelado e fundido em gêsso por seu discípulo Emmanuel Lacaille, para ser offerecido, como foi, ao Mestre, por esse motivo e naquella occasião: — disponho que sejam offerecidos, em meu nome: 1.º, as collecções dos periódicos á Bibliotheca Nacional e o *spartito* da ópera ao Instituto Nacional de Música; 2.º, a Cabeça de Tiradentes, ao seu votivo Club ou si vier a faltar, ao "Grêmio Nacionalista Floriano Peixoto", os dois patrióticos reductos, e, ainda hoje, prestantes baluartes de propaganda e glorificação da República; 3.º, o meu retrato em bronze, á Academia Pernambucana de Letras, da qual, por motivo doutrinário, recusei ser sócio correspondente, negando a Rigueira Costa consentimento para propor-lhe o meu nome; sendo-lhe tambem entregue, com o meu retrato — e acompanhada

de todos os títulos e documentos comprobatórios do seu julgamento por literatos maranhenses, para que os guarde e conserve, se julgar dignos disso — uma grande corôa de paletas doiradas, que, em concurso inter-estadual para composição literal de um hymno á educação physica, me foi deferida pelo Estado do Maranhão; 4.º, que seja fundida em bronze o medalhão de Lacaille para ser fixado no pedestal do Monumento que a Almeida Reis foi erigido no Campo Santo de São Francisco Xavier pela Igreja e Apostolado Positivista do Brasil, graças á iniciativa e á realisadora intervenção pessoal do Eminente Apóstolo da Humanidade, Snr. R. Teixeira Mendes, cumprindo um voto de Miguel Lemos, expresso em sua IX circular annual de 1889.

E determino mais que todos os meus papeis íntimos que attestem, de modo positivo, não ter sido de todo inútil nem menos digna minha transitória passagem pelo Planeta Humano, — papeis dos quaes destaco um "Album Literário", contendo auruspicioso escripto psychológico a meu respeito (*); uma carta em que Saldanha Marinho se compraz de ter-me como seu collega, collaborador e companheiro de escriptório; a costaneira de documentos que instruiram a petição com que concorri ao provimento da serventia vitalícia do primeiro cartório do Registro de Hypothecas, vago por morte do General Faria Rocha — e affectuosíssimas cartas de família e de amigos, como as de Justiniano Meyrelles, Osiel Bordeaux Rego e tantos outros, inclusive a do Cons. Ferreira Vianna sobre a morte de seu filho e meu amigo Arthur, sejam collecionadas e conservadas pelo meu amigo Eduardo Hoerhann, um dos meus testamenteiros, — a quem serão, do mesmo modo, entregues todos os objectos de meu uso pessoal, — especificadamente, entre mais miudos que mencionarei á parte: com a respectiva corrente, um relógio americano de corridas, *remontoir*, com duplo tampo e folheado de oiro, que carece de concertos e deverá ser préviamente concertado, com que me mimoseou o médico Rosas Torres, por lhe ter ganho, no fôro desta Capital, uma questão — "que só eu, do hábil modo por que a tratei, lhe poderia ganhar", como em presença de Saldanha Marinho Filho, me declarou a parte vencida, indo pagar-me as custas do intrincado e

---

(*) Da austera penna incorruptível de Luiz Ferreira Maciel Pinheiro. (Na márgem lê-se: "Escrevi, abaixo da pauta, esta nota explicativa, Generino"). — S. V. S.

artificioso processo; um monoculo de crystal de rocha com aro de oiro, que, symbólicamente, me foi doado por um collega de redacção, quando fundei e dirigi "O Diabo-a-Quatro"; uma "gillete", em estojo nickelado, com que, na Casa Hermanny, me presenteou o meu amigo Antonio Lobo, — e lhe será agora restituida, como grata recordação minha e perenne attestado do facto; duas bengalas, uma de cipó queimado Amazonense, com monogramma aberto em prata, que me foi dada, em recompensa de um serviço jurídico prestado, pelo commandante Pessoa, do "Alagoas", antes que tivesse levado para o exílio d. Pedro de Alcantara e sua Imperial Família, e outra, de madeira de lei, imitando couro, e tendo por castão uma cabeça de águia, ora cega, trabalhada por um sentenciado, na Casa de Correição desta Capital, quando ministro da Justiça o dr. Esmeraldino Bandeira, a quem foi offertada e m'a deu; e uma libra esterlina que, por occasião de um meu anniversário, pouco antes de sua morte, ha muitos annos já, me offereceu como lembrança de um serviço prestado, o meu amigo João Leão Ferreira Souto; e, conservando-a, em especie, como recordação saudosa do meu infortunado companheiro de aspirações políticas e crenças religiosas, mas, sobretudo, olvidado patriota que — proto-mártyr da sua própria dedicação — á custa de indíziveis sacrifícios, superintendeu e realisou, aqui, no Rio e no Estado, até ao advento da República, toda a propaganda que della fez na "Potyguarânia" ou Rio Grande do Norte —, por minha vez, offereço agora ao meu pequenino homônymo — Generino Nandja, para que como a formiga, presentindo os aspérrimos dias do inverno, com ella inicie o seu previdente e providente migalheiro. E, finalmente,

DECLARO que, tendo nascido de pais cathólicos no seio do catholicismo, e nelle sido baptisado e chrismado na extincta igreja do Corpo Santo, matriz da Freguezia de São Frei Pedro Gonçalves, no bairro do Recife, cheguei evolutivamente, por mim mesmo, por uma necessidade do meu espírito que fluctuava no vasio de perdidas crenças sobrenaturaes, com a leitura casual e depois meditada do "Discurso de introducção á História Concreta da Humanidade", dos "Grandes Typos da Humanidade" e da "Civilisação Chineza" (que, depois traduzi, por incumbência de Miguel Lemos) de Pierre Laffitte, d'"A India", de Ricardo Congreve, seguidos, logo depois, da "Philosophia Positiva" (condensação Martineau) da "Política" e mais obras fundamentaes de Augusto Comte e seus fieis discípulos, completadas e consolidadas, pouco a pouco, não só pela quotidiana propaganda oral e escripta, ardorosa e idôneamente feita no Rio de Janeiro, mas ainda, e principalmente, pelo curso systemático que, do dogma positivista, por alguns annos na "Sala Daniel Encontre" e alhures fez o eminente Apóstolo da Humanidade, Snr. Teixeira Mendes, e assíduamente segui, tendo tido a incomparável ventura de ver scientificamente demonstrada toda a veracidade desse indestructivel dogma — cheguei ao Positivismo ortodoxo e submissamente livre, — sem constrangimento de compromisso algum ecclesiástico, á Religião da Humanidade, que encorpora (*) todas as demais religiões — desde o fetichismo inicial, que aliás atravessa toda a nossa existência, como etapas gradativas de um mesmo sentimento religioso que se fosse contínuamente desenvolvendo, de modo a se poder comparar o homem e a Humanidade como um sêr, individual ou collectivo, que, no tempo e no espaço, fosse ascendentemente variando, permanecendo, todavia, idêntica e fundamentalmente o mesmo, — como pallidamente transluz deste soneto de "Humaniadas":

Acto de Fé Positivista

Amen Te magis quam me
Et nec me nisi propter Te

Creio em Ti, Grande Sêr, Mãi carinhosa
Que em teu fecundo seio immaculado,
Engendraste o presente do passado
Contemplando o porvir que te endeosa.

Tudo que sou, t'o devo. És a assombrosa
Providência real que me ha guiado;
Pois, sem Ti, todo amor fôra peccado,
E toda sciência egoística e vaidosa.

(*) Estava escrito — "encorporando" — lendo-se, porem, á margem: "Risquei as três últimas letras da palavra, Generino". — S. V. S.

Eu, que outrora, sem Ti, luctava a esmo,
Por Ti me agito e teu soffrer partilho;
Partilho teu destino afortunado.

O' Virgem Mãi! O' Filha de teu Filho!
Que eu ame mais a Ti do que a mim mesmo;
E nem a mim, senão por ter-Te amado!

*
* *

E, como na Religião da Humanidade tenho vivido, nella desejo morrer ou subjectivamente transformar-me, sendo modestamente sepultado, segundo seu ritual, na sagrada necrópole de São João Baptista da Lagoa, si possível envolto no "auri-verde pendão de minha Terra", que evoluiu do "iriado pavilhão solar de Dezesete"; confederando-a "como em vinte e quatro a do Equador".

Assim a Humanidade me ajude e meus co-religionários, na hora extrema, me não desamparem. — Assim seja.

E, para fechar o presente, sempre de minha livre, espontânea e deliberada vontade, calma e ponderadamente, nomeio meu primeiro testamenteiro o meu amigo Joaquim Nunes, que será tambem para todos os effeitos legaes, inventariante de todos os meus bens, com direito á sua posse e administração (Cod. Civ. Art. 1754), servindo, em falta delle, os meus amigos Francisco Alves Vieira e Eduardo de Lima e Silva Hoerhann, aos quaes todos peço que aceitem tão penoso encargo e marco o prazo que fôr necessário para o fiel e integral cumprimento destas minhas disposições testamentárias, pedindo tambem ao sr. Tabellião de Notas do 6.º Offício, Francisco Antônio Machado, se sirva de approvar o presente, declarando, nos termos do Art. 1638 e seus números, do cit. Cod., que o recebeu, perante cinco testemunhas, da mão do testador e o tem, como realmente sendo o seu testamento, por bom, firme e valioso, cerrando-o e cozendo com todas as formalidades legaes, logo depois de lhe haver exarado e lido o respectivo instrumento de approvação, que elle testador de próprio punho assigna com as referidas testemunhas presentes ao acto em cartório. Capital Federal da República dos Estados Unidos do Brasil, em 1.º de Janeiro de 1927 — GENERINO DOS SANTOS.

Fôram testemunhas: Joaquim Nunes — Francisco Alves Vieira — Duarte de Abreu — Camillo R. Lemos e Moacyr Quirino do Nascimento.

As testemunhas em um testamento não pódem ser herdeiras instituídas, nem os acendentes nem os decendentes, irmãos e cônjuge de qualquér délas. Não pódem ser tambem legatárias. Era de toda a necessidade lembrar aqui estes preceitos decorrentes do art. 1650 do Cod. Civil. — (Nota de S. V. Souto).

OSSÁRIO DE GENERINO DOS SANTOS

(Cemitério de São João Batista)

"HUMANIADAS" ...serão, em seu conjuncto, dedicadas: a *Minha Mãi,* que me formou o coração; a *Meu Pai,* que me cultivou o espírito; a *Augusto Comte,* que me esclareceu e fecundou o entendimento, disciplinando o caracter e dirigindo a actividade; e a *Dante Alighieri,* que me exalçou e ennobreceu o estro, fazendo sentir e comprehender quanto ha de grande e sublime na verdadeira poesia..."

GENERINO — (*Testamento*).

PREFÁCIO

Se buscaes, neste livro, um vão Parnasianismo,
A fórma que mais prenda, o som que mais agrade,
Fechae-o. — A arte pela Arte, aqui, não tem cidade;
— Nem Decadismo, aqui; aqui, nem Symbolismo.

Encontrareis, só, sim, um são naturalismo,
Que se inspira na sciencia e na emotividade;
— O homem através do mundo e a Humanidade,
"Humanismo..." direis; — dizei: "Positivismo".

Mas não vereis, aqui, rhetorico ornamento.
A lógica, que prende os signaes ás imagens,
Subordinou-se, aqui, de todo, ao sentimento.

— Que uma fórma — tão só! — tem cada pensamento;
E essa... não é "seda indiana de ramagens"
Que cambia de tons, á luz, cada momento!

Rio, 1-III-07.

POST FACTUM

AOS CRÍTICOS DE "HUMANIADAS"

"Quod scripsi, scripsi".

O que ahi vai, não foi escripto
Para quem lê so-le-tran-do
Um verso que vai voando
Para o porvir — o infinito.

Com buril — e não graphito —
Fui, dia a dia, entalhando...
— O que vos ia escapando! —
A alma humana, — em granito.

E... é um mundo, que foi volvendo
Sem vós. — Não podeis, assim,
Comprehendêl-o... estaes vendo.

De vós nada quero, emfim!
— Que eu, a vós, vos não entendo;
— Nem vós me entendeis a mim!

Rio, 24-III-07.

HUMANIADAS

LIVRO PRIMEIRO

PAISAGENS

OS INFINITAMENTE GRANDES

Herschel ! prestas-me em vão tua luneta !
Vejo-os a olhos nus por toda parte:
Desde a alva Lua ao avermelhado Marte,
Desde o asteróide ao irregular cometa.

Sou do hemispherio austral deste Planeta
Que tem a via lactea a gloriar-te,
O' sol; e não preciso analysar-te
A photo-esphera para ser poeta.

Bem sei que és centro de immortal systema,
Onde, ás leis da attracção, se vão movendo
Astros sem conta em luminoso schema.

E me sinto maior se te estou vendo:
Gloria a ti, que és o auctor deste poema
Que com letras de luz vais escrevendo.

(102—1890).

——o——

OS INFINITAMENTE PEQUENINOS

Quando contemplo ao microscopio os mundos
Dos infinitamente pequeninos,
E os comparo em seus miseros destinos
Aos sóes que gyram pelos céus profundos;

Vejo que, eternamente peregrinos,
Movem-se no espaço os astros mais jocundos,
Ao passo que só vive alguns segundos
O infusorio nos charcos assassinos.

E eu pergunto porque é que a sua vida,
Que, entre o organismo e o meio, é movimento,
Não segue a mesma lei delles seguida;

E porque ha de viver um só momento
O verme, quando uma estrella desvivida
Vive sempre a brilhar no firmamento.

(102—1890).

——o——

A SYNTHESE UNIVERSAL

1.º

O GRÃO DE AREIA E A CORDILHEIRA

Do sol, ao desprender-se em nebulosa
A Terra — ou o Gran-Fetiche que procreia —
Creou, ao resfriar-se, o grão de areia
Que em pedra se aggregou, sendo argilosa.

E a pedra, aggregada á pedra, algo preciosa
Engendrou a montanha que se alteia
E, com outras montanhas, se encadeia,
Formando a cordilheira, ampla e alterosa.

E, geologicamente evoluindo,
Elaborando foi os elementos
Que geraram a vida no Planeta

Pois não mais é a vida, resumindo,
Do que a troca constante de alimentos
Que o grão de areia a Cordilheira affecta.

(29-IV-927).

——o——

2.º

A SEMENTE E A FLORESTA

E, dessa rudimentaria e obscura vida,
Brotou na Terra a primeira semente,
Que engendra a planta e a planta a arvore ingente,
Pouco a pouco, em floresta convertida.

Eil-a que se levanta e sorprendente
Faz lembrar legião emudecida
De Briareu, de comma viridente,
Que ficou, num pé só, estarrecida.

Porém, na chlorophylla de seus braços,
Circula a viva seiva da existencia
Que nos injecta a Natureza em festa

E emmoglobina o sangue, em seus abraços,
Ligando ao coração a consciencia,
Como a semente á fauna da floresta.

——o——

3.º

O OVULO E A HUMANIDADE

Plasmando o sangue a céllula, num globulo
Rubro, que gyra em circular corrente
Do coração, estimulando-o, á mente,
No apparelho uterino gera o ovulo.

E basta o excite masculino óbulo,
Para que engendre embryonario ente
Que, evoluindo, se transforma em gente,
Como em semente esse sanguineo globulo.

Mas, gerando o sêr vivo outro vivente
Elle, continua e hereditariamente
Gera a Familia, a Patria e a Humanidade

Que, então, do ovulo a animalidade
E' o conjuncto de seres convergente
Para um commum destino — a felicidade.

Rio, 1-V-927.

——o——

A SERENATA DA MORTE

Uiva lá fóra o mar. Grossas lufadas
De chuva e vento açoitam-me as vidraças.
Ladram, das rochas nas trevosas massas,
As cadellas de Circe, esfomeadas.

Rasgando o ventre ás ondas estouradas,
Barco a vapor, de dimensões escassas,
Singra, levando de Eurydice as graças
E de Vulcano as settas inflammadas.

Onde irá esta sucia intemerata,
Quando não ha ninguem que ao mar se afoite,
Tangendo sons de estranha serenata ?

Uiva lá fóra o mar, gemendo ao açoite
Da ventania... eiza ! — Noite ingrata !
Ingrato mar ! Tempo de cão ! — Que noite !

(188...)

"NATURA MATER"

Manhã de primavera. Almos fulgores
Vêm doirando o alcantil, doirando o prado.
Prepara a natureza ao astro amado
Cheiroso leito de orvalhadas flores.

Cingem-na — alvo sendal — tenues vapores
Lá onde a verde flora ella ha gerado:
O céu azul a ambienta embalsamado;
Cruzam-lhe o seio os sonhos e os amores.

Langor febril a invade, e eil-a que dá-se
Ao sol que a fere com flamminea setta
E em torrentes de luz e amor desfaz-se...

Toda ella vibra; os olhos volve inquieta;
Canta, suspira, chora, e, desse enlace,
Surge a poesia — a noiva do poeta.

(1876)

ESTRELLA D'ALVA

Estrella da manhã, raio mais doce
Dos olhares de Deos,
Que te deslisas a correr veloce
Pelos intimos ceos !

D'onde houveste essa luz madida e pura,
Esse brilho só teo ?
Trazes acaso a aurora da ventura ?
E a tristeza sou eu !

Porque te inclinas, pallida e sentida,
Sobre a flor da manhã;
E choras, si a alvorada é tua vida,
Sempre bella e louçã ?

Nem sabes, não ! Fulgura em teo sorriso
A lua oriental;
E tu passas — visão do paraiso —
Em nuvens de crystal !

Quem me dera comtigo ao pé do dia
Saudar o eterno sêr;
E, adornado das pompas da alegria,
Como um anjo morrer !

Não veria talvez passar-me a vida,
Moderno Promethêo,
Atado ao poste da illusão perdida,
Blasphemando do céo !

Nem da descrença que me vae no peito
Veria o anoitecer,
Peior que as dores, qu'esse funereo leito,
As trevas do não sêr !

Como tu eu seria um brinco eterno
D'aurora do porvir,
Pallida estrella que me accende o inferno
Da esperança a luzir !

Dize: quem foi que deo-te a primavera
Constante dos rozaes;
E a mim pregou-me a poeira e disse — espera
A morte e nada mais ?

Vae, estrella errante ! Em meo fadario
Qu'eu veja-te luzir
Quando dormir meo somno mortuario
Nas nevoas do porvir.

Vejo-te ainda, empyrea potestade,
Em teo leito de anil,
Quando a manhã inunda a immensidade
Com seo clarão subtil.

E o sabiá occulto entre as palmeiras
Gorgeia amores seos:
Retractado na flor das cachoeiras
És tu o olhar de Deos.

Amo-te pois consolo de quem chora,
De quem soffre de amor,
Mais do qu'á noite, recordando a aurora,
A estrella do pastor !

Tu me fallas do céo; e esperas inda
O sorrir da paixão;
Sem ter d'aurora essa saudade infinda
Que mata o coração!

Estrella da manhã, raio mais brando
Dos olhares de Deos!
Oh! vem beijar-me, esquecerei te amando
Tristes amores meos!

(1866).

—o—

LUAR DOS ÊRMOS

Pallida filha dos êrmos,
Virgem das noites formosas,
Onde vaes por sobre rosas
Nevadas rosas de luz?
Buscas acaso, alva lua
Em teo batel prateado
O teo palacio encantado
N'aquellas plagas azues?

A' noite passas dormindo
Por entre flocos de gelo,
N'aquelle scismar singelo
Que enleva minh'alma em flor;
Beija-te a dobra da nuvem
Que deslisa entre vapores,
E foges sonhando amores
N'esse abandono de amor!

Ás vezes, triste e sentida
Como uma gotta de orvalho,
Te debruças sobre o galho
Do laranjal que reluz;
Leva-te a brisa que passa
Roubando teo vulto ao lago
A' florinha o doce afago
De teo olhar que seduz!

Por sobre vagas de prata
Resvalas serena e bella;
Guia-te o passo uma estrella;
Segue-te o curso um adeos!
Por onde passas scismando
Venturas de um'outra edade,
Desbrocha a flor da saudade,
Emblema dos pranctos teos!

Aqui se illumina o monte,
Além a varzea florida,
E a natureza adormida
Parece embeber-te a luz!
Quer brilhes n'um céo de outono,
Quer entre as nevoas do inverno,
Serás sempre um riso eterno
Dos mundos vagando á flux!

Sob o manto da tristeza
Dorme inteira a natureza,
E no seio da devesa
Paira um morbido langor.
Nos planos das cercanías
As folhas tremem macías
Das viraçõnes ao frescor;
E na rêde dos palmares
Dorme á luz de teos olhares
O doirado beija-flor!

Como é doce sobre as flores
Esse manto dos amores!
Como és bella entre os vapores
Da terra adormida assim!
Como as auras namoradas
Se deslisam desmaiadas
Por esses planos sem fim;
E as cantigas do tropeiro

Soam ternas no terreiro
Ao gemer do bandolim!

Oh sonhar de f'licidades
D'aquellas doces edades
Que o bulicio das cidades
Afogou n'um turbilhão!
Como revives saudoso
Ante o triste e pezaroso
Silencio da solidão!
Como te mostras tremente,
E te debruças contente
No meo pobre coração!

Pairavam n'aquelles dias
Mais celestes harmonias,
Mais langor nas algemias
Dos ceos, da terra e do mar!
Ao tremer das ardentias
Doiravam-se as casarías
Da cidade a desmaiar;
E da relva sobre a esteira
Vinha a flor da laranjeira
Seos perfumes derramar!

Era então minha existencia
De amor e luz e innocencia,
No prado, cheirosa essencia,
E a lua cheia nos ceos!
Os regatos deslisavam,
Os rafeiros ululavam
Da noite nos brancos véos;
E nos raios das estrellas
Vinham tímidas donzellas
Desmaiar aos beijos meos!

Mas como tristes, saudosas,
Foram-se as noites formosas,

Uma a uma, como as rosas
De minha alegre estação !
Como minh'alma prancteia,
Nas trevas em que tacteia,
Os sonhos da solidão !
Ah! como dóe esse prancto
Que m'involve em denso manto
Os êrmos do coração !

E agora que as saudades
Vêm lembrar-me as f'licidades,
Quero longe das cidades
Lamentar a minha dôr.
Leva-me, ó lua, aos logares
Onde á sombra de teos lares
Se enthronisa meo amor;
Eu sou a concha que a vaga
Sacode de plaga em plaga:
Quero estes mundos transpor !

Fugirei no teo regaço,
Vagarei além no espaço,
Té que a morte em ferreo abraço
Ponha termo á minha dor.
Banharei minh'alma errante
Em teo silencio constante,
De teos olhos no fulgor,
E das noites no mysterio
Surgirei no val'sidereo
Mais puro aos pés do Senhor !

Vem, ó lua ! Amo-te triste,
Porque és o astro que assiste
Ao descorar do que existe,
A' agonia do arrebol !
Quando passares, teo manto
Deixa rolar sobre o prancto

Qu'eu soluço ao pôr do sol !
Ah! minh'alma em suas dores
.....
.....

Tu passas erguendo o manto
Que involve negro mysterio;
Juncto á cruz do cemiterio
Mais um phantasma alvejou.

Talvez espectro de amante
Chorando amores de outr'ora
N'aquella saudosa hora
Em que da campa acordou !

Oh virgem formosa dos êrmos do norte,
Sant'elmo das noites de incantos do sul,
Quem és? Porque vogas, si o vento é tão forte,
Nos flocos dormidos das vagas do azul ?

Tu surges serena das brumas celestes,
Falúa de amores, princeza entre véos !
Dos raios da estrella sultana te vestes
Teo manto de nuvens rolando nos céos !

Os genios da noite murmuram-te amores !
As brisas que passam balouçam-te o leito !
No seio nevado rectratam-te as flores,
Retracta-te o lago no pallido peito !

Quem és ? Onde vaes ? No azul do horizonte,
Por cima dos mares, atiras-te além !
Esconde-te a nuvem que roça-te a fronte,
Balouçam-te as gazas as brisas que vêm !

E voas! E voas! no azul somnolento,
Rondando as estrellas, celeste condor!
Talvez mensageira nas asas do vento
Ao outro hemispherio fallando de amor?

Na prata dos mares, no lyrio encantado,
No campo deserto, no extenso paúl,
Tu passas deixando teo manto doirado
Impresso co'as nuvens que correm do sul!

Por onde deslisas, se acordam vapores!
Nos traços que deixas frisados de luz
Que doce harmonia na voz dos amores!
Que amores! Que enlevos no olhar que seduz!

Oh! vem na minh'alma mirar-te um momento,
Sant'elmo das noites de encantos do sul!
Me cerca horizonte que molha o relento,
Vem tu prateal-o co'as scismas do azul!

.....
.....

A BALLADA DA LUA

Quando, no fino azul, translucido e saudoso,
Da noite vai-se a lua erguendo lentamente,
— Facho electrico acceso em globo encandescente,
Que após si vai deixando um rasto luminoso;

Eu gosto de ir por elle, a sós, tranquillamente,
Seguindo-a — homem-batel — sobre o elemento undoso:
Cuido-a Pandóra então, do seio malicioso,
A jorrar nostalgia em pedraria ardente.

E eu me lembro de vós, noites da minha terra,
Alvas noites de luar mais alvas do que o dia,
Noites de Agosto, em que, refracta, a luz aberra

E no Capibaribe espelha a imagem tua,
— Lacustre capital onde habita a poesia...
E — Mathurino — eu rimo a ballada da lua.

(1891)

——o——

IRIS LUNAR

A Sampaio Ferraz

Hontem á noite, achando-se impregnada
A atmosphera de humidos vapores,
Surgiu a lua cheia, entre esplendores,
Das sete cores do iris circulada.

Dir-se-hia um olho, d'iris multicores,
Que nos fictasse um longo olhar de fada,
Na silenciosa noite constellada,
Propicia ao sonho e mais propicia a amores...

Toda a gamma espectral, na photosphera
Lunar, foi-se, porém, logo esbatendo
Em nuanças, no azul da primavera;

E o plenilunio, mais e mais se erguendo,
Mostrou por fim a luminosa anthera
Como um lyrio de luz que vai morrendo.

(109—1897)

—o—

O COMETA DE HALLEY

"O espectroscopio accusa que a luminosidade do Cometa de Halley é actualmente devida ao terceiro estracto do cyanogenio". — Despacho de Pickering, do Observatorio de Cambridge, em 31-XII-909.

1.º

Bello astro immortal que, eterno, fazes
A eterna romaria das estrellas,
Como si a mais formosa entre as mais bellas
Trouxesse á cauda condensados gases!

Com tua nebulosa, tu perfazes,
Por entre o sol e a terra, que cairélas,
O teu cyclo fatal... e nos revelas
Da Humanidade as differentes phases!

Qu'importa o cyanogenio, em tua massa,
Nos destrua a animal vitalidade,
Si és bem o "Eterno Viajor" que passa!

Si viveres por toda a eternidade,
A quem sobreviver a tal desgraça
Tu dirás que existiu a Humanidade!

Rio, 18-V-910 (2 ½ h. m.).

—o—

O COMETA DE HALLEY

2.º

(*Observação de um Astrólogo Humorista*)

Vai descrevendo a ellipse erradia
No espaço infindo... E, tendo já passado
Entre Venus e a Lua, eil-o enfaixado
Entre o Sol posto e a Terra que alumia.

E, projectando a cauda, ampla e alvadia,
— Cone de luz p'ra o zenith voltado —
Por uns quarenta gráus de céu nublado,
Envolve a Terra... e o pánico irradia !

Mas... passou... já vai longe... espaço em fóra...
Abeirando Saturno que devora
A prole... e ri dos delecterios brilhos,

Não do Sol, nem de Venus, nem da Lua,
Mas de quem nunca foi, por honra sua !
Como Saturno que devora os filhos...

Rio, 19-V-910.

O COMETA DE HALLEY

3.º

EM PLENO DOMINIO DAS HYPOTHESES METAPHYSICAS

(*Reflexões de um philosopho naturalista*)

Mas supponde que o rábido halleyano,
Contra a "gravitação", chocava a Terra;
E o cyanogenio, que sua massa encerra,
Entoxicava quanto vive e é humano:

Sobrexistiria ao cataclysmo ou damno
Quanto o mundo inorgánico descerra ?
Ou, n'uma subversão d'astros em guerra,
Ruíra todo o céu newtoniano ?

Porém que fôra o espaço — uno e universo —
Sem a Terra ? E, sem ella, a Humanidade ?
— Sem seu "Meio" e "Fetiche", o Grande Sêr ?

Volverá ao cahos, então, que lhe é adverso,
Tudo o que existe e tem vitalidade ?
— E Deus ? Que fôra Deus ?... Não póde ser !

Rio, 19-V-910.

AO PÔR DO SOL

(MARINHA)

No carnet de viagem do saudosissimo reporter
João de Almeida

O mar é calmo agora. Suave brisa
Sopra á feição, frisando docemente
A onda, em cujo seio transparente
Um raio do sol posto se deslisa.

E' a hora em que, prismatico, se irisa
Do céu azul o esplendido ambiente;
E, em rendilhadas nuvens do poente,
Uns longes de tristeza esbate a brisa.

A noite estende a lucida mantilha...
E um paquete do sul, todo anciedade,
Movendo as rodas, o oceano trilha...

Negro rolo de fumo o espaço invade...
Partiu... Mas deixa a cortadora quilha
Meu coração partido de saudade.

Recife, 1870.

—o—

LUSCO-FUSCO

(PAISAGEM CREPUSCULAR)

Afogueia-se a tarde em pompas de sol poente;
Que, transmontando, desce e atufa-se no oceano,
Pondo uns lampejos d'aço e um colorido ardente
Em cada "olho de boi" que offusca o olhar humano.

E, no fundo espectral do lucido occidente,
Silhouétta a cidade o seu perfil indiano,
Donde irrompem, lanceando o espaço, irregularmente,
Torres e coruchéos, interjectando o oceano.

Mas, lenta, vem descendo a treva, lentamente,
Como enorme albatroz, librado em negras asas,
Que abatesse, no espaço, o vôo, verticalmente.

Já ambienta a cidade e obumbra a densa flora
Ruas, praças, jardins e o interior das casas,
Olhos e corações... — E' funda noite agora.

(1895).

—o—

MANHÃ DE INVERNO

Eil-o ! — Eis o inverno tropical que baixa !
— Nevoa, bruma, garôa ou *ruço*, espésse:
Um denso vapor aquoso obscurece
A atmosphera, e o espaço e a terra enfaixa.

Tudo, em redor, incerto, transparece.
Como a um crivo a orvalhar de aérea caixa,
Silhouétta a cidade humida faixa;
Mar e céu confundidos me parece.

Eis rompe o sol agora. E luminosa
Poeira vem tocando a casaria
Urbana. — Esvai-se a cerração aquosa.

Como turquesa, o Atlantico irradia
Alvora o céu azul, como uma rosa.
E vai subindo o sol... — Meu bem, bom dia !

Ladeira da Gloria, 7-V-1912.

—o—

OUTRA MANHÃ DE INVERNO

(D'APRÈS NATURE)

Hoje, a manhã rompeu brumosa e fria
— Um frio secco e uma pesada bruma,
Que, acairelada n'uns frouxeis d'espuma,
Madreporava o fundo da bahia.

De um lado, Nictheroy se atufa e esfuma
E, d'outro, da cidade a casaria,
N'uma rembrandtesca omnicromia,
Da terra para o céu se alacra e apruma.

Mas, pouco a pouco, a luz, nuanceando,
Foi diluindo a bruma da bahia
E a bruma da bahia illuminando...

Já silhouétta a esquadra e a serrania
Dos orgãos, niveo fundo recortando...
E surge o sol... Sol hibernal, bom dia !

—o—

"LAGARTEANDO..."

Para Beatriz e Maria Figueiredo.

Nestas manhãs de inverno em que a garôa
Nos põe na pelle um doce calefrio,
Como a quem sai de dentro d'algum rio,
Gósto de, ao sol, ir *lagarteando*, á tôa...

O sol — diffusa luz que se me côa
Por nervos, dando a sensação do frio,
Tonifica-me o cerebro erradío
E o estimúla, dispondo para a lôa...

E eu vou *lagarteando*... E eu vou cantando
Um hymno ao sol, que filtra a chlorophylla
Da flôr, mimetisado no arvoredo.

Ah! como é bom! Como é gostoso, quando
Se adelgaça a neblina e o sol scintilla,
Um raio teu, ó Sol! de manhã cedo!

(16.V.927).

—o—

FOGO FATUO

A Xavier da Silveira

Ás vezes, sobre o pantano ou na valla
Onde algum corpo morto decompõe-se,
Sulphurea chamma, em noite escura, põe-se
A correr, como espectro que resvala.

Aqui, alli, além, como quem falla
Comsigo mesmo e a ser ouvido expõe-se,
Aquella lingua cambiante impõe-se
Pelo pavor e toxico que exhala.

Mal surge o sol, porém, mal brilha a lua,
Que lhe depura a luz como um crysol,
Subito esvai-se... e a claridade actúa.

Então, se, em face a esplendido arrebol,
Lhe perguntára alguem porque fluctúa
E morre, ella diria: "Attrae-me o sol!"

(1891)

—o—

ANTIGO CONHECIMENTO

(PRIMEIRO AO MAR)

Hontem fui ver o Mar — o glauco Mar Antigo —
Que de muito não via... E achei-o tão picado,
Que me puz a scismar, tristonho e amargurado,
Na magua colossal d'aquelle seio amigo.

Por que gemes assim, ó Mar, ao desabrigo,
Doidamente agitando o dorso mosqueado ?
Saudades d'outros céus ? Lembranças do passado ?
D'algum terreno amor celestial castigo ?

Não sei ! Mas, quando o Sol vibrou teus flancos
Estyletes de luz... em hórridos arrancos,
Ergueste para o Céu enorme imprecação !

E o Céu azul, banal, sorria a teus lamentos !
Andavam-te a agitar contrarios sentimentos ?
— O' Mar ! Faze como eu... abafa o coração !

Santos, VIII-1877.

—o—

A CASCATINHA DE PRATA

Pula raivosa, espumante,
Movendo o collo entre as flores,
Cascatinha dos amores,
Formoso mimo dos céos.
Nas vertigens de teo seio,
Em teos novellos de prata,
Parece que Deos desata
Os élos dos sonhos seos.

Por entre as dobras do rio,
Eil-a que passa orgulhosa
Beijando aqui uma rosa
Mais além um nenuphar.
Pendida, curva, se atira
Nos lagedos soluçando,
Como as gaivotas qu'em bando
Vam pelas ondas do mar.

Se irrita, freme e suspira
A um brando roçar do vento
Aqui retrae-se um momento
Parece parar talvez.
Depois movendo as escamas,
Bem como alada serpente,
Estira o collo e fervente
Retomba e segue outra vez.

Na esteira branca e luzente
Que teo ló de espumas tece
Mira-se o sol que se aquece
No verde-escuro pomar.
E em cada prisma irisado
As tuas ondas revoltas
Parecem perolas soltas
De desfiado collar.

E tu vais cantando ufana
Cascatinha dos amores
Coberto o seio de flores
Das flores do manacá.
Mas si alguem pergunta á brisa
Quem canta assim lá na matta,
— E' a cascatinha de prata
Que acompanha o sabiá.

Não vês aquelle ingazeiro
Que se curva sobre o rio
Lá onde em breve desvio
Vae seu curso interromper ?
E' lá que freme espumando
A cascatinha entre as flores,
Quem não teve os seos amores,
Pois sim, vá lá que ha de ter.

Bem como virgem formosa
Qu'em alvo leito resvalla
E sorri, murmura e falla
Revendo o seio em botão,
Mas surprendida se assusta,
E foge gritando a medo,
Assim se atira em segredo
No fundo do Jaboatão.

Jaboatão — 1868.

PELO RIO SÃO FRANCISCO

Como ondulante Bôa que lanceia
Lingua azulada glauco mar em fóra,
Retalha o São Francisco a abrupta flora
Que o frio sul do ardente norte alheia.

Risca-lhe o dorso, inflado pela cheia,
Asas veleiras bolinando agora,
Borboleta-falúa que o devora
E em circulos concentricos se enleia.

Transpõe Penedo e Propriá, voando
De vento em pôpa; e o alcandorado e esconso
Pão de Assucar vai para trás deixando...

Eis de Piranhas o presepio absconso...
E o rio, a se ouriçar, vai-se estreitando...
— E' a Tapera ! E' o abysmo ! E' Paulo Affonso !

A CATADUPA DE PAULO AFFONSO

Ao meu fraternal amigo e companheiro de excursão o Dr. Francisco Rodrigues Pessôa de Mello

... Mas já, como esquadrões que envolvem quanto
[alcançam,
Na garganta do rio as aguas vêm descendo...
E descem velozmente... e vão-se entumescendo,
— Sucuriús que á fraga, em contorsões, se entrançam.

Remoinham, caudaes... medonhamente avançam,
Espumando de raiva, em ancias refervendo...
E, rolando em cachões, n'um ímpeto tremendo,
Aos vórtices do abysmo em vagalhões se lançam!

Assim tromba marinha, em tormentoso oceano,
Depois de haver sugado a onda, espadanando
Rôta, estoura no ar, rúe n'um diluvio insano...

— Tal vai, de quéda em quéda, a Catadupa ecoando...
Até que, em densa bruma, o adamantino plano
Refrange a luz do Sol, o iris arqueando!

(1868).

——o——

DO MIRANTE DO "ANGIQUINHO"

E quando se ergue, á noite, o plenilunio d'ouro,
E o saibroso areial lhe agita a ventania,
Como inclinada taça onde referva a lia
De um liquido espumante, entre opalino e louro:

Na bruma que borrifa a bronca penedía,
Pondo moscas de luz no hiante sorvedouro,
Aonde borborinha a lympha fugidía...
Semelha a Catadupa oriental thesouro.

E prasios e rubis, diamantes e esmeraldas...
— Toda a gamma espectral, em circo encandescente,
Reluz, de quéda em quéda, e jorra-lhe das faldas.

E então a Catadupa, em sonho sorprendente,
E' collar que, ao partir-se em fúlgidas espaldas,
Rola dentro do abysmo a pedraria ardente!

——o——

A PORÓRÓCA

RECONTRO DAS AGUAS DO AMAZONAS COM AS DO OCEANO ATLANTICO

A' memoria de Celso de Magalhães.

Como avalanche enorme que degela,
No vale tomba dos Andes o Amazonas,
E vem rompendo pelas ferteis zonas
Que do Brasil separam Venezuela.

Da Guyana francesa banha a ourela,
E entra a região onde morenas donas
Vencem no olhar guerreiras Amazonas
E do Cruzeiro o pavilhão se estrella.

Mas, súbito, empinando a anca bravía,
Bravío potro, o "Oceano d'agua doce"
Vertiginosamente rodopia...

Choca o mar que o repelle, qual se fosse,
N'um ímpeto de cruel epilepsia,
Atlas rolando um mundo... E álfim... quêdou-se!

(1890).

—o—

NA GROTA FUNDA

(IMPRESSÃO DE VIAGEM)

O "Expresso", como um touro, hystericamente
[urrando,
Galopa e vai transpondo o alto plano inclinado
Do Cubatão, rinzando, á encosta pendurado,
— Mechanico Blondin pelo ar se equilibrando.

Fina manhã de Maio os nervos vai picando.
O orvalho, á luz do sol, em bruma condensado,
Levanta-se da serra; e, á guisa de toucado,
Phantastico se estende, em chuva peneirando.

Súbito, abre-se o abysmo, em que o valor se afunda
Com o olhar prescrutando a lenda: é a Grota-Funda.
— "Salvé! furna onde leões dir-se-hia que *saúvem!*

Foi d'aqui que emergiu a luz da grande aurora
De Maio!" — E o trem de ferro o Cubatão devora...
Como um raio a varar por dentro d'uma nuvem!

(1891).

—o—

NO SERTÃO

Aos poetas sertanejos Juvenal Galeno, Joaquim Eleodora e Fontenelle

Acorda o dia. As pálpebras veladas
Vem abrindo no espaço a rosea aurora.
E, aos leves tons da luz que os céus colora,
Somnambulisam nuvens esgarçadas.

E céus e espaço, ás frescas orvalhadas
Que peneiram, rociando a verde flora,
Picando a pelle, em manchas, valle em fóra...
Cruzam leves phalenas variegadas.

Junto ao casal, campeando, ultra-guerreiro,
Ergue o cántico metálico saudoso
Gallo. Ciscam gallinhas no terreiro.

E eu vou trilhando, alegre, ínvio caminho
Onde, ao bafejo do sertão cheiroso,
Rescende o ambiente a trevo e rosmaninho!

Rio, 91.

—o—

NO PAMPA

Ao Grande Poeta Sul-riograndense Mucio Teixeira

A savana se estende, intermina e abrasada,
Glauco oceano onde a luz solar dardeja a prumo.
Cocoricôa um gallo, a marear-lhe o rumo,
E a tropa vai buscando, a passo, a xarqueada... —

Hora calma da sésta. Agora, amollentada —
Do mate ximarrão ao bombeado summo,
A "Patricia" repousa, entre espiráes de fumo,
— Ao balanço da rêde a perna abandonada.

Dorme e sonha que foge, á garupa de um pingo,
Docemente estreitando o moço por quem chora
Delirante de amor, desde o ultimo domingo,

Em que o viu, de roldana e pala azul e ouro,
Minuano, a arrancar pelos geraes á fora,
Laço e bolas meneando, a pialar um touro.

—o—

O AMAZONAS

Como avalanche que rolando fosse
Das espaldas atlanticas dos Andes,
Tomba no valle, extravasando as glandes,
O intérmino "Oceano d'agua doce".

Flue, por entre barrancos e invias landes,
E vem descendo, horrisono e veloce,
Como Centauro que trouxesse ao couce
Hordas selvagens para luctas grandes!

E eil-o ahi vem, de roldão, com seus guerreiros!
Ao vêl-o o "Mar-Oceano" se desloca
E estarrecem, na selva, altos madeiros!

Estruge a inubia que, soprando, embocca,
Concitando á peleja os "cavalleiros"...
— E ouve-se um écho: E' a voz da "Poróroca"!

Rio, 09.

——o——

A PRIMEIRA MISSA NO BRASIL

(BAHIA DE GUANABARA — EFFEITOS DE LUZ — AMANHECER)

Ao insigne paisagista, Sr. Ramalho Ortigão.

Vem abrolhando, fresca, a madrugada.
Do flavo banho morno do Levante,
Filtra diffusa luz — pó de diamante —
A névoa. Basta selva é a enseada

De mastros. Eil-o... o Sol! — Sobe, triumphante,
— Hostia d'oiro a radiar — a ara escarpada
Do Corcovado. E — enorme taça iriada
D'absyntho — em baixo, é o Atlantico espumante.

D'um lado, o Pão d'Assucar; e, alvejando
Na restinga — esquecida e branca ossada —
O Rio, e d'outro, Nictheroy. Tocando

Aos céus, na bruma, ao longe, a tubulada
Serra dos Orgãos. — Vejo-a... e estou cuidando
Que celebra o Brasil missa cantada!

Rio, 87.

——o——

ICARAHY

(PAISAGEM CREPUSCULAR DA TARDE — D'APRÈS NATURE)

A José Silverio de Souza.

Da curva e abrupta enseada sobre a praia,
Onde róla o mar glauco argente espuma,
Agora o sol, na afogueada bruma,
Como um olho de Cyclope, desmaia.

Gamma espectral que, em prisma ardente, raia,
E' o céu. Nuanceiam côres, uma a uma,
— E o espaço azul purissimo se esfuma
E alaranjando em púrpura se espraia !

Leves cirros estriam-n'o lá onde,
Por sobre a "Santa Cruz" e o "Corcovado",
Em frente á barra, emfim o sol se esconde...

— "Onde irá elle tão angustiado ?!..."
Digo ao "Bispo" e á "Itapuca". — E só responde
A latina de um lúgar arribado !

Rio, 1890.

PAQUETA'

Ao poeta e paisagista Alberto Silva.

Da vaga azul do Atlántico
Surgindo graciosa,
Ilha se vê, formosa,
D'almo idéal romántico.

Brasileo horto edénico
De variegadas flores,
E' a "Ilha dos Amores"
Do *folk-lore* hellénico.

Talvez, risonha e cándida,
Fada a fadara Atlántida,
Chamando-a "Paquetá"!

— Que encanta a suave estancia,
Onde, saudosa infancia ! —
A "Moreninha" está.

Paquetá — 1890.

DA ESTRADA NOVA DA TIJUCA

(PAISAGEM CREPUSCULAR)

A Pinto Bandeira

Se te apraz, contemplemos a paisagem.
— No rosicler crepuscular da tarde,
Em claraboia, o sol lampeja e arde,
Pondo uns toques de luz pela folhagem.

D'aqui se avista além, entre a ramagem
Densa, a falda da Tijuca; e, ao alarde
Da côr, que impõe ao olhar que se retarde
Aqui e alli, — vegetação selvagem.

E foge... e vai além, funda e arejada,
Estreitando em garganta, á luz refracta
Do sol, em que se esbate — enorme ossada

De mastodonte — a casaria abstracta
Da cidade, a morrer estrangulada
Pelo mar, como em cingulo de prata.

Rio, 1891.

—o—

O SUMARÉ!

(POCHADE IMPRESSIONISTA)

A Miguel Hoerhann

"Ao Sumaré!" — E o "Electrico", rinzando,
Galga e transpõe o abysmo do aqueducto.
Já, dentre morros e arvoredo, abrupto,
Surge e lampeja o mar, de quando em quando.

Enorme e esparso ossuario, rebrilhando
Ao sol, sub-jaz o "Rio" circumducto;
E vejo o moto e o borborinho escuto
Da cidade, lá em baixo mourejando.

E o "Electrico" serpeia, devorando
A paisagem, que esplende e vai cambiando
Como um lagarto ao sol, do mar ao pé.

E, emquanto um doce alento, suave e brando,
Infla o pulmão, a alma vai clamando,
N'um espasmo de luz: — "O Sumaré!"

Rio, 07.

—o—

A CIDADE-LUZ

IMPRESSÃO DA SILHOUETTA NOCTURNA DO CONJUNCTO DA EXPOSIÇÃO NACIONAL DE 1908

(*Monologo no espaço*)

Sou a Cidade-Luz ! — Tudo é luz no meu seio !
Uma alma luminosa e ardente em mim transluz !
Sementeira de luz, em fógos do ar floreio !
Fulgurante Idéal, a progredir me induz !

Dir-se-hia que algum Mago, em doido devaneio,
Me erigira... — E, na vaga, o meu perfil reluz,
Como — em fulvo collar de prasios, que incendeio —
Polychrômo e cambiante, "atacador" de luz !

E' que — Arte ou Sciencia — a Industria, aqui,
[n'esta retorta
Que electrica scentelha inflamma e o céo recorta,
Expõe quanto o Brasil, de norte a sul, produz.

E' pouco... mas é como adamantina porta
Por onde a guerra sái — como a rotina — morta...
E o progresso ha de entrar: — Sou a Cidade-luz !

Rio, 20-IX-08.

——o——

A UYARA

(FOLK-LORICA MIRAGEM)

Como em recurva taça crystallina,
Onde borbulhe um liquido espumante
Que reflectisse os tons de cambiante
Prisma, quando no espaço o Sol declina;

E, condensado em poeira diamantina,
Fosse caliginando o azul distante
Onde projecte plenilunio ovante,
Como hostia a subir, luz argentina...

Assim, sobre estuário, onde rebrilha
Todo o espectro solar que se enluara
E embrumam leves flocos de escumilha,

Como que se debuxa a fórma rara
De feminina e humana maravilha...
— E' "Mãi d'Agua" — a assombrosa Guanabara !

Rio, 08.

——o——

PARADISOPOLIS

Á MARGEM NORTE DE "CAPÔPENYPAU" OU "LAGÔA DAS RAIZES CHATAS" DEPOIS "FAGUNDES VARELLA", HOJE "RODRIGO DE FREITAS"

Commemorando o 1.º centenario do Jardim Botanico

Pois que fizeste o "corso" ás "Avenidas
Central e A'-beira-mar"... te não aggraves!
Anda ver a "Avenida das Agáves"
E a "das Palmeiras", para os céus erguidas.

Entremos. — Mas... que pouco concorridas!
No emtanto, aqui, ha balsamos suaves,
Luz, seiva, frescôr, canticos d'aves,
Trépida lympha, habitações floridas!

Ha estatuas, fontes, templos, monumentos,
Que, dentre um mundo tropical, na sombra,
Nos estão espiando os movimentos!

Reina a "Victoria Regia" ao rés da alfombra
E a "Palma-mater" pontifica aos ventos...
Mas tudo é solidão... — E tudo assombra!

Rio, 08.

—o—

MIRANDO A "BEIRA-MAR"

(POCHADE SOLAR)

Participação de mudança aos amigos

A Decio Villares, em Paris

"Glorious Day!" A Guanabara
Lampeja a um sol caldeado,
Como um cetaceo encalmado
Que — em barra — a bocca escancára.

Um céu azul, que se aclara
De brancas nuvens manchado,
Cobre o arvoredo copado
Que a canícula abrasára.

Funde-se o asphalto. Esbrasia
Um *dreadnought*, ancorado
No Poço, o ustôr do meio-dia.

Tudo está paralysado!
Somente o sol irradía...
— Mas, que sol! — Cheira a queimado.

Ladeira da Gloria, 37 — Rio. — 18-IV-912.

—o—

MIRANDO A "BEIRA-MAR"

(MANCHA NOCTURNA)

Participando mudança aos amigos

A Belmiro de Almeida, em Paris.

Noite escura. Das janellas
Do meu mirante e aposento
Contemplo — que encantamento! —
Marinha e paisagem bellas.

Com luciolas amarellas,
De um lado, o mar somnolento
Recurva-se em lago. — Attento...
— Passa uma barca por ellas.

Em frente, Santa Thereza
Se amphitheatra em penumbra,
Com luze-luze de velas...

E a Lapa — floresta accesa
De electro-luzes — deslumbra...
— Que via-lactea de estrellas!

Ladeira da Gloria, 37 — Rio. — 18-IV-912.

—o—

FLORILOPOLIS

(SUITE PETROPOLITANA)

(*Carnet de um touriste*)

1.º

Como se a alma tivesse comprimida
Por mais de meio seculo de dores,
Eis-me em demanda dos jardins de Armida,
Eis-me em demanda do país das flores.

Contra a acidez da vida e os dissabores,
Tudo que a alma entoxica e o corpo oxyda —
Tão só na chlorophylla dos verdores
Se oxygena um'alma combalida.

Adeus, pois, velha aldeia bragantina,
Como a Phenix das cinzas renascida
Em Capital da America Latina!

Quem te não conhecer... "faça a avenida"!
Tu me foste madrasta — e és assassina...
— Para o planalto! Ao Oxygenio! A' vida!

—o—

2.º

No bafáfá da gare ensolarada
Onde se preme todo o Rio-Smart,
Assalto um carro, ao alegre badalar
Da sineta, á partida alvorotada.

Lá dentro, em atmosphera almiscarada
A Coty ou Loubin, tomo logar
E me repimpo em flascida almofada,
No "chagrin" da poltrona de espaldar.

Perto de mim, ephebo diplomata,
De "lorgnon" preso á orbita ocular,
Sorri — Da Ega de edição barata —

Para "faisandésinha" titular
Que, n'um derriço, toda se desata:
"'Smart pr'a burro!" — E o trem põe-se a rodar.

——o——

3.º

E, na gloriosa pompa do mei-dia,
Sobre serpentes parallelas d'aço,
Roda o comboio, devorando o espaço.
Retrodeixando a gare já vasia.

Galopa em trepidante correria,
Como um bisonte que bufasse lasso,
Por duas alas de arvoredo escasso,
Salpicado de alegre casaría.

Verde-negro capão... virente moita...
Ilhando verde-claro taboleiro,
Aonde um fio d'agua se desenha.

Depois negro rochedo que se afoita
Em promontorio, á esquerda do terreiro:
— E além, no espaço, alcandorada, a Penha!

——o——

4.º

A Penha ! A Penha ! a ermida luzidia
— Alva pomba aprumando as hirtas asas,
Como duas agulhas para as brasas
D'alva, aninhada em branca penedia !

Mas a Penha, onde a Fé qu'se irradia
De ingenuos corações, por sobre as vasas
Da indifferença, inda constroe taes casas...
Que a tradição redoira de poesia !

A Penha ! que, em symbolica linguagem,
Ponto de admiração n'aurea paisagem,
Ao vêl-a, ninguem ha que se contenha

E não brade, bem como em romaria
Um bom milhão de boccas bradaria,
Vendo-a na luz: a Penha ! Viva a Penha !

——o——

5.º

E agora, acorrentado á entrosea cremalheira,
De rojão mas de accúo, erecta a anca bravia,
Por barrancos ou então vegetação sombria
Vai galgando, a fungar, a ingreme ladeira.

Galga, cada vez mais, e vai, qual por clareira
De floresta, a rinzar, vingando a serrania,
Como caudal cometa que, em orbita erradia,
Traçasse ao rés do chão a fugitiva esteira.

Mas eis que garganteia e chanfra o terreiro
Afundando n'um valle, alacre e prasenteiro,
Que uma trilha conduz a hospitaleiro lar,

E donde, por capões de virido arvoredo,
Como um grande e recurvo alfange de Toledo,
Na linha do horizonte, avista-se o alto-mar.

——o——

6.º

Mas já, tudo o que a vista agora alcança,
D'um lado e d'outro, é intermina savana
Ou verde mar — mar verde — donde mana,
Em fio d'agua, limpida bonança.

A' tona, um archipelago descança
De verde-escuras ilhas, qual mais plana,
Que de calmo e propicio á vista humana
E' o Pacifico Oceano da esperança.

Porém nem sempre o bonançoso oceano,
O verde mar nem sempre, o verde engano,
Encanta a vista, perlustrando a terra;

E, galopando sempre o eril bisonte,
De longa cauda, rasga o alto horizonte,
Até parar bem na raiz da serra.

——o——

7.º

E prosegue o bisonte a abrupta escalada
Que o conduz ao Planalto... E' já no alto da Serra !
Onde agora se agacha e vai, de vento em terra,
Por entre a casaria, em doida disparada.

Como n'um *film* d'arte, alacre e engalanado
De luz, toda a cidade aos olhos se descerra...
E corre para traz como batida em guerra
Ao passo que o invasor lhe invade o alto esplanado.

E, ao bimbalhar festivo e alegre da sineta
Que põe no tepido ar a nota irrequieta
Da chegada do trem, em paz e salvação,

Por entre o bafáfá da gare alvorotada
Petropolis risonha e fresca e perfumada
No seu seio me acolhe... e salto: — qu'estação !

——o——

8.º

E tomo o bonde — um bonde que parece
Do Raunier electrica vitrina,
E onde a nota *chic* transparece
Da mais alta elegancia feminina,

Desde o amplo mantéu a invia basquina
Do suro toque ao chapelão que cresce,
Até que tudo o mais desapparece...
— Tudo se installa em corpos de menina.

E, assim, vou ter ao "Grande Hotel Progresso"
(Que foi, outr'ora, Franco-Brasileiro)
E aonde o Lupe aguarda o meu regresso.

Chego, janto, proseio o resto inteiro
Da noite — e durmo como um frade egresso,
Até da aurora o alvorecer primeiro.

——o——

9.º

Fresca e vernal, no azul da madrugada
Como a emergir das thermas do Levante
Para o planalto, que cingúla, ondeante,
Com rubros pontilhões, lympha argentada;

Alpestre natureza *acidadada;*
Quasi um burgo allemão, muito elegante
Em mimos d'obra d'arte de Bramante
E louçainhas de mundana estada:

Eil-a que, em parallelas alamedas,
Se estira ao sol, como aspide erradia
Que vai morrer por ingremes veredas...

Talvez scismando n'ultima e alvadia
Camelia que, entre fremito de seda
Perfumada, morreu... — Bella mas fria.

——o——

10.º

Bella, a lembrar miragem de cidade !
Fria, a lembrar uma cidade morta
São João Baptista á luz d'uma saudade
Jardim Mauá tendo um dragão á porta.

De quando em quando, um automovel corta
Solitaria avenida ou uma deidade
Passeia a natural curiosidade
De tudo ver quanto ser visto importa.

Mas nem por isso o bello smart serrano,
Para vêl-os passar, abre os postigos,
Donde raro se evola a voz d'um piano.

E passam, como os celebres cacetes,
Por jardins e canaes e palacetes
Como por duas aleas de jazigos.

——o——

11.º

Tão só, quando o sol se ergue lampejante
Ou livido se põe, de galho em galho
Pondo em cada rocio astral diamante
Ou lucida amethysta em cada orvalho;

Um mundo inteiro, em tepido agasalho,
A pé, bonde, carro, auto ou rossinante,
Muito bem posto, alegre e ultra elegante
Flana ou vai e volta do trabalho.

E vai, exaggerando, a Don Affonso
Gozar da "Carabau" o tango sonso
Até que volva á tumular casinha

Ou corra a ver o popular cinema
— E... nada mais... não mais para este poema
A não ser a "Buisson" e a "Cascatinha".

——o——

12.º

Como aranhão de rotativos passos,
Perlustra o bonde a Westphalia agreste,
Entre barrancas de um pendor sylvestre,
E pintalgada casaria, a espaços.

Corre-lhe á esquerda, em borbotões escassos,
O Piabanha, em percursão terrestre,
Para depois, sobre um terreno alpestre,
Ir, á direita, escachoando abraços.

Mas, então suas aguas represadas
Jorram mas com bem mais força, espumadas
Por pedregal que, em rampa, desce asinha

Ao valle, em cuja theatral paisagem
Move industria fabril de tecelagem,
Ao lado d'alva ermida. — E' a cascatinha,

——o——

13.º

Mas prefiro, ao fundo da Rhenana,
Esse recantosinho da Suissa,
Onde o gado retonça e se espreguiça
Na fresca relva de onde a vida emana

Essa decoração virgiliana
Que o lacticinio ameiga, me enfeitiça:
Minh'alma a avena do pastor cubiça,
— E ler Platão, ao fundo da Rhenana.

Não é a "Crèmerie Buissoniana"
O que me attrae, me encanta e me fascina;
Mas essa adaptação americana

Onde ha um lago e um batel que se imagina
Ter sido um cysne... e é a alma mantuana
Que estes sonetos me inspirou, divina.

——o——

14.º

Sinto-me agora bem. Volvo á saudosa
Estancia onde o rigor do sol não arde.
Como é tepido o arminho d'esta tarde !
Que temperatura deliciosa !

Agora a lua cheia, vagarosa,
Subindo vem com argentino alarde,
Pondo uns lemures de sombra, á alma covarde,
Do arvoredo na França perfumosa.

E eu vejo, por entre arvores frondentes
As amorosas dryades fluentes
Das legendas do Rheno... que reúno

Do meu Watteau as pastoraes divinas:
Sinto-me outro, em meio a estas collinas...
Parto amanhã. Vou ver Mignon e o Bruno.

——o——

15.º

D'aquella choça deserta,
Mal vinha rompendo o dia,
Um fio de voz fluía
Pela janella entreaberta

Canora voz parecia
D'avesinha mal desperta,
Que transpunha a gelosia
D'aquella choça deserta !

Fugiu ? Morreu ? Que m'importa
Si vejo trancada a porta
Da casinha que habitou...

Sua voz não mais se evola...
E, triste, vejo a gaiola
D'onde a avesinha voou !

——o——

16.º

Quando, em Março, o deixei — meus olhos bellos !
Olhos felinos d'ágatha, engastados
Em rosto oval de uns tons amorenados
Sob a loira pennugem dos cabellos ! —

Entre collegiaes alvoroçados,
Jogava o *foot-ball* — seus vãos anhelos !
Seguido da mucama ardendo em zelos,
Com seus pesinhos tropegos, pesados...

Morto se quéda agora ! E aquelles olhos,
Olhos d'ágatha, infindos olhos bellos
Que eram como dois pharos contra abrolhos...

E em que punha tantissimos desvelos...
— Aguas vivas — sumiram-se entre escolhos
E não mais os verei... nunca hei de vêl-os !

——o——

17.º

Noite. Serena a lua. E eu, "serenando",
Avenidas percorro enluaradas:
— Nem viva alma ! Casas, mas fechadas !
E eu caminhando vou... e vou sonhando...

Sonho que, pelas manchas que as ramadas
Nos humidos passeios vão pousando
Como lívidos véus, de quando em quando,
Elfos fugindo vão... deslisam fadas...

Mas negra nuvem, que bandeia a aragem
E, agitando-a sussurra entre a folhagem,
Encobre a lua, sombreando o espaço.

E as magicas visões enluaradas
Se esbatem, como sombras apagadas,
Do Piabanha, então, no espelho baço.

——o——

18.º

Como quem volve de um festim saudoso
Ebrio de luz, saciado de perfume,
Desço, da tarde ao transmontado lume:
Chove... cinereo é o céu... Ruço assombroso !

Tomo o wagon, que vai, contra o costume,
Commigo a sós, descendo vagaroso
Por entre densa nuvem de negrume
Para o negror do "valle tenebroso".

Trepida o eril bisonte refreado,
Movendo a cremalheira... e eu recostado
N'uma poltrona ao flascido chagrin,

Scismo, do "ruço" ao arrepiante açoite,
Até perder-me emfim dentro da noite,
Onde me aguarda na estação... Ninguem !

Rio, 31-V-913.

IPANEMA

PAISAGEM CREPUSCULAR DA TARDE

Impressão reflexa, segundo Mlle. ***Laura Braga***

Entre massas de lúcidos vapores
Que transmudam, na Atlántica raudal,
Ondas glaucas em prismas reflectores,
Vai-se irisando o firmamento austral.

Todo o espectro solar, nuanceando côres,
Mancha a cóncava tela sideral:
E lento, e magestoso, entre esplendores,
— "Artista a gozar su'obra genial",

Eil-o — o Sol ! — no horizonte a se afastar...
— Saudoso de, tão cedo, ir-se da terra
Para onde, amanhã cedo, ha de voltar,

Quando, após seu translucido gyrar,
Aurindo o almo calor que inda hoje encerra,
Vir-lhe Ipanema a luz crepuscular.

Rio, 8-V-923.

COPACABANA

Como janella aberta para o espaço
Azul sem fim do Atlantico espumante,
Copacabana ostenta-se radiante
De luz, que no areial quebra em mormaço.

No emtanto a viração refrigerante
Do mar sopra na praia onde em compaço
Como em polida semitarra d'aço
Parte-se a onda... e espuma soluçante.

E na restinga, do Ipanema ao Leme,
Serpeia a polychroma casaria
Incerta, abrindo o flanco á aura que geme...

Emquanto, em frente á Rasa, e demandando
A barra, arfa um paquete em travessia
Como eu, o espaço e a brisa devorando.

——o——

SANTA THEREZA

(PAISAGEM CARIOCA)

(*D'après nature*)

Si gostas de ar e luz vem, pois! Subamos
A' Chanaan eugénica da vida.
— E' ponte, sobre abysmo, protegida,
A arcaria ancestral que carrilhamos.

Mas... que imprevisto lobrigando vamos!
Como bazar de feira em diurna lida,
A cidade subjaz, quasi despida...
Pois fraldas de camisa lhe bispamos!

E, em cima, que bucólica paisagem!
— Mar polychromo, morros e arvoredo,
Silhouettando a atlántica miragem.

E, assim grimpando, estamos no Sylvestre, —
Onde, diria Arthur (o de Azevedo)
Ter existido, outr'ora, o éden terrestre.

Rio, 925.

——o——

ENTRE A URCA E O PÃO DE ASSUCAR

AERO-VIA CARIOCA

Engaiolado pássaro, suspenso
Entre o abysmo e o céu por cabo de aço,
Rinzando, nelle vou transpondo o espaço
Que a Urca ao Pão de Assucar liga extenso.

Em cima, o céu revoltamente infenso;
Em baixo, indistincto o Rio — êrmo espinhaço
De Mastodonte terciario — e baço,
No lusco-fusco do nevoeiro denso.

E eu sinto, então, como num mar sem fundo,
Quanto é grande, na sua pequeneza,
Quem, affrontando as iras deste mundo,

Se eleva, em plena e virgem Natureza,
A um céu hostil ou baixa ao pégo immundo,
Em busca da verdade ou da belleza.

Rio, 8-I-926.

NINHO D'"AVE DO PARAISO"

Ao meu intimo e cordial inimigo Pedroso Souto.

Do sylvestre varandim
Do "Castello de alfenin"
Que habito — e o soneto illustra —
Eu, que não sou Veratrustra,
Peço ao Rosa o banjolim...
E assim falo e canto assim:

Como de um ninho, occulto entre o folhedo
Da concava paisagem Therezina,
Que amphitheatra ingreme collina,
Manchando a casaria de arvoredo;

Do meu balcão sylvestre o esguardo ledo,
Quanto a visão alcance, descortina,
De um lado, a Guanabara e esparso ilhedo,
E, d'outro, o Rio e "arranha-céus" que empina...

E bem não sei, dos dois, qual mais me agrade:
Si o pinturesco aspeito da cidade
Ou da bahia a maga formosura,

Quando o Sol, redoirando a immensidade,
Tudo anima de alacre claridade
Ou de sóes se constella a noite escura.

Rio — R. Taylor, 159 — 24-I-927.

NA CIDADE DA LUZ

PAISAGEM NOCTURNA

Do meu varandim sylvestre, em Santa Thereza

(D'après nature)

Ao Grande Paisagista Brasileiro Baptista da Costa.

Noite estiva, translucida e calmosa.
Manchando o céu, iriante pedraria
Pulverisada em luz solar, dir-se-hia,
No espaço, desprendida nebulosa.

Contrasta-a a infinda curva luminosa
Da Guanabara, donde se irradia
Electrica luz, que até parece dia,
Como collar que enfeite melindrosa...

Silhouettando-a envolve a êrma cidade
Negra massa de morros e arvoredo
Por entre o casario e a escuridade...

Donde se levantam, desde cêdo,
Dois "arranha-céus", na alacridade
Verde e rubra da luz, gritando a medo...

(1927).

——o——

SUBINDO O CORCOVADO

Ao companheiro de excursão Vicente Nunes Tavares

Vamos! Bem sei que assombra essa escalada
Ao céu azul! Mas ha tanta belleza
Nesta opulenta e agreste natureza,
Que a alma, sinto-a mais pura e oxygenada!

Sinto-a melhor aqui; — que não ha nada
Que mais alente u'alma, quando presa
De lancinante dôr, do que esta largueza
De céus, e que este banho de alvorada!

Olha! Vês bem? — Ali fica a cidade...
— O formigueiro humano, que se espande
Ao sol, n'uma afanosa alacridade!

Sabes tu qual será o seu destino?
Como d'aqui a natureza é grande
E o homem... como é o homem... pequenino!

Rio, 189...

——o——

AMANHECER NA SERRA

Além no dorso azul de immensa serrania
Que a fronte eleva ao ceo, vendada de ardentia,
Elmar, ergue-se o sol, bordando aureos listrões:
O espaço é todo luz; a terra é um'harmonia;
E como que o acordar de mystica alegria
Infiltra a vida e o amor em nossos corações.
A abelha do prazer adeja em torno ás flores,
Oh! vem cantar commigo o poema dos amores.

O espirito de Deos povôa o mundo inteiro.
Não vês como serpeja o placido ribeiro,
Beijando aqui e alli as flores dos rosaes ?
A pouco o sabiá no ramo do angazeiro
Ergueo á natureza o seo cantar primeiro.
E foi perder-se alem nos verdes matagaes:
Meo sabiá gentil a aurora é toda flores,
Oh! vem cantar commigo o poema dos amores.

Não vês ? — Ergue-se além o manto da neblina.
A aurora vem contar segredos á campina,
E a voz da aurora é um hymno a palpitar de amor.
Oh! basta um riso teo e engrinaldado o prado
Desprende aromas mil do calice orvalhado,
Em cujo seio brilha a estrella do pastor.
Elmar, a aurora és tu que tens na bocca flores,
Oh! vem cantar commigo o poema dos amores.

Porque Deos fez-te assim tão bella e tão gelada ?
Porque poz na tu'alma as rosas d'alvorada,
E a flor dos sonhos teos na infancia suffocou ?
E á aurora disse — brilha... e á brisa disse — canta...
Si tu não crês no amor, si a aurora não te encanta,
Si as gottas da tristeza em teo viver deixou ?
Elmar, a vida é um sonho e o prado é todo flores,
Oh! vem cantar commigo o poema dos amores !

O aroma do páo d'arco as solidões povôa.
E' tudo festa aqui; da placida lagôa
O coaxar da igara acorda os frios véos;
O indio se alevanta e á sombra dos coqueiros
Accende tiritando os humidos brazeiros,
Talvez doirar tentando os tristes sonhos seos.
A igara sejas tu, minh'alma é um mar de flores,
Oh! vem cantar commigo o poema dos amores.

A essencia do prazer fez Deos do mel das rosas.
A vida é como a flor que ás brisas perfumosas
Dilatam-se sorrindo em meio dos paúes.
Gozal-a, é lei divina; amal-a, é um jogo brando,
Dormir, quando a natura expande-se cantando,
Elmar, é um crime atroz, — o crime contra a luz.
Desperta, oh meo amor; a aurora orvalha as flores;
Oh! vem cantar commigo o poema dos amores.

Escuta. Ouve acaso a trompa sonorosa
Do ledo caçador que a balsa perfumosa
Inunda aos echos seos, vibrando n'amplidão ?
E a brisa que cicia em meio dos sylvados
Não vem do leito teo nos brancos cortinados
Dizer que a aurora surge em rubido festão ?
Elmar, a aurora é o amor; tu és irmã das flores;
Oh! vem cantar commigo o poema dos amores.

Que voz suave e bella ! Que mystica harmonia
Irrompe n'amplidão, rasgando a nevoa fria
Que involve a natureza e prende a terra aos céos !
Do rio adormecido aos palmeiraes virentes
Elevam-se em columna os raios refulgentes
Do nado altivo sol, do sol que é o olhar de Deos.
Elmar, abre teo seio á luz que anima as flores;
Oh! vem cantar commigo o poema dos amores.

Ai, como é bella a vida ao despertar na serra !
Que languidez sublime a natureza encerra
Ao levantar-se tremula aos raios do arrebol !
Semelha-se a donzella — a face accesa em pejo
Que foi surprehendida em meio de um desejo,
— O corpo semi-nú — por seo amante — o sol !
Foi Deos quem fez o amor, que fez a aurora ás flores,
Oh! vem, cantando emb'hora a nenia dos amores.

(1868).

——o——

MANHÃ DE MAIO

(PAISAGEM CREPUSCULAR)

A Silva Nunes

Fina manhã de Maio, amodorrada
Em distante caligem luminosa,
Donde emerge a cidade, preguiçosa,
Pela encosta dos morros pendurada.

Na linha do horizonte, accidentada
Facha de luz, de uns leves tons de rosa,
Silhouettando a paisagem vaporosa;
Nas franças do arvoredo, luz doirada.

E, n'uma rica e audaz tonalidade
D'oiro e azul, oasiando o valle umbroso,
Como um verniz de luz, a alacridade

De um dia de verão. — Delicioso !
— Rompe sportivo o Sol da immensidade,
Vivo *lorgnon,* radiante e esplendoroso.

Ladeira Gusmão, 110 — 1898.

——o——

A INUNDAÇÃO

EM PROL DOS INUNDADOS DE CAMPOS

Ao mezzo-soprano e distincta pintora campista
Mariquinhas Teixeira de Faria

Horror! Ha mais de um mez que chove... E, caudalosa,
A agua do Parahyba em ondas vem subindo...
Galga a riba e se espraia e empola, submergindo
Campos, que, afflicta, nuta, em ancia pavorosa.

Agua e Céu... — E não mais que a silhouetta umbrosa
De lacustre cidade, o dorso reflectindo,
Como um cetaceo á fluz da onda de um lago infindo,
Que remoinha, arrastando o que empolgou, ruidosa.

Não mais — qu'em turbilhão phantastico de horores
Corpos como Laocoonte a estortegar de dores
Em roscas de serpente a deprecar o céu...

E o céu, sem compaixão, por só signal de magua,
Não tendo que lhes dar — dá nova tromba d'agua
Que os subvertendo — horror! — sobre elles abateu!

Rio, 7-II-06.

——o——

TEMPESTADE DE VERÃO

IMPRESSÃO ETHNOGRAPHICA

Não raro, em climas tropicaes do Norte
E por calmosa tarde de verão,
Baixa caliginosa cerração
E cahe o vento, assobiando forte.

Nas quebradas d'além, núncio da morte,
Lampeja e trôa reboador trovão...
E uma nuvem de pó, varrendo o chão,
Rodopia pelo ar, de sul a norte.

E, qual si de represa, que o supporte,
Extravasasse em catadupa, então
Tomba o aguaceiro. — E estia, de igual sorte.

E o céu se vai limpando... E a cerração
Desfaz-se... E brilha o sol, mais quente e forte,
Nessa calmosa tarde de verão.

Rio São Francisco, 907.

——o——

MANHÃ DE NUPCIAS

(IMPRESSÃO SCENOCTIVA)

Hoje o sol vem subindo docemente
Das thermas do levante ennevoado,
Como das louçanías de um noivado
Em que a terra esposou, n'um beijo ardente.

No diáphano azul do céo ambiente
Paira não sei que fluido enfeitiçado
Que sedatisa o cerebro enervado,
Como uma ducha circular, á gente.

Sinto-me bem na luz d'este almo dia
Que me afaga a epiderme como arminho
E emparadisa a mente, e a alma estasía.

E, ao sentir-lhe a frescura do alvo linho,
Canta-me n'alma um raio de alegria
Como, á minha janella, um passarinho !

L. G. — Rio, 23-VI-912.

——o——

NOITE DE SÃO JOÃO

(FOLK-LORE MUNDIAL)

Noite de São João — noite do fogo,
Dos mysterios da flor do malvaisco,
Em que esgarrada ovelha volve ao aprisco
E anda a chiromancia em doce jogo !

Quanto sonho não nasce e morre logo
Nas garras de illusorio basilisco,
O' mysterio da flor do malvaisco,
Noite de São João — noite do fogo !

Arde a coivara e ha fogos no terreiro;
Tangem violas, descantam raparigas
Cantares do Folk-lore brasileiro.

E assim é que celebra o mundo inteiro,
Desde as pristinas eras mais antigas,
O maior bem que elle logrou primeiro !

L. G. — Rio, 24-VI-912.

——o——

"TITANIC" E ICEBERG

LENDA COSMOLOGICA DO SECULO XX

Deslocou-se do polo a colossal montanha
De gelo, a galopar pelo Oceano a fóra...
— Lembrando a póróróca andina que devora,
No Amazonas, o que em seu percurso apanha...

— Emquanto, rumo ao polo, em nave, se alcandora
Tudo que a arte naval em sciencia e industria ganha:
— Titanic — a engulir o Oceano que se assanha,
E bater, em record, vinte e tres nós por hora.

Eis, súbito, apezar de amigo radiogramma,
Chocam-se os dois Titães — Medonho e horrido drama
Nas tenebras da noite. E Titanic é presa

De Iceberg, que o vai rolando pelo Oceano...
— Como para mostrar que o alto saber humano
E' nada ante o poder fatal da natureza!

——o——

CERRAÇÃO NO MAR

Ao Commandante Capella.

Na densa escuridão da noite em que a ardentia
No mar põe alvos tons phantasticos de prata,
Amarrado, o paquete em milhas se desata,
A doze nós por hora, em curta travessia...

Subito... pára! — E como alguem que se aprecata
Tacteia a treva... e avança, á chuva e á ventania...
— E' que nem mesmo olhar de lynce então veria
Na cerração se ha monte ou nuvem que se abata.

Tilinta do commando a voz, atribulado
Timpano: "Sem força!" E a machina trabalha
Bem como um coração d'aço, hyposthenisado.

"Um rochedo a bombordo!" — E o homem do leme
[entalha
Fundo olhar no horizonte, a todo olhar cerrado,
Como um heróe de pé no campo da batalha.

——o——

EM ALTO MAR

Fogo a bordo. A galera, em extremo carregada
De juta, como um ventre enorme em combustão,
Abrasára ao calor; traz fogo no porão.
E lavra surdamente a scentelha abafada.

Noite e dia, correra em busca de enseada
Ou porto, onde encontrasse abrigo e salvação.
E agora, bordejando em pleno lamarão,
Pede soccorro, anciando em arvore, abrasada.

Mas já rompe a escotilha o incendio em labareda
Marinha a cordoalha, e, ao refrescar do vento,
E á acção d'agua salgada, á mastreação se enreda..

Desdobra-se pelo ar sinistramente, e insano,
Constellado, eil-o esvurma um clarão fumarento,
Como erupto vulcão, surgido á fluz do oceano.

A TEMPESTADE

Uiva lá fóra o mar. Grossas lufadas
De chuva e vento açoitam-me as vidraças.
Ladram, das rochas nas trevosas massas,
As cadellas de Circe esfomeadas.

Vôa por sobre as ondas altanadas
Um batel-mosca, a dimensões escassas,
Onde donairam de Eurydice as graças
E de Cupido as settas inflammadàs.

Que porto busca a intrepida barquinha,
Que, pela densa escuridão da noite,
Ouvem-se sons de estranha serenata ?

Uiva lá fóra o mar, gemendo ao açoite
Da ventania... E em Villa-Velha asinha,
Salta... Martin-Pecheur, de um baile á cata.

A QUEIMADA

Crepita o cannavial estrepitosamente.
Da canicula o espelho ustorio tudo abrasa,
Pondo scintillações d'aço num chão de brasa,
Fornalha accesa, o incendio ateia-se fremente.

Labaredas para o ar rompem medonhamente,
Polychromas, caudaes... E se desdobram n'asa
Do vento... E vão sitiando, a borbotar a casa
De vivenda, a gemer, uns silvos de serpente...

Combure o cannavial! Lavra o incendio errabundo.
Mas já picada o atalha; abriu-a todo mundo;
Todo o mundo a cortou: circumscreveu-se o mal.

Mas, então, já não tendo o que morder, a chamma
— Salamandra a agitar a lingua que se inflamma —
Morde o céu que a ateou, num ímpeto brutal.

——o——

BOTÃO DE ROSA

NATUREZA MORTA

(*D'après nature*)

Que lindo! Que mimoso!
E artistico! E elegante!
O cravo flammejante
E' menos caprichoso!

E cheiro... Que cheiroso!
E côr... Que deslumbrante!
— E' purpura brilhante
Seu calice gracioso!

E flor... Lembra um desejo!
Ou bocca purpurina
Ao ir-se abrindo em beijo...

Jatyr não ha, medrosa,
Que lhe ande ao pé... Que pejo!
— E é botão de rosa...

S. Paulo, 1876.

——o——

A FLORESTA

Aos velhos mestres da pintura brasileira — Carlos Müller, Agostinho Motta e Arsenio Silva

A floresta modorra aos fogos do sol posto.
Por entre a rumorosa e densa ramaria,
Onde, ao cahir da tarde a cigarra cicia
E estala, vem coando alvo luar de Agosto.

Troncos phenomenaes e lichen superposto;
Enrediças; cipós, em forma de arcaria,
Por onde mal penetra a caça fugidia;
O fio d'agua e a flor: em tudo anda um desgosto.

Em tudo anda a saudade infinda d'um'outra era
Em que o rito festivo e heroico de Tupan
Celebrava o Tamoyo, em vindo a primavera.

Onde elle agora ? — Extincta é a raça altiva e sã ?
Borborinha a floresta... e a solidão impera,
Cortada pela voz d'uma araponga... "Pan" !

(1891).

——o——

NA FLORESTA DA TIJUCA

Entremos. Não é esta a selva escura
Nem a plumbea floresta do suicida.
De cada arvore, aqui, resumbra a vida
Em atmosphera oxygenada e pura.

Ha sempre luz na vivida espessura
E esmeraldina relva humedecida,
Que, em bucolica paz que a amar convida,
A diamantino orvalho se mistura.

E' bem aqui que scisma e vive o Poeta:
Onde o arvoredo se perfila e alinha,
Quando elle passar ou passa a borboleta.

De flor em flor balsamica se avinha
E volve abeberado da floresta
Onde chorar viu Pan... na Cascatinha.

Rio, 3-III-05.

——o——

BOABAB

D'uma arvore ancestral eu sei, a cuja sombra
Vinham aves do céu seus ninhos fabricar,
Emquanto, em derredor do tronco, ao rés da alfombra,
Passavam gerações humanas, sem cessar.

Dir-se-hia, a carregar vegetação que assombra,
Elevasse — Briarêo — cem braços, sem vergar,
Ao peso da cerviz que larga na ensombra,
Para empolgar no espaço o oxygenio do ar.

Mas, eis passa o cyclone estortegando tudo,
Desde o cipó de ferro ao lichen de velludo...
E o colosso tombou por terra, onde nasceu !

E, então, foi que se viu que vida ali morrera:
— Pelo vacuo que abriu, na terra que o perdera,
E o vacuo que deixou, quando o perdeu, no céu !

Rio, 4-III-905.

—o—

"PALMA-MATER"

COMMEMORANDO O SEU 1.º CENTENARIO E O DO JARDIM BOTANICO DO RIO DE JANEIRO

Ao seu illustre director, o eminente naturalista Barbosa Rodrigues

Esta, que ahi tendes, secular palmeira,
Plantou-a a regia mão de Dom João VI:
— E' uma arvore symbólica e altaneira;
E' um vegetal e regio palimpsesto.

Heraldicamente illustra o vivo texto
D'esta "Serta Palmarum" brasileira
Que Barbosa Rodrigues descrevera
E prende Frei Leandro a Dom João VI.

Mão mercenária, escusa e sorrateira,
Dispersou-lhe a semente — e a mão do Frade
Converteu a semente em sementeira.

Protegei-lhe a ancestral integridade;
— Pois, tendo evoluído, esta palmeira
E' a arvore da nossa liberdade.

Rio, 13-VI-08.

—o—

VICTORIA RÉGIA

COMMEMORANDO O 1.º CENTENARIO DO JARDIM BOTANICO DO RIO DE JANEIRO

Em memoria de frei Custodio Alves Serrão, seu eminentissimo reorganizador

Victoria régia ! Agreste flor ! Flor soberana
Da virgem selva — emblema d'ella e nosso encanto —
Que, á flux de um lago, ilhota errante, o verde manto
Estendes n'agua, os leves pés banhando, ufana !

Fazes lembrar a "Flor de um Deus" ou a "flor do [pranto"
Que, secular, abre no gêlo e o gêlo fana...
— És bem melhor, porém, nymphéa americana,
Florida balsa onde o tupy vogara... tanto !

E eis que, através d'agua estagnada em que fluctúas,
Te vejo vir descendo ao tom da correnteza
Em que nasceste... e para o mar te vejo vir...

Vejo-te aqui, n'este vai-vem — vais e recúas ! —
Com a alva flor que o pollen traz da natureza...
— Trarás tambem a seiva ou o deus d'almo porvir ?

Rio, 13-VI-08.

——o——

VIDA VEGETATIVA

Na terra eis a semente;
E, ao vivífico calor
De estivo sol nascente,
Germina com vigor.

Vergontea é o grelo e, rente,
Bifolha-se em verdor;
Se alteia e, viridente,
Esgalha-se em redor.

Bisexual, fecunda-se...
Do pó da anthera inunda-se
E, um dia, abre-se a flor

Bonita, flor cheirosa,
Cuja alma perfumosa
Respira e inspira amor.

——o——

FLOREAL

Maio, com ser do amor, é o mês das flores.
Quando vem alvorando a luz da aurora,
Doce e risonha, pelos céus a fora,
Pondo em tudo uns suaves resplendores,

Minh'alma, que padece entre os horrores
Deste privado cárcere em que mora,
Gosta de ir-se arejar á verde flora,
Onde rorejam perolas nas flores.

E então, de cada caule perfumoso
Que transborda de orvalho a seiva pura,
Como de alegre vinho capitoso,

Se desprende um tal fluido de ternura,
Que me inebria e torna venturoso!
— E eu canto Floreal na lyra obscura.

(1893)

PRINCIPE NEGRO

(NATUREZA MORTA)

Queres, pois, que te pinte imperial rosa,
Como se eu fôra a propria Natureza?
Mas tem — cytherea flor — tanta belleza...
Que "terra" lhe ha de dar a côr vinosa?

Peço ás complementares a justeza,
De tons, para a nuança especiosa;
Mas... e o roxo da pétala sedosa,
Na da estructura exótica pureza?

Talvez, por isso, trema-lhe uma baga
De orvalho, como lagrima engastada
No calix que, entreaberto, irisa e alaga!

Emfim... eil-a, qual pude, aquarellada
Neste soneto, que a constringe e afaga,
Sobre folhagem verde enthronisada!

ANGELICA

BRANCA FLOR, FLOR DA INNOCENCIA

Symbolico Madrigal Antigo

Candida flor da candida innocencia,
Que, na tua brancura immaculada,
Tens da infancia a florida madrugada
E da propria candura a quint'essencia;

Ha, na tua epiderme assetinada
E na tua viçosa florescencia,
Um'alma, que se evola, perfumada,
Da leiva, inda impolluta, da existencia.

A flor do jasmineiro ou laranjeira,
O cravo, a magnolia e a borboleta,
Que se prende e abre em flor na ribanceira,

Procedem do teu bulbo, Flor selecta:
Têm, como tu, perfume que bem cheira,
Mas não têm coração, que inspire um Poeta!

O EVANGELHO DA ROSA

No principio era branca como a neve
A rosa. E era a rosa, alvo setim,
Que se enflorou, com arte mas de leve,
No alvo regaço d'alvo serafim.

E vai, um dia, incauta, se lhe atreve
A pequenina mão de um cherubim,
Que se espinhou num dêdo... e logo teve
Uma gotta de sangue carmesim.

Rola a gotta de sangue e se lhe embebe,
Como gotta de vinho — um vinho de Hebe —
Na corolla da flôr d'alvo setim...

Grita e desmaia o incauto cherubim...
E a nivea flôr do sangue a côr recebe...
— E a rosa, desde então... foi rosa emfim!

A UMA BORBOLETA

Borboleta dos amores,
Onde foste tu voar ?
Porque deixaste estas flores,
As flores do meo palmar ?
Não tinham mel minhas flores,
Borboleta dos amores ?

Eras tu minha esperança,
O encanto dos sonhos meos,
Com teo sorrir de creança
Sempre a gyrar pelos céos !
E agora... que dissabores,
Borboleta dos amores !

Ao ver-te dizia o prado:
"Outra mais bella não ha !
Não é tam lindo e doirado
O beija-flor do Pará !"
Que é das azas furta-cores,
Borboleta dos amores ?

"Qual será a flor dictosa ?"
— A briza dizia á flor —:
"Si fores tu, minha rosa,
Da-lhe o mel de teo amor;
Que ella é a flor das flores,
Borboleta dos amores !"

E a rosa dizia: — eu te amo ! —
Quando passavas, meo bem,
Pousando de ramo em ramo,
Amando as rosas tambem:
Que é dos teos castos ardores
Borboleta dos amores ?

O sol te deo seos olhares,
A rôla as azas te deo:
Rôla, — que é dos teos palmares ?
Sol, — que nuvem te escondeo ?
Que serás sem luz, sem flores,
Borboleta dos amores ?

Bem como a gotta de orvalho
Que o sol do estío seccou,
Prateando o verde galho
Da rosa que desbrochou:
Tal serás n'um mar de dores,
Borboleta dos amores !

Bonita, alegre e cheirosa,
Não mais verás uma flor;
Venceste no prado a rosa
E a rosa morreo de amor !
Que fizeste, irmã das flores,
Borboleta dos amores ?

Mataste-a ! — Eil-a n'aurora,
Murcha, bem murcha no chão ! —
Que ha de ser do prado agora,
De meo pobre coração,
Si trocaste o riso em dores,
Borboleta dos amores ?

Ingrata ! sim, foste ingrata !
Pois que assim te foste — cruel
Levando n'aza de prata
Os fructos do meo vergel:
Dá-me, eu quero as minhas flores,
Borboleta dos amores !

(1868)

—o—

HERÓES OBSCUROS

Ao amigo Joaquim Nunes

Eu canto os bois que vão, pesadamente,
Jungidos — dois a dois — sempre á carrêta,
Que conduz dos trigáes a aurea colheita,
Ao pôr do sol, chiando asperamente.

Elles trahem no olhar, doce e clemente,
Um longo e vago olhar, baixo, de asceta,
Não sei que magua ou dôr funda e secreta,
Que faz scismar e entristecer a gente.

Canto, porque são bons, fortes e puros;
E, emquanto o homem faz de tudo alarde,
Laborando vão, pacientes e obscuros.

E, só se vingam do ingrato tratamento,
No fundo azul crepuscular da tarde,
Mugindo em penosissimo lamento !

Rio, 91.

—o—

DANÇA DE PYRILAMPOS

Hoje, noite de escuro, ha baile na floresta.
Resa um convite assim, vindo n'asa do vento:
"Luciola e Pyrilampo unem-se em casamento
"E esperam não falteis, Poeta, á sua festa".

E abaixo: "Notai bem! — Dançar-se-ha um mo-
[mento"
— Pois, não falto, está dito! E é ver se aquillo presta.
E fui e vi... — Pasmei! Como, em lagôa infesta,
Fogo fatuo a dançar, dançava o ajuntamento!

Myríades sem fim de aladas esmeraldas
Do mais vivo luzir, na escura noite bella
Cruzavam-se, a tecer phantasticas grinaldas,

Myosotis de luz, em doida tarantella!
"Tudo dança!" bradava, arrepanhando as fraldas,
A noiva. — E tudo alli dançava junto della!

Petropolis, 1893.

"MADAME DURAND"

Em memoria de Presciliano Sabino Pessôa de Mello

Era uma doce sabiá da mata
Que aprisionára em perfida gaiola
Astuta mão. — Tinha uma voz de prata,
Em "soprano ligeiro", d'alta escola.

Mas andava... como anda pomba-rôla
A dar-se ao bico do trocaz que a cata...
E, então, cascadeava barcarolla,
Que em perolas d'Ophir se nos desata!

Em me vendo, d'um salto, á portinhola,
Asas ruflando, me buscava: — Agora
Tinha na voz uns quebros de Hespanhola...

"Quer ser livre..." E soltei-a. — Vinha a aurora
Pondo na mata um cheiro que se evola...
— No meu hombro pousou... Não foi-se embora!

Rio, 19-IV-05.

AGUIA REAL

Era uma Aguia Real que havia feito
A viagem do sonho e das estrellas,
Olhos fitos no Sol, pairando entre ellas,
Como no seu systema astro perfeito.

Reptou todos os raios e procellas
Com a ponta d'asa, o orgulho satisfeito.
Fôra greco-romana, pelo geito
Com que rasgára mundos como télas.

Cessou de voar... nevoou-se-lhe a retina...
— Tanta luz! — Tanta luz tornou-a vária...
Ah! já nem vê moscardo que a tasquina!

Tem assomos crueis, de quando em quando...
Mas... morre, em seu rochedo, solitaria...
— Que só perús é que vão indo em bando!

Rio, 26-III-05.

—o—

AGUIA MORIBUNDA

Exhausta da romagem das estrellas,
Onde cegára o penetrante olhar
Fitando o ustorio espéculo solar,
Um'aguia morre com saudade d'ellas.

Quanta vez, como em lenda de donzellas
Do Rheno, não as fôra despertar
Sonhando ainda, a pálpebra a azular,
Com seu hórrido grito de procellas!

E, d'astro em astro, inoculando o dia
Com seu doirado sangue de arrebol,
Lhes não suprira a luz que lhe morria!

Pesada escuridão, como um lençol,
A envolve agora! — E, moribunda, eu vi-a...
— Vi-a morrer... por ter fitado o Sol!

Rio, 1884.

—o—

MALIBRAN DA MATA

Oh! que doce e suave melodia
D'aquella moita em flor se evola agora,
E, amaviando o ambiente, se irradia,
Onda sonora, pelo valle a fóra!

Dês — que vem clareando a luz d'aurora
Até que o sol se põe, mas noite e dia
Escuto-lhe a suavissima assonia,
Que me prende, me enleva e me enamora.

Talvez que seja um coração que canta
De amor, numa *preghiera* ou serenata...
Que bella e fresca e matinal garganta!

E a voz lhe treme em limpida volata...
E alarga-se-lhe o estylo... e o estylo encanta...
Que sabiá! — E' a Malibran da mata.

(1893)

"MISS THERMUTIS"

Ha, na pensão que habito, uma gatinha,
Cujo instincto materno e alta bondade
Honra a especie, elevando-a á Humanidade:
E' minha comensal, minha amiguinha.

E sendo bolchevista (se adivinha...)
Merece o premio da fecundidade;
Pois, do ultimo "footing" á cidade,
Sete gatinhos teve essa gatinha!

Afogaram-lhe tres, que, miando, chora;
Mas, ao quarto, um branquinho que ella adora
Salvou d'agua! — Foi mãi, segunda vez.

Aquecendo-o com amor e com piedade
Taes, que, ao ver-lhe uma tal maternidade,
Dona Yayá o baptisou... Moysés!

UM CRIME

ULTIMA SCENA DE UMA TRAGEDIA DA VIDA ANIMAL

A Orozinho Xavier

Chamava-se elle "Dog". — E era um cãosinho
Tão refinadamente affectuoso,
Que, em vendo o dono, a se ourinar de gôzo,
Cabriolava, a saudal-o com o rabinho.

E valente, e reimoso, e esturradinho,
De guarda a gallinaceo numeroso,
No qual tres grandes cães, n'um só rapôso,
Vinham carnear á noite, de mansinho.

E "Dog" a acuar, ladrando, a caíçada...
E gente a corrêl-a a páu... mas de tal sorte,
Que era um "Deus lhes acuda!" a retirada!

Emboscaram-se os tres. — E, á dente forte,
Uma vez que o tótó sahia á estrada...
... Morreu! — Seu dono o condemnou á morte.

Rio, 21-IV-05.

—o—

"BEL AMI"

A uma alumna de Historia Natural

No aposento que habito, solitario,
Entre livros, papeis e objectos d'Arte,
— Meus amigos fieis por toda parte —
Vem visitar-me um grillo humanitario.

Alta noite — bom tempo ou tempo vário —
Vem do jardim visinho e cedo parte;
Mas, emquanto commigo se reparte,
Canta-me junto ao leito solitario.

E, ao ir conciliando o tardo somno,
Ouço-lhe a voz — a rude cançãosinha:
"Cri-cri"... Meu triste coração sem dono!

Não será teu relogio que caminha
Contando o tempo ao misero abandono?
— Não sei quem é; mas... beijo-lhe a patinha.

Ladeira da Gloria, 26-IV-912.

—o—

DIAMANTE

EPISODIO REAL DA VIDA MARITIMA

Era um enorme cão da Terra Nova,
Donde o trouxera, ha tempos, seu senhor,
D'uma fidelidade, a toda prova,
E eximio nadador.

Salvára-o no alto mar. — E bem lhe approva,
Com ser negro, o appellido encantador
Por que dava — e livrou de muita sova —
O Capitão Açôr.

Mas, um dia, a dormir, cioso escravo,
Para vingar-se de aviltante aggravo,
Quiz matál-o a punhal.

E, erguendo o braço... o cão foi-lhe ao gasnête!
Salvo, o Capitão fêl-o, alegrete,
Herdeiro universal.

Recife.

—o—

GUAINUMBY

Com as lapis-la-zuli-auri esmaltadas
Asinhas, n'um sussurro suave e brando,
E, nellas, levemente se librando
Como entre bolhas de sabão iriadas;

Gorja que espelha as sete côres gradas
Do prisma, a cabecinha meneando
Emquanto que o biquinho vai sugando
Todo o nectar das flôres orvalhadas:

Beija-flôr do Pará bandeia rosa.
— Sobe... desce... não pára... nunca pousa...
N'uma trepidação vertiginosa!

Ninguem o apanha; e, si tocal-o ousa
Logo se vai para outra flôr cheirosa...
— E só morto — morte cruel — repousa.

(1912).

—o—

ONDE EXISTIRA UMA AVE

LAMENTAÇÕES DE ESTHER

Em tenção e a pedido de Arthur Ferreira Vianna.

Pobre Vivi ! Morreu ! E não se morre
Quando morre um amôr de passarinho !
Não se morre de dôr ! Saudoso é o ninho,
Tepido ainda, onde o meu pranto corre.

Quando morno luar n'alma me escorre
Somnolento amavio; e um borborinho
De citharas e beijos, como um vinho
Capitoso e traidor, meu sêr percorre...

Na calada da noite, entre os suspiros
Da brisa e a voz quebrada e marulhosa
Da onda, a recortar em leves gyros

O céu (si um céu foi dado ao passarinho)
— Teu alento final ouço chorosa...
— E eu... sem ti, doce amôr ! — deserto o ninho !

——o——

A BORBOLETA AZUL

Dansando no ar nervosa tarantela,
Levípede cigana de Stambul,
No fino azul da tarde lá vai ella...
A borboleta azul !

Lá vai... lá vai... — a doida zingarela ! —
Pela campina a fóra, além paúl,
Irisando-o com o pó das asas della...
A borboleta azul !

Assim, no rosi-cler d'intima téla,
Onde o amôr em illusão se setestrélla
E canta e foge exul,

Baila Psychê — minh'alma ! E... lá vai ella !
Lá vai a doidevanas zingarela...
A borboleta azul !

——o——

HUMANIADAS

LIVRO SEGUNDO

RAPSODIAS PERNAMBUCANAS

PRELUDIO

Pernambuco ! — revejo-te, inclinado
Sobre o Atlantico, examine guerreiro
Que envelhecêra á sombra de um loureiro
E jaz da propria prole abandonado.

Mas, comtigo, ainda existe um "renegado
Filho", de quem Tu foste o amôr primeiro
— E tambem ha de ser teu derradeiro
Abencerragem, si quizer o Fado.

Não tem que accrescentar á tua Historia
Immortal, que honra o Brasil e a Humanidade;
Mas homerida será da tua gloria,

— Terra de heroica e extincta liberdade,
Em que, cada lugar, traz á memoria
Viva recordação, cruel saudade.

OLINDA

(ALLEGORIA NATURALISTA)

A Aureliano de Campos.

Como odalisca, a meio reclinada
Em relvoso divan, scismando, á sésta,
A' "cabocla" alli'stá. — Junto, a floresta
Lhe entorna sombra, alegre e perfumada.

Dorme e sonha, talvez. — A mão rosada
Da primavera lhe engrinalda a testa.
E o mar captivo, e a natureza em festa,
Beijam-lhe a trança e a perna abandonada.

Sorri. Onda revôlta, arfa-lhe o seio...
E as rijas fórmas, com volupia infinda,
Deslumbrantes, moveu. Corou. — Que enleio !...

O sol tomba no occaso: a tarde é finda...
E o luar, que a espreitou, dando-lhe em cheio,
Indiscreto, murmura: "Oh! como é linda !"

(1873)

PELA MARGEM DO CAPIBERIBE

Ao lúcido clarão da lua cheia,
D'alvo luar de Agosto, á minha terra,
Minh'alma, que saudosa se desterra,
Volve chorando. A noite é mais de meia.

E eu vou, contendo o coração que anceia,
Tardío o passo que silencioso erra,
Contemplando a paisagem que se encerra
Entre os "Coelhos" e "Olinda", á lua cheia.

E vejo, como antipoda, estampada
Nitidamente, na onda do meu rio,
A imagem da cidade idolatrada.

Dorme ao rythmo de suave murmurio...
Mas êrma... silenciosa... abandonada...
— Sombra ! — Como eu, que vou, lento e tardio !

MAR EM FÓRA

COMMEMORANDO O TRISTE CASO DO PESCADOR FACUNDO

(Recife, Fóra de portas, 1868)

Vês tu? Sumiu-se agora no horizonte
Aquell'asa erradía, alva e espalmada,
Que viste, ha pouco, em vindo a madrugada
A alvorecer, doirando a aba do monte.

Onde irá ella assim, fragil jangada!
Varando o espaço, jangadeiro insonte?
Ah! quem sabe se — barca de Caronte —
Não te conduz ao inferno alma penada!

Tudo é mysterio e assombros no alto oceano!
Lá onde acaba o céu, não ha mais nada?
Não ha mais nada, além d'aquelle plano?

E, se inda ha pouco vinha a madrugada,
Quando fôr o sol posto e o vento insano,
Que ha de ser da miserrima jangada?...

—o—

CAXANGA'...

A Ricardo José Teixeira.

Vai alta a noite. Luar, que é dia,
Serena as flôres do manacá;
No ar ambiente, neblina fria
Picando os nervos da gente está...

Gemer saudoso violão dir-se-hia
Por entre as ramas do curvo ingá...
Ouve-se, errante, branda assonnia
De serenata que morre já...

Ai que saudade da lua cheia
Da minha terra tudo me dá!
Da serenata que voluteia,

Por entre as ramas do curvo ingá!
— Da bella Uyára, gentil sereia,
Da ponte pénsil do Caxangá!

—o—

"SUN-LIGHTS CLUB"

A Alexandre Ridel.

Sul-Atlantica taça que transborda
E donde emerge o plenilunio d'ouro,
Desde Santo Amaro ao ancoradouro,
O Recife, fantastico, recorda.

Como quem dorme e em pleno sonho acorda,
Toda a cidade, sobre o miradouro
Das pontes, se debruça a ver, ao estouro
Dos remos n'agua, se afastar da borda

Para o alvo mar, flotilha, alva de prata,
Donde, em quarteto, harmonioso choro,
Suavissima *berceuse* se desata...

— E vai á barra e volve ao ancoradouro,
Deixando para traz a serenata
Saudoso echo... ao plenilunio d'ouro.

—o—

MAGNETISMO ANIMAL

FASCINAÇÃO...

A estrada, como fita, se desdobra
Entre barrancas, d'agua ao borborinho,
E eu vou, sobre um bucéphalo — o "Russinho" —
Contemplando a paisagem que sossobra

No ouro-velho da tarde. E eis que, a uma dobra,
Da riba avermelhada e do caminho,
Rodopiando vejo um passarinho
A piar. E o pagem: "*Seu* Doutor! — é cobra..."

Rodopiava, afflicto e tristemente
Piando... agua a sorver-se em remoinho,
N'um espiral revôlto e descendente...

Até intrometter-se — coitadinho! —
Vendo fital-o erecta uma serpente...
Na bocca da serpente o passarinho!

—o—

CHORA-MENINO

LENDA PERNAMBUCANA

E' lenda que houve outr'ora, entre a aurea Estancia
E a Passagem da bella Magdalena,
Onde êrma "Garapeira" eu vi, na infancia,
Fundo atoleiro em forma de Gehenna.

Era ali que, purgando a enorme pena
De ser mãe... sem symbolica alliança,
O fructo do seu erro invia creança
Ia afogar... vil coração de hyena.

E então quem, alta noite pavorosa,
Passasse, receiando atroz destino,
Como sombra, na noite tenebrosa,

Ouviria dobrar, como a de um sino,
De muita creança morta a voz chorosa...
— E o local se chamou: "Chora-menino".

—o—

QUEBRA-PRATOS

Trancando-lhe a barra
A estranho pendão,
Fortim zingazarra
Com "Brum" e "Picão".

— E' isto, o que narra
Antigo padrão;
Mas, hoje, não marra...
— Nem berra o poltrão!

Ruiu, aos máus tratos
Dos tempos ingratos
D'antanho... e, por fim,

Nos d'hoje — tão atros! —
Não mais quebra-pratos
O extincto Fortim.

—o—

A CRUZ DO PATRÃO

LENDA PERNAMBUCANA

Cruzeiro, entre "Olinda"
E o "Brum", no alvo chão,
Se erguer vê-se ainda:
— E' a "Cruz do Patrão".

Plantou-a de infinda
Piedade aurea mão;
Lembrando quem finda
A "Cruz do Patrão".

Porém si, amarado,
Morrendo afogado,
Vai ter ao alvo chão...

E' logo enterrado
No limbo sagrado
Da "Cruz do Patrão".

BEBERIBE

No limpido crystal de viva prata
Que aceira um fundo da mais fina areia
Onde se esbate e espelha a lua cheia
E um ramo de ingazeiro se retrata,

De volta, um dia, de jornada ingrata,
Andante cavalleiro que se apeia,
Quiz lustrar-me em meu rio que serpeia
E em pérolas de orvalho se desata.

E fui-me embebendo nelle... e achei-o frio...
Mas d'um frio que as carnes arrepia,
Pondo em todo meu corpo um calefrio.

Beberibe ! És bem tu ? Mas... que agua fria...
Tão fria ! E remirei-me no meu rio:
"Não ! não mudou !'" — Só eu mudado havia.

NO AMPHITHEATRO DE OLINDA

(IMPRESSÃO PHOTOGRAPHICA)

Para Alzirinha Maciel de Oliveira.

A casinha em que ella mora
Fica pertinho do mar,
— Donde vem rompendo a aurora
Quando ella se vai banhar.

E, á noite, si, mar em fóra,
Prosegue a esteira do luar,
Viva saudade a devora...
E resa... E se vai deitar.

Vela-lhe o somno a Mãesinha...
Mas tão pequena é a casinha
Para tanto bemquerer,

Que nem sei como Alzirinha,
Mamãe, Saudade e Bêsinha,
Possa — juntinhas — conter.

——o——

VISTA DO RECIFE

A' minha Terra nativa, longos annos depois de saudosa ausencia

Vem surgindo da vaga salitrada,
Como um sonho de pedra, amorpho ainda,
Branco, na curva do horizonte infinda
De montes e coqueiros recortada.

Já se levanta a "Torre alcandorada
De Malakoff", que a cidade blinda...
Surge o Arsenal... o Brum... o Isthmo... e Olinda,
Como um presepio, á encosta pendurada...

Eil-o, o Pharol... Dobrando a Tartaruga,
Varre o mar o arrecife espumarado,
Cavando areias que o estuario suga...

Poucos navios vejo... Abandonado
O ninho em que nasci... e me refuga!
— Oh! meu País! como estás tu mudado!

(102—1890).

——o——

RUINAS DE PALMYRA

(IMPRESSÃO D'UMA MINA DE GESSO, EM OLINDA)

Derrocada no chão, como ossuario enorme,
Fantástica cidade em ruinarías dorme,
Dorme somno de pedra em meio ás cousas mortas,
Pompéia — a soterrada — ou Thebas das cem portas.

Cem portas ella havia e havia aureo palacio;
Cathedraes como o Rheno, e estatuas como o Lacio;
Como o Lacio, jardins, theatros e bazares,
E vão polytheismo a errar-lhe pelos ares.

Mas, um dia, arruiu e, do que fôra outr'ora,
Não mais resta que escombro onde a saudade mora,
Mais do que ossada e pó — pó alvadio e espêsso !

Acaso, viajor que a vê, triste suspira...
A bocca popular chrismou-a de "Palmyra'
— E não é mais que greda ! não é mais que gêsso !

(1893)

—o—

A CASCATINHA DO JABOATÃO

Ao saudoso amigo e delicado poeta João Candido

Pula, ululando, offegante,
Como alva e crispada gata,
Sobre as patinhas de prata,
Em novello, alvo e espumante !

Semelhas Nayade errante
Que, quando o seio recata,
Ás risadinhas... desata
Crespa madeixa ondulante !

Mas, eis que vais... vais a medo
Desdobrando entre o arvoredo
Teu diamantino fitão...

Até sumil-o, cascata,
Como um novello de prata,
No fundo do Jaboatão !

Rio, 06.

—o—

PERNAMBUCO

NA EXPOSIÇÃO NACIONAL DE 1908

Eu sou a força viva e persistente
Do Brasil que evolue para o Porvir.
Quando o invadiu o Bátavo absorvente,
Todo o Brasil eu fui; — fil-o sahir.

Depois, quando o Mascate — um bispo á frente —
Contra os nobres de Olinda ousou renhir,
Contra um rei, que "fez fraca a forte gente"
Inda o Brasil fui eu; — não o quiz trahir.

"Leão", em dezesete, "Corôado",
"Vinte e quatro" — "o Equador" — me viu rugir
Contra o Brasil... mas recolonizado.

E, hoje, que todo o Sul quer se "expandir"...
— Pelo regime industrial moldado,
O Brasil hei de ser dos que hão de vir.

Rio, 28-VIII-08.

—o—

MANGA-JASMIM

LENDA PERNAMBUCANA DA ILHA DE ITAMARACÁ

Ilha existe, onde, antanho, sôava
N'uma gruta subtil maracá;
E onde, a furto, ao luar se encontrava
"Flôr de Jambo" com "Flôr de Cajá".

Com delirio, um a outra esposava...
— E que beijos de fogo ella os dá! —
Quando a bocca elle a ella beijava,
Rescendia a jasmins acola!

D'esse amôr lhes nasceu doce fructo,
Que não pôde viver um minuto
E... em mangueira tornou-se, por fim!

A aurea manga da maga mangueira,
Como um favo de mel, inda cheira
— Côr de jambo — a cajá e a jasmim!

Rio, 7-VI-06.

—o—

EL-REI ABACAXI

LENDA PERNAMBUCANA DO ARRAIAL DO BOM JESUS

Houve, outr'ora, um Rei que o seu reinado,
Em vida, repartiu com seus filhotes;
E, sendo quatro, em outros tantos dotes,
Lhes deu quanto aos pais havia herdado.

Mas nem por isso El-Rei ficou folgado;
Que, além de pêcos, lhe nasceram zotes:
— E assim El-Rei aos quatro principotes
Foi dando o que se havia reservado.

Tudo lhes deu, excepto a real corôa
D'esmeraldas com seus lanceados folhos,
Que da tez lhe contrasta o igneo rubi.

E o doce Rei se transformou em boa
Fructa piramidal que tem quatro olhos...
— E passou a chamar-se — Abacaxi !

Rio, 906.

—o—

CANNA CREÔLA

LENDA PERNAMBUCANA DE NOSSA SENHORA DO CABO

No bom tempo em que os deuses sobre a Terra
Se amavam como míseros mortáes,
Uma Nympha, que andava em doce guerra
De amôr, fugia á sanha das riváes.

Fugia... E, devorando o valle e a serra,
Entre prantos, suspiros, ternos ais,
Quasi á mão de Cayanna, já enterra
Por um brejo, exhalando ancias mortáes.

E, de tanto correr e suar e tanto
— Sendo Nympha — ser flôr que se estióla...
Transformou-se em canniço ! — E, almo encanto !

Sob os acerbos picos da corolla,
Dos tenros gomos vai vertendo em pranto
Saccarino licôr — Canna Creôla !

Rio, 906.

—o—

A FLÔR DO MARACUJA'

LENDA PERNAMBUCANA

No chão do Calvario
Nasceu como um lyrio:
— E' a flôr do martyrio
De um Deus solitario.

Tem todo o emblemario
Que um povo em delirio
Ergueu para o empyrio
Num crime lendario.

Mas, olha, o que encanta
Na flôr sacro-santa...
— Mais linda não ha! —

E' o mel saboroso,
Que infiltra, cheiroso,
No maracujá!

—o—

SOME'

LENDA PERNAMBUCANA DA PASSAGEM DE SÃO THOMÉ PELA SELVA BRASILEIRA

Aqui, n'esta pedra,
"Somé" se sentou;
E, como em exêdra,
Do Christo pregou.

Por que é que não medra
Quanto elle plantou?
— Pois, olhem, na pedra
Seu rasto ficou!

"Somé", entretanto,
Se foi para o Céu...
E eu, que sei tanto,

Não sei se morreu!
Quem crê n'esse santo
Da lenda? — Não eu!

Rio, 906.

—o—

CATECHISANDO...

Quando Albuquerque dominava Olinda
Catechisando o indio a ferro e fogo,
Um caso deu-se que poz logo em jogo
Do portuguez a clueldade infinda.

Tendo o audaz Tabajara em desafogo
D'uma maldade, que revolta ainda,
Atacado o reducto em que se blinda,
Aprisionou-lhe um chefe e o exemplou logo.

Mandou prendêl-o á bocca de um obús...
E atacar fogo! — E o indio, espedaçado,
Pulou no espaço ensanguentando a luz

Do sol que ia morrendo angustiado
No occaso... e onde, em nome de Jesus,
El-Rei se fez senhor do humano gado.

—o—

A PRINCESA ARCO-VERDE

(EPISODIO DOS TEMPOS COLONIAES)

A' Pia Cavalcanti.

A principal da Tribu Tabajara,
Bella e na flor da puberdade ainda,
Habitára Marim (depois Olinda),
Quando Duarte Coelho a sitiára.

Toda a Tribu aguerrida pelejara,
Vencendo o audaz reinol. Mas, se não finda
A acção, sem acto de bravura infinda:
Arco-Verde a Albuquerque aprisionara.

Foi então, que, como honra merecida,
Por esposa da morte lhe foi dada
Quem lhe deu, perdoando, o amor e a vida.

Gemedora saudade do passado,
Como vens tu, poetica e arroubada,
Da selva em flor do meu país amado.

—o—

D. MARIA ARCO-VERDE

(PERNAMBUCANA)

São meus estes bosques
Campinas e flores,
Do céu os encantos,
Do sol os fulgores:

As arvores bellas,
Os cedros cheirosos,
Os lindos jambeiros
De fructos gostosos.

São meus estes valles
De flores bordados,
O aroma das flores,
As flores dos prados:

As aves canoras
Nocturno Tetéo,
A lua de prata,
Os astros, o céu.

São meus os regatos
Que choram, que gemem,
As lindas estrellas
Que brilham, que tremem:

Os montes relvosos,
Os campos sem fim
Que cercam formosos
A bella Marim.

São meus os gorgeios,
Arrulos e trinos,
Que soltam as aves,
Das selvas os hymnos:

Palmeira elegante,
Brasil, Sapucaya,
Que altiva se ergue
Do ermo atalaya.

São meus os thesouros,
A prata, o diamante,
O ouro luzente,
O rico brilhante:

A manga cheirosa,
O bom sapoty,
O mel que das flores
Extrae Jatahy:

São meus os triumphos
Dos filhos das tabas
Que bravos resistem
A vós, Imboabas;

O zephyro brando,
O forte aquilão,
As vagas, os mares,
O raio, o trovão.

São minhas as tabas
Pagés feiticeiros
Aljavas e settas
Possantes guerreiros.

E' nosso enviado
Gentil colibry,
Que leva as noticias
Ao grande Tupy.

Meu pai é Cacique,
Das hostes Senhor,
Não teme os furores
Do fero invasor.

Eu sou a princesa
D'altiva Marim,
Os bravos dos bravos
Só morrem por mim.

Valente estrangeiro,
Dos brancos senhor,
A ti dou a vida,
Se dás teu amor.

Em vez do tacape
Que a vida te roube
Terás duas vidas,
Que a minha te coube.

As filhas dos teus
Mais bellas não são;
Aceita, oh guerreiro,
O meu coração.

——o——

FUNDAÇÃO DO RECIFE

Quando aos nobres de Olinda o vil mascate
Disputava a conquista e o conquistado:
— Mais alguma de X, mais um bocado
Do negro pão do exilio, em que se embate;

Moveu-lhe crua guerra o alcandorado
Chefe, que o justo intento lhe rebate;
E, de tanta ambição cruel resgate,
O expelliu para o valle, inda alagado.

Mas, uma noite, apparelhado tudo,
Fez o mascate erguer um pelourinho
Que era então da cidade o emblema e o escudo...

E foi assim que abriu largo caminho
Para o sertão, que era deserto e mudo...
— E o Recife surgiu — bello e escarninho!

——o——

POTY

Sabes quem foi Poty? Quando o emboaba
Rechaçou para a selva o Potyguara,
Entre os que a ferro e cruz catechisara,
Poty, com Clara, abandonou a taba.

E, fiel á fé que a Deus e El-Rei jurara,
Veio alliar-se ao Luso, que se gaba
De haver colonizado... uma igaçaba,
Com a raça que ali jaz e exterminara.

E desde então... mas sempre que os de Hollanda
Combate o Luso — Vieira ou André Negreiros —
Felippe Camarão *potys* commanda.

— Commanda e vence, heróe entre os primeiros,
Provando que um bom sangue não desanda...
— Nem mesmo mestiçado em brasileiros.

—o—

HENRIQUE DIAS

Não fôras tu, Heróe da raça preta,
Um archetypo da affectiva raça,
De cujo coração, nem a desgraça
De ser escrava, armara a dor secreta;

E contra a habil politica discreta
E industrial do Batavo, que traça
A mais livre expansão por onde passa,
Jámais terçaras toda a raça preta.

Mas, com seu sangue e alma soffredora,
Herdaste um coração que se desdoura
De trahir quem n'a trái, sem Fé nem Lei;

E eis que, ao levar-te a mão fero estilhaço,
Bradar pudeste: "Inda me resta um braço
Para servir a Deus, a Patria e a El-Rei!"

—o—

NA CASA-FORTE

Travára-se o combate entre os de Hollanda e os nossos
Sobre a vasta campina em frente á Casa-forte,
Qu'inda hoje, se vê junto á Capella. E a sorte
Da guerra era contraria aos batavos-colossos.

Pelouro, varando o ar, em horridos transportes,
Por entre a fumarada, a uivar sobre destroços,
Do melhor do seu sangue iam-lhe enchendo os fossos
E o reducto era escombro onde imperava a morte.

Mas, súbito o Hollandez que havia aprisionado
As damas principaes de toda a redondeza
— Refens d'alto valor a peito amante e amado —

Astuto as fez expor nas linhas de defeza.
Então houve, em momento heroico, allucinado
Ataque... e a ferro frio a praça quedou presa.

—o—

NO ALTO DOS GUARARAPES

COMMEMORANDO, COM SUA ÚLTIMA BATALHA, A QUÉDA DO DOMINIO HOLLANDEZ NO BRASIL

Aqui foi que, da bátava grandeza
Ultramarina, o sol tombou no occaso,
Ensanguentando o mar que, longo prazo,
Disputára á conquista portugueza.

E a Nova Hollanda — extranho e novo caso
D'alto emporio a imperar sem realeza...
O sonho de Nassau! — em guerra accesa,
Desfez-se em fumo; ruiu, de plano e raso...

E, para todo o sempre, evaporou-se!
Mas não foi, tão sómente, a integridade
Do Brasil-portuguez que isso nos trouxe

— Foi nossa propria Nacionalidade:
Raça, lingua, costumes, crenças — doce
Grilhão que ora nos prende á Humanidade.

—o—

O EXODO PERNAMBUCANO

(3 DE JULHO DE 1635)

A João Baptista Regueira Costa.

Cançado d'essa lucta heroica em que os de Hollanda
Vencem pelo poder das armas tão somente,
Mathias de Albuquerque incita a nobre gente
A exilar-se da Patria — e o êxodo commanda.

"Que ella, a submetter-se ao jugo da outra banda
Que o Calvinista audaz disfarça suavemente,
Prefere abandonar-lhe o possuido." E, á frente
Dos principaes da terra, o último adeus lhe manda.

E começa, através de montes e florestas,
E rios e sertões, essa immortal guerrilha
Qu'inda hoje commove as almas mais honestas;

E em que — do amor da Patria eterna maravilha! —
Todo um povo de heróes e aspirações modestas
Morre... mas como o Sol que, inda morrendo, brilha!

Rio.

—o—

VINTE E SETE DE JANEIRO

(1654)

COMMEMORANDO A RESTAURAÇÃO DE PERNAMBUCO DO DOMINIO HOLLANDEZ

Ao Instituto Archeologico e Geographico Pernambucano

Patria Pernambucana! Hoje é o teu dia:
— Dia em que teu valor e fortaleza
Transmudaram, da América Hollandeza
Para a Latina, a nossa hegemonia.

Que te não foi — tão só — d'alta valía
Teres a lusitana realeza
Restaurado de Olinda á vã nobreza...
— Nem nos volvido a Fé que nos fugia;

Mas, congraçando Dias com Negreiros,
Clara e Poty com o ínclyto Vieira,
Teres dado, a futuros brasileiros,

— Fusionando tres raças n'uma e ordeira
Raça social, — os typos verdadeiros
Que te hão de fazer Patria Brasileira.

(1890)

—o—

NA REPUBLICA DOS PALMARES

Promptos para a defeza ostentam-se os Palmares!
Zumbi — o negro chefe — e bravo entre os mais bravos,
Percorre a paliçada e encoraja os escravos
A' resistencia ou morte. Ha pánico nos ares...

Eram poucos... Qu'importa? Encontram-se aos milhares
Agora. A escravidão, d'homens boçáes e ignaros,
Fêl-os heroes. Na Historia ha desses desaggravos:
Que venham! — Morrerão, mas livres, nos seus lares.

E eis súbito os d'El-Rei, á força concentrada,
Attacam-n'os sem dó... Troveja a coronada...
Rue por terra o "Quilombo", aluido o contraforte.

Mas então... Inteireza Humana immaculada,
Viram-se heróes rolar de cima da esplanada
Preferindo, ao labéo da escravidão, a Morte!

A BERNARDO VIEIRA DE MELLO

Si não lançaste em terra portugueza
O germen de um Brasil republicano...
— Contra o desdem que um fero soberano
Votava á transatlantica Nobreza,

Quando poz a discordia em guerra accesa,
Entre Recife e Olinda, um bispo insano,
Proclamaste, n'um impeto spartano,
Republica *ad l'instar* de Veneza.

Não foi, pois, a paixão da liberdade
Que te arrastou, á cauda de um cavallo,
Como a Heitor, pelas ruas da cidade;

Mas requinte de zelo e de lealdade...
Que um rei nunca perdoa a audaz vassallo,
Mazeppa do amor-proprio ou da vaidade.

A BANDEIRA DE "DEZESETE"

Sem grande córte na Côrte,
Não se goza um bem geral;
Que o córte é que nos faz bem...
E a Côrte é quem nos faz mal.

— Epigramma de Manuel Caetano

"In hoc signo vinces"

Em campo azul, onde o Iris se reflecte,
E branco, que assignala rubra cruz,
Surgiste, Pavilhão de "Dezesete",
Bem como o sol que no Equador reluz.

E, lembrando a "Cruzada", pois repete
De Constantino o labaro de luz,
No teu escudo lia-se o motete:
— "In hoc signo vinces" — que a traduz.

E... venceste! — Vivendo gloriosa
— Embora um dia só, Malhérbea rosa
Na obra dos teus heróes — homens de bem.

Mas, como a vida, foi-te a morte honrosa;
Pois, vencida e ao morrer — coisa assombrosa!
— No teu erario não faltou vintem.

——o——

LEÃO CORÔADO

EPISODIO DA REVOLUÇÃO DE 1917

Em "Dezesete", quando o movimento
Republicano estava planejado,
Para vingar o "incruento baptisado"
E impedir o recolonizamento;

No "Quartel de Policia" houve um momento
Em que o "caldo se viu quasi entornado":
— Quando o plano, em segredo concertado,
Foi descoberto... e ia falhar o intento.

Reunindo o conselho, sala acima,
Exproba o Commandante o intuito ousado
E dá voz de prisão a Barros Lima.

— Sacca da espada; e, em ímpeto arrojado
Matando o coronel sem que elle esgrima,
O "Quartel" revoltou Leão Corôado!

——o——

O CARRASCO DE FREI CANECA

AO PINTOR-ESCULPTOR NACIONAL EDUARDO DE SÁ, PARA QUE O CONCRETIZE N'UMA OBRA D'ARTE

Ad perpetuam rei memoriam. — Depoimento de um contemporaneo

Eu era bem menino e cuido que o estou vendo.
Chamava-se Felippe — um negro, já de idade,
E doido. — Endoidecera em sua mocidade,
Procurando enforcar o "Padre Reverendo".

Foi isso em vinte e quatro. O Imperio ia colhendo
Na forca a rubra flor de sangue e heroicidade
Com que Martins sellara a nossa liberdade,
Por ella, em dezesete, impávido morrendo.

Tambem devia ser Frei Caneca enforcado.
Mas não houve galé, nem mesmo torturado,
Que o quizesse enforcar. Felippe estava sendo...

E endoideceu. Mas, quando o caso recordava,
Num delirio febril agudamente entrava.
— Eu era bem menino... e cuido que o estou vendo!

—o—

PEDRO IVO (1)

LENDA PERNAMBUCANA DA "REVOLTA PRAIEIRA"
2 DE FEVEREIRO DE 1849

(*Coram popolo*)

1.º

NO PATEO DO LIVRAMENTO

Inda virá talvez, como o lendário
Sebastião de Ourique, em seu corsel...
Da "Revolta Praeira" o legionário
Heroico, que lhe soube ser fiel.

Quando Peixoto (2), Roma (3) e o libertário
"Seu Borges da Fonseca" (4), de tropel,
Foram batidos... por tráição cruel!
— Elle — estirpe de Gracchos — se fez Mário.

E, no Pateo reinol do Livramento (5),
Por entre balas de que era alvo, emquanto
O "Rebelde" (6) que ousára, um só momento,

Ter medo, pela orelha, punha tento...
— Cumprimentava, com risonho encanto,
A Dama que o trazia em pensamento.

—o—

2.º

NOS AFOGADOS

E, em retirada militar, cadente,
Vai, por Cabanga e os Afogados fóra,
Até Pina ou Coqueiros, onde agora
Eil-o a passar com sua brava gente.

Marchava, combatendo á sua frente,
Como "Os dez mil" de Xenophonte outr'ora,
Disputando o terreno, que devora,
E a vida, que defende heroicamente.

E, palmo a palmo, sempre a retirada
Cobrindo, foi se intrincheirar na "Mata" (7),
"Donde jámais lhe arrancarão... que a ossada!"

Mas, vendo-o manobrar com tropa ingrata
E ordenado valor, Coelho (8), aos seus brada:
- "E' o Pedro... bem se vê! — Que passeata..."

——o——

3.º

NA "MATA"

A "Mata" virgem, fresca, redollente,
Rumorosa e orvalhada, repousava
Na agonía do sol que a ensanguentava,
Como um ninho onde choca uma serpente.

Súbito, ouvem-se brados... de repente,
Na curva do caminho que o esboçava,
Via-se, solemne, um velho que avançava
De crucifixo em punho, mas silente.

'Quem vem lá? Si não responde... — Fogo!"
E descarga espocou no espaço que arde...
E prostrou o ancião por terra logo!

E Pedro Ivo a um capitão: "Covarde!
Matou meu pai" (9) — E se rendeu — sómente
Ante a paterna dôr, no azul da tarde.

——o——

4.º

NA BAHIA

No azul da tarde, triste e merencorio,
— Erma gaivota errante a fluz dos mares —
Eil-o a curtir saudades e pezares
Entre incertezas de um destino inglorio.

Para si, nada quiz da mão de Honorio (10);
Só para os seus: — indultos militares.
— "Nunca mais voltará para os seus lares?
Será cumprido, em tudo, o promissorio?

E, assim, chegou ás aguas da Bahia,
Onde — irrisão da sorte! — em pleno theatro
Toda a gente acclamou-lhe a alta valia...

Para voltar, em horrida tangagem,
A' "Presiganga" (11), que o levou ao ingrato
Rio... — E o Rio o encarcerou na Lage.

——o——

5.º

NA LAGE

A "Lage". — Ermo "testudo" em meio ás aguas
Da Guanabara — amphibio armado em guerra,
Que atira para o mar e para a terra,
Inchado o bojo de humidade e fraguas —

A "Lage", onde se estendem, como anaguas
Em coradouro, espumas, — nivea serra —,
Por algum tempo Pedro Ivo encerra...
A "Lage" muita vez carpiu-lhe as maguas!

Mas, um dia, sentindo-se trahido
Na fé que lhe jurára adversa gente,
Quando se havia ao proprio pai rendido,

Cai sobre a sala d'armas, de repente...
Enjaula a guarnição, tendo abatido
A bandeira... E então foge ousadamente!

——o——

6.º

NO DESCONHECIDO

E diz Moraes (12) que, tendo-o conduzido
Em carro, onde se achavam Sepetiba (13),
Bastos (14) e Torres Homem (15)... costa á riba,
Fôra n'um barco genovez mettido.

Eil-o agora, da Patria foragido,
Em pleno mar, como albatroz que arriba
Ao convés de um navio, onde preliba
Da liberdade o vinho prohibido...

Mas, que é do heroico pássaro exilado
Que nunca mais volveu ao ninho amado?
— Fundo mysterio! — Envolve-o a cerração. ..

Ninguem mais pôde ouvir-lhe os livres brados...
— Cala a bocca... emigrou para os Estados
Unidos... da "Bahia da Tráição"!

—o—

7.º

NO THEATRO ISABEL

EPÍLOGO

(*Vinte annos depois*)

O seu nome immortal nos diz quem era: — tudo!
Honra e brio e valor; civismo na coragem;
Sublime no ostracismo e heroico na carnagem:
— Catão — um grande exemplo; e Mário — um forte
[escudo.

Servira a uma facção, "sem odio e sem estudo".
Crendo a Patria servir: — Foi ter á caudilhagem,
Familia e Patria e Lar jogando na voragem!
Mas, cahiu como heróe: — que o diga... o oceano mudo...

O lar... inda hoje o lar conserva-lhe a memoria.
A familia... eil-a aqui — orphã! sem pão! — que a Historia,
Onde a Patria existira, inexoravel, séria,

Gravou, com ferro em brasa, um nome: "Servilismo!"
Povo Pernambucano! — é a hora do altruismo:
— Sê digno de ti mesmo e salva-a da miseria!

—o—

PEDRO IVO

LENDA PERNAMBUCANA DA "REVOLTA PRAIEIRA"

2 DE FEVEREIRO DE 1849

NOTAS

1 O Capitão do Exercito Pedro Ivo Velloso da Silveira.

2 Felix Peixoto de Brito, depois Consul do Brasil na Espanha.

3 José Ignacio de Abreu e Lima, conhecido por "Padre Roma".

4 Antonio Borges da Fonseca — o "Republico" — Principal factor da "Revolução de 7 de Abril (a "Abrilada") no Rio de Janeiro. que determinou a abdicação de Pedro I.

5 Quasi de todo habitado por portuguezes, que retalhavam carne-secca e eram encarniçadamente hostis á Revolta.

6 "Rebelde" era o "Praeiro" ou antigo "Ximango", quer dizer — liberal — que se revoltára contra a tyrannia do "guabirú" ou antigo "baronista", quer dizer — conservador.

7 A "Mata" — fertilissima região no Municipio de "Agua Preta".

8 O General José Joaquim Coelho, depois Barão da Victoria, que então commandava as Armas.

9 O Coronel Pedro Antonio Velloso da Silveira.

10 Honorio Hermeto Carneiro Leão, depois Marquês do Paraná.

11 A "Presiganga", barco á vela que encarcerava e conduzia os "rebeldes".

12 Moráes (João Duarte de Moraes) — o velho Moráes — restaurador de quadros da antiga Academia de Bellas-Artes — a quem, certa vez, ouvi, no atelier Almeida Reis, que conduzira Pedro Ivo n carro, que estacionára na Praia de Botafogo, em companhia de...

13 Aureliano de Souza e Oliveira Coitinho, Visconde de Sepetiba.

14 Aureliano Candido Tavares Bastos — o inolvidavel pamphletista das celebres "Cartas de um Solitário".

15 Francisco de Salles Torres Homem — Timandro — o celebre pamphletario d'"O Libello do Povo". Foi depois ministro da Fazenda e morreu senador e visconde de Inhomirim, graças á sua celebre phrase: "Senhor! para os grandes crimes, os grandes perdões!".

S. E. O. Todas estas referencias fazem-se de memoria e outiva.

—o—

O GENERAL DAS MASSAS

PERFIL HISTORICO-ICONOGRAPHICO

Dir-se-hia abbade, nedio e legendario,
A transbordar do "panamá", que usava
Com paletot de alpaca, amplo e plenario,
Donde alguma brochura se esgueirava.

Eu o vi, muita vez, quando jantava
Na "Tia Poncia", á Rua do Rosario;
— Era d'ali que o grande pamphletario
Para os jornaes a bilis esvurmava.

No emtanto estava ali quem, na Bahia,
Salvara, em "Vinte e quatro", a propria vida
Do Equador, com papeis que conduzia;

Quem, com Bolivar, porfiando em lida,
A America Central fundado havia.
— Alheia estatua o lembra; a Patria o olvida!

—o—

"SEU" NUNES

LENDA EPISODICA DA "REVOLTA PRAEIRA"

(2 DE FEVEREIRO DE 1849)

1.º

EM SI MESMO

Quando nasci, morreu. — Mas inda o vejo,
Em "passa-piolho" o rosto emmoldurado,
Surgir, do amplo colete enxadrezado,
Como o romano que morreu de pejo...

Typo de Dictador affeiçoado
Ao povo, era um "tyranno" bemfazejo;
— Chicoteára, como a animalejo,
Um "praieiro" que o havia exautorado.

Quando a "Revolta" vinha ensanguentada,
Reprovou-a; e, ao ouvir que se vendera
Aos "guabirús", trahindo a fé jurada...

Atirou-se no "fogo" denodada
E abertamente. — Então bala certeira
O matou... Disse o Tosta que "morrera"...

—o—

2.º

NA SOLEDADE

Morreu! — Mas, quando vivo ardia o fogo,
Caracter franco, coração aberto,
Todos lhe ouviram — peito a descoberto —
Voz de commando, entre a ameaça e o rogo.

A Soledade era caminho certo
Por onde iria Roma em desafogo
Da sorte da "Revolta", posta em jogo
N'aquelle dia de traições coberto.

Fora detido — e entrincheirou-se á esquina
De Fernandes Vieira e João de Barros
Que o "Palacio do Bispo" ali domina.

E, quando encorajava os mais bizarros...
— Feriu-lhe o coração bala assassina. ..
E tombou a golfar sangue — aos escarros!

—o—

3.º

NA CAPELLINHA DE JOÃO DE BARROS

E... morreu! — Mas seu corpo foi levado
Em rêde, pelas ruas da cidade,
Por Figueira de Mello — o denodado
Chefe de policia e... crueldade.

Quem o via passar, mas que indignado,
Voltava o rosto... á odienta auctoridade
Até que, entre os apupos da maldade,
Na estrada, foi, por fim, abandonado.

E ali jazêra, como Tiradentes,
Pelo abutre do tempo devorado,
Si Anna Aurora — o "anjo-bom" d'aquellas gentes

O não tivesse, á noite, sequestrado,
Para ser, entre lagrimas ardentes,
Na escusa Capellinha sepultado!

—o—

A REVOLUÇÃO

*A' heroica provincia de Pernambuco, **minha terra natal**,*
no dia anniversario de sua ultima revolução

Quando louca de dôr, lavada em sangue, accesa
Em furia, ella rompeu do abysmo-populaça,
Feroz como Caim, fatal como a desgraça,
Pondo fogo ao petroleo ao som da *Marselheza*...

A força e o preconceito, o altar e a realeza,
Ruiram sobre o pó, como pesada massa;
E ella arrastou comsigo, orgíaca e devassa,
A victima innocente e a criminosa presa.

Nada ficou de pé; por toda parte ruinas!
Leis e instituições, humanas ou divinas;
Almas e corações: tudo enlodado e vão!

Então ella parou, curvando a fronte exangue;
Olhou em torno a si... e viu sómente sangue!
— Appellou para a sciencia e fez-se — **Evolução** - -

S. Paulo, 2 de Fevereiro de 1877.

—o—

DURANTE A GUERRA

Quando ás "Santas Missões" as armas brasileiras
Levaram, sob o Imperio, a liberdade e a morte,
Inválido da Patria — um velho heróe do Norte —
Contou-me o que refiro em rimas verdadeiras.

Era... nem lembro onde era... As hostes carniceiras
Haviam dizimado a guarany cohorte:
Cepára a artilheria um fogo vivo e forte;
A arma branca varrera as ultimas fileiras.

Prisioneiro um só... e um só foi condemnado.
(Era um velho jaguar, — batera-se com gloria!)
Pela lança a expiar da Patria o amor sagrado

Amarraram-n'o a um poste, e, a resurgir na Historia,
O guarany cahiu por terra lanceado!
— Iam morrendo ao longe os cantos da victoria.

LEÕES DO NORTE

A Martins Junior.

(Depois da leitura de uns versos seus)

"Almas fortes de heróes, valentes corações,
Aquella geração que fez o "Dezesete"!"
— E fez o "Vinte e quatro"! E ainda se reflecte
Da "Revolta praeira" em meio ás legiões!"

Sim! que ao ver sugigada em horridos grilhões.
A Patria, qual muralha humana que arremette
Queimou de "Oitenta e nove" o ultimo mosquete..
— E fez saltar, com o Rei, quaesquer escravidões!

E a Republica veio, honesta e soberana;
Ordeira, progressista e immensamente humana,
Nivelando no amor da Patria as condições;

Mas, com ella, cahiu! Com ella, entrou na Historia
Que se honra de evocar-lhe a inclyta memoria,
— Bem como Daniel na furna dos leões!

BARROS VOLCÃO

(EVOCAÇÃO SAUDOSA)

E, como Anacreonte, o vejo ainda
— Velho, bem velho, e eternamente moço.

"Vulcão que ha de engulir cem mil "columnas".
- E, por isso, chamaram-n'o — "Vulcão";
Mas era um grande e nobre coração
Ao serviço de "Apollo e as Nove alumnas".

Republico sem par entre os "turunas",
Certa vez e em certa reunião
Pedira uma vassoura e, a um *Figurão*
Propoz varrer-se... cousas importunas!

Mas, que poeta! E que lyrismo á Alceste!
"Si além da Eternidade, anjo celeste,
"Eu pudesse crear um paraiso,

"Teria a luz do sol nesses teus olhos...
"E... — pondo fim, como eu, sem rima em — *olhos* —
"— E a aurora do amor em teu sorriso".

—o—

PADRE AZEVEDO

(REIVINDICAÇÃO HISTORICA)

Quando o vi, cuidei ver o Padre Vieira,
No seu "atelier" das "Cinco-Pontas":
— Tinha crescidas do cabello as pontas,
Hirsuta a barba e... mingua de "eira e beira"...

Homem de inteira fé, virtude inteira,
De bons amigos e melhores contas,
Suspenso estava de ordens, porque, ás tantas,
Ia á Maçonaria Brasileira!

"Maçon, sua mãi — a Viuva — fêl-o padre;
"E, quanto é, lh'o deve — até o saber:
"Ingratidão não ha que bem lhe quadre.

O "Ordinario" mandara-o suspender..."
— E inventou, para a elipse, o "elipsograde",
— Para a palavra, o "piano de escrever"!

—o—

O PADRE FRANCISCO JOÃO AZEVEDO

ESPOLIADO INVENTOR DA MACHINA DE ESCREVER

Reivindicação historica por um testemunho occular

(Depoimento *ad perpetuam rei memoriam*)

"Sic vos non vobis".

Era um typo, lembrando o de Herculano
Ou do Padre Vieira, o de Azevedo.
Orphão de pai, maçon ficando cedo,
Fêl-o a "Viuva Hiran" padre romano!

Mas, sendo padre, era o parahybano
Mathematico-artifice; e, em segredo,
Taes voltas deu, que fabricou, a dedo,
Stenógrapho-mechanico piano.

Como, suspenso de ordens, lhe faltasse
Com que o modelo a estanho fosse ter,
O confiou a um norte-americano

Para que, em New-York, o executasse...
Não mais soube, sequer do seu piano...
Senão vendo-o na machina de escrever.

—o—

PERNAMBUCO A VICTORIANO PALHARES

(*Longis tempora œvum, perenniùs œre*)

Cantor da "Mocidade" e da "Tristeza"
Que tão triste e tão moço te morreste,
Affirmando, no exemplo que nos déste,
Que não n'as liga á humana natureza.

Nas "Centelhas" que, em versos, desprendeste,
Estrella de primeira e alta grandeza,
Ha tanto brilho e tanta *morbidezza,*
Como em Hugo ou Musset, que tanto lêste.

Ainda ha quem recorde as Pillarinas
Tardes de amor, que sobresaltos sirgem,
Da que te chora em lagrimas divinas.

E, emquanto houver quem ame com vertigem,
Serão lidas as tuas "Peregrinas";
Has de viver nas "Noites de uma Virgem".

—o—

O TRIBUNO

ULTIMA RECORDAÇÃO DE BORGES DA FONSECA

Um dia, á tardinha, n'um adro de igreja
Com voz sertaneja, de um timbre de malho,
— Figura de simio, com calma que inveja —
Pregava... ora veja ! — Commercio a retalho.

Pregava aos peixinhos, pregando o trabalho
Nativo a algum "alho" que estranho o deseja;
E vem certo Porto manobra o chanfalho,
Ferindo-o de um talho no adro da igreja.

— "Covarde !" — só disse. E, em meses... morria !
Mas ah! quem diria que ao "Cabo de guerra"
Prostrado por terra, transido de dôr,

— Que uma "Abrilada" na "Côrte" commanda,
— Em plena "Quitanda", com mão que não erra
Um tiro lhe aperra... Don Pedro — o dadôr ?

—o—

A PERNAMBUCANA

Descante á viola, guitarras e bandolins

Dizem que estou mal comtigo,
Pernambuco, não estou não;
Não póde ser-te inimigo,
Quem te traz no coração.

Não me queres ? Te idolatro.
De quem é a ingratidão ?
Já pintei o "Diabo-a-Quatro"
Por teu amor; — fil-o em **vão** !

Não quizeste ouvir-me o verso...
Ouve agora a confissão:
Só por ti trabalho, immerso

Nesta ausente solidão !
— Que não póde ser-te adverso
Quem te traz no coração.

—o—

NOITE DE SÃO JOÃO

"Capellinha de melão,
E de São João,
E' de cravo, é de rosa
E mangericão".

Arde em coivaras, que o breu inflamma,
Sulphurea chamma: — fumaça e luz!...
Lagrimas d'oiro pistola altana...
Roda a roldana... ribomba o obuz...

Buscapé-sôlto ronca e espadana
Em doidivano zagueio em cruz...
Chega a Policia... mette a catana...
— Batalha insana no Bom-Jesus.

No lar em "sortes" reina a cangica
E repinica almo violão...
Quanta esperança, cantando fica

N'alma, de rica "divinhação"
— Emquanto o povo, que ao mar embica,
Se purifica por São João!

—o—

NOITE DE SÃO JOÃO

(FOLK-LORE BRASILEIRO)

Meia noite. Aflautado, canta, um "gallo
Musico", asas batendo, no terreiro...
E' a hora do grande mandingueiro
São Cypriano. — E urge consultal-o.

Clara de um ovo em copo d'agua arteiro
Põe todo o mulherio em grande abalo:
Uma, ali vê as patas de um cavallo...
Outra, a pontinha d'asas de um veleiro...

A sorte da tesoura e da urupema
"Que ha de embarcar!" em desempate agoura
Pois a endromina orçou para a que rema;

Mas, no fundo do pote... eil-a que estoura
(Que a cabeça não viu... levou-lh'a a oura!)
A Moura-torta que... bateu-lhe a gemma!

—o—

NOITE DE NATAL

Recordação saudosa do "Presepio" do Manuel, através do mais saudoso Souza Pinto

"Tres "bravos" com distincção á distincta contra-mestra"...
— Silveira Carvalho, — no local.

Lôam pastoras... ruflam pandeiros...
— Sobre palheiros nasceu Jesus.
Os tres reis "magros", alviçareiros,
Trazem-lhe "cheiros" — myrrha e alcassús.

Entre folhagens, casas e outeiros,
Micaṃ luzeiros com dubia luz...
"Cordões" ondulam... "quebram", faceiros...
— Uns, encarnados; outros, azues.

Da canelleira no effluvio ardente
Lascivo ambiente remonta ao céu...
— "Bravos á Mestra!" — A' Mestra... "oxente"!

— "A' "Libertina" bravos dou eu..."
Ribomba o bumbo... delira a gente...
— E o "Velho", crente: "Jesus nasceu!"

—o—

REISADO

O' de casa, nobre gente!
Um "reisado" vou cantar.
— Meu rei branco é descendente
Do Senhor Rei Balthazar.

— Meu rei preto é procedente
Em linha d'El-Rei Gaspar.
— Meu rei moreno ascendente
Em Belchior vai buscar.

Não são magos do Oriente;
Mas são todos boa gente,
E são foliões sem par,

Que aqui vêm, cantando á frente,
Brasilea raça nascente,
Com fetichismo, adorar.

—o—

SERRAÇÃO DA VELHA

Serra, compadre,
Serra, comadre,
Vós co'a serra
E eu co'a lima
Serrando de baixo
Serrando de cima
Serra que serra
A ver quem mais serra.

—o—

O "BUMBA, MEU BOI"...

"Bumba, meu boi... Eh! bumba!" — E no terreiro,
Espalha o "Boi-Espacio" a multidão,
Arremettendo, em furia e marralheiro,
Contra ella, o pelêgo e o seu marrão.

Pula-lhe á frente, acuando-o galhofeiro,
Matheus, d'ancha bexiga e de ferrão...
E o "Cavallo-Marinho" entra faceiro
A dansar... — Entra o rimance... entra a funcção.

Cantarinas esguelam-se ao pandeiro...
Tudo dansa, inclusive o "Capellão"!
"Eh! bumba!" — E, ás chocarrices do vaqueiro,

Responde, em echo, a voz do capitão,
A riscar fogo e empafias no terreiro:
— Matei cem... deixei mil á santa-uncção!

—o—

O FANDANGO

Lá vem rolando a "Nau Catharineta"
Seu casco de sarrafos e algodão,
Trazendo a bordo, mais ou menos preta,
A "maruja", o "gageiro" e o "capitão".

Cantam, de branco e azul, á pandeireta,
O popular rimance, em vozeirão...
E, ao compassado rythmo do Poeta,
Com castanholas, n'um "fandango" vão...

Vão á casa da gente apatacada
Que, em premio da maritima canção,
Lhes dê farta merenda ou consoada

E assim, de vinho alegre, o folião
Povo de outr'ora celebrava a entrada
Do grande cyclo da navegação.

——o——

O ENTRUDO

Na rua, onde tudo
Na troça "surria",
Rebenta bravia
Bexiga de entrudo.

Um ôdre bojudo
Que, entre outros, tingia
"Tauá", — se esvasia
N'um ímpeto rudo:

— Que incauto "matuto",
Que o abeira, mergulha
Com roupas e tudo!

Ninguem fica enxuto...
— E a troça barulha
Na onda do entrudo.

——o——

ARGOLINHAS...

Meu alazão de passo meudinho,
Vamos correr na Estancia ás argolinhas.
— Irei de azul e branco vestidinho
De branco e azul vai ella entre priminhas.

Upa ! Upa ! — Na dobra do caminho
Já tremulam iriantes bandeirinhas...
N'um coreto, charanga abre em fadinhos...
— Dansam no alto da corda as argolinhas.

Como um sol, entre os mais, radia Stella...
No conto desta lança irei, contente,
Depôr uma argolinha ás plantas della.

Upa ! meu Rossinante e confidente !
Dulcinéa me pede, altiva e bella,
Uma alcanzía, em cada olhar ardente...

——o——

O PHANTASMA

ARTES DO "DIANHO" OU "VASSOURUDO"

Narrativa de Mãe-Rita

"Apois !" Quereis "sabê"? Foi quando ardeu
A "rusga" entre o "Praeiro" e o "Guabirú",
(Que andava, um contra outro, de "aribú"...)
Que esta "visão", que eu vi, me "assucedeu".

Bem cedinho, á "armofada" estava eu
Bordando um "cacundê" para a Bitú,
Quando vi... bem ao pé do pé de imbú !
Um "pantasma"... que um "flato" até me deu...

E o "pantasma" cresceu... cresceu... cresceu...
Como um lençol subindo num bambú...
E logo atraz do morro se escondeu.

— Foi neblina, Mãe-Rita... é engano seu !
— "Nebrina" ?!... — E' o "Dianho"... é "Berzebuth"...
Ou "seje" — o "Vassourudo" — digo eu.

——o——

MÃE D'AGUA

No fundo de um poço
Que a lua espelhava,
Mãi-d'agua cantava
Feitiços de um moço.

Estendo o pescoço...
Quiz ver quem lá estava:
— A lua estampava
Seu disco no poço.

Que é della — a Mãe-d'agua
Que ardia na fragua
De maga paixão ?

— Sonhando e sorrindo,
Vi Eva dormindo
Nos braços de Adão !

—o—

O CAIPORA

Na mata deserta que a lua mancheia,
Estranho estalído n'um galho se ouviu...
Surpresa, araponga seu grito lanceia...
Um porco do mato, grunhindo, fugiu.

Parei como pára quem cuida e receia
Que surja algum "bicho" que nunca se viu...
E, erguendo a cabeça, que doido meneia,
Um trasgo, pulando-me á frente, surgiu...

Pulava o negrinho, rolando... que jogo !
No branco dos olhos, olhares de fogo...
No branco dos dentes, um riso sandeu...

E rindo... e micando... pulava-me á frente,
— A lingua de fóra... n'um gesto indecente...
— Quem és ? — "O Caipora..." — *Caipora*... sou eu !

—o—

NO PATEO DO PARAISO

Passou, como uma sombra vaporosa,
Na calada da noite, êrma e sombria,
Levando, na mantilha que a envolvia,
Não sei que estranha coisa vergonhosa...

Ante o "nicho" fatal parou medrosa...
Volveu em tôrno o olhar, onde tremia
Grossa e furtiva lagrima erradía...
Moveu a "roda"... E... horror! —rodou monstruosa

E deitou a fugir espavorida
Como quem foge de si mesma: — havia,
Com seu filho, engeitado a propria vida.

E, aninhando, em vez delle, intima harpia,
Eil-a a trotar — lobacha malferida —
Na calada da noite, êrma e sombria.

——o——

MUCHOCHO

Já viu pernambucana sem muchocho?
— Muchocho... é audaz contrafacção do beijo:
Bem mais que um *psiu*, bem menos que um bocejo,
— Beijo, do avêsso — é quasi um beijo... chôcho.

Entre quindins e dengues, rictus frouxo;
Tic que amúa em quebros de desejo,
Labios torcendo em crispações de pejo:
— Muchocho... é um beijo, retorcido e côxo!

Si "Ella" *quer-e-não quer*, fingindo enfado,
Rabeando o olhar, num tácito motejo,
Apinha os lábios, sacode o hombro e, hervado,

Harpeja-o para o ar, num gesto rôxo...
— Tem, para o amor, o beijo apaixonado;
Para o desdem, o perfido muchocho!

——o——

O CAFUNE'

Sabe o que seja,
Pela "coité",
A "carangueja"
D'um "cafuné" ?

E'... Ora veja !
Beijo ?... não é,
Mas estaleja...
Tonteia até !

Coisa gostosa !
Como que adeja...
Dá somno... E... á fé !

Mais o deseja
Quem mais o goza...
— O Cafuné.

—o—

SANFONOSTALGIA

SAUDOSA RECORDAÇÃO DA INFANCIA

Quis talia fando...
Temperet a lacrymis !

VIRGILIO.

Eu nasci no Recife e, quando era menino,
Morei, Rua da Cruz, comfronte a um chafariz,
Onde, á noitinha, sempre, um mundo feminino,
Quitandeiro, mercava a guludice a X.

E, por entre o pregão soez, roufenho ou fino,
Das "minas", que era como um torpe chamariz,
Ouvia, tambem sempre, um eco ultramarino
De sanfona a cantar, nostalgico e infeliz.

Tão repassado, emfim, d'uma intima tristeza,
Que minh'alma infantil quedava triste e presa
Obsedada d'aquelle enervador feitiço...

E hoje ainda, através recordações da infancia,
Me sinto entristecer, ouvindo a resonancia
Da sanfona fan-fan de rude embarcadiço !

Morro da Gloria — Rio, XI-913.

—o—

FÓRA DE PORTAS

Aos meus amigos do Recife.

Minh'alma, animatographo saudoso,
Onde, tudo que amei, vejo animado,
Volve aos logares santos do passado,
Onde vivi contente e descuidoso.

E, de quantos amei, o mais formoso
És tu — ninho de açôr — meu ninho amado,
Pelo ísthmo de Olinda dispersado,
Que orla, recurvo, alvo areial saibroso.

Tu, com teus vastos céus, teus vastos mares,
Teu rijo sol, teus mágicos luares,
Que me puzeste n'alma esta poesía...

Velha aldeia de extinctos pescadores...
(Fóra de Portas... dentro dos amores !)
Onde ensinou-me a andar a ventanía !

Rio, Copacabana.

—o—

NOVA ATLANTIDA

(ANTIGA CIDADE DO RECIFE)

Visão cinematographica

Emfim, néo-cinemática cidade,
Te vejo, das alfurjas do passado,
Surgir com teu scenario architectado
Para radio-febril actividade !

És da Atlántida o sonho rendilhado
Pela Arte-industrial da actual idade:
— "Paraiso-perdido" e recobrado
Ao mar, com porto-franco á Humanidade.

Mas preferira eu ver-te, como outr'ora,
— "Pedra-furada"... a golpes de civismo,
Através minha vívida saudade...

A ver-te "emporio"... opportunista agora !
— A mim, me falta... a extincta mocidade !
E a ti... o teu liberrimo heroismo !

Rio, 13 de Maio de 1925.

—o—

AO LEÃO DO NORTE

Sacrario das reliquias de um passado
Que se peijara, ao ver-te no presente !
Que fizeste d'aquelle amor ardente
Que á liberdade e á Patria has consagrado ?

Eras, em Dezesete, Leão Corôado,
Tendo por garra um gladio incandescente;
Nos Palmares, zumbiste heroicamente;
Foste, em quarenta e oito, Ivo ou Machado:

E agora ? Que és tu ? — Leão, mas mozelado !
Zumbidora lisonja do que existe !
— Teu "Campo d'Honra" é praça de mercado !

Tudo quanto juraste emfim trahiste !
Se Annibal tens, não tens um só soldado !
O' minha terra ! O' meu país ! — que triste !

PATRIA

A terra onde nasci, meu berço amado,
Fica junto ao Equador. Salvé, Recife !
Embala-se na vaga, como esquife
Ao sol. E' a Patria. Aqui, vivo acampado.

Vi luz, cresci, vivi, fui educado,
A' beira-mar, como em castello d'If;
E alli hei de morrer, qual no arrecife
Morre a vaga, lembrando o meu passado.

Que a Patria, com ser berço, é lar e túmulo,
E' a séde moral dos nossos actos,
De nossas affeições terreno accúmulo.

Onde se ama e soffre... até de ingratos
Que inda cuidam que a Patria, — indigno cúmulo,
"Vai comnosco nas solas dos sapatos !"...

(102-1890).

VISTA DO RECIFE

Vem surgindo da vaga salitrada
Como um sonho de pedra, amorpho ainda,
Alva, na linha do horizonte infinda,
De montes e palmeiras recortada.

Já rompe o espaço a torre alcandorada
De Malacoff, que a cidade blinda,
Por sobre a casaria; e, ao norte, Olinda,
Como em presepio, á encosta pendurada.

Eil-o, o pharol. Dobrando a *tartaruga*,
Ao longo do arrecife espumarado,
O porto, cujo estuario a areia suga.

Raros navios vejo... Eis-me chegado
A' casa em que nasci e me refuga...
O' meu país! como estás tu mudado!

(102—1890).

——o——

ENTRE OS DOIS POLOS DA VIDA

Aos meus amigos de Pernambuco.

"Esperar, desesperando;
Consolar-se, recordando".

(Da canção de Todo Mundo).

A' medida que a gente vai vivendo
E a alma se dilata em quanto alcança,
Um "não sei quê" de vago e que não cança
A cada uma illusão vai succedendo.

Quando, não sei, mas sei, desde creança,
Que hei de ter o que quiz e vou querendo;
E, n'este eterno anciar, vou eu morrendo...
Mas commigo não morre: — E' a esperança.

E, á medida que, então, vou desandando
O caminho que andei, n'uma anciedade
De rever o que amei, bem mais amando..

Doce luar de magua e de piedade
Cada recordação me vai penando...
— E, penando, revivo: — E' a saudade.

Rio, 1-XII-06.

——o——

CARTÃO POSTAL

A João Candido

Em Jaboatão — País das recordações saudosas

Recordar-se, consolar-se.
HERCULANO.

Que saudades, João Candido, da nossa
Alegre e descuidosa mocidade,
Em que a vida era um sonho que se esboça
No azul, ao rosicler da puberdade!

Eu sempre a te escutar, com ar de troça,
E tu, como um donzel da media idade,
A suspirar-me uns versos — que, em verdade,
Eram bem bons, mas não faziam móssa!

Emigrámos depois — tu para a roça
E eu para aqui... para esta soledade!
És bacharel, casaste; eu... uma *jossa!*

E eis-nos compulsados pela idade...
— Que saudades, João Candido, da nossa
Alegre e descuidosa mocidade!

Rio, 1-VI-08.

——o——

PEDRA BONITA

Da "Pedra Bonita"
No reino encantado,
Ha oiro encrustado
E livre em pepita.

No dolmen sagrado,
Pagé não mais pita...
Um Deus nelle habita:
— Habita o "El-Dorado".

Mas eu, que retrato
Farei, n'um terceto,
Do Deus de que trato?

Por isso o remetto
Ao Leite e Honorato...
— E fecho o soneto.

(1906).

——o——

O DR. ROSELLES

PERFIL ACADEMICO-BUROCRATICO DA ANTIGA FACULDADE DE DIREITO DO RECIFE

Alto, magro, trigueiro, algo sardento,
Cabello rente, alvar carão rapado,
Em rafada casaca enfarpellado,
Ancestral gravatão, plastron sebento,

Estudara Direito e, sem talento,
Fôra no quarto anno jubilado...
— E fez-se ammanuense, accrescentado
De mercador de "gemmas de São Bento" !

Grato aos "collegas" pela freguezia,
Para almoço os convidou em Olinda...
E, acceitando o favor, foram alguns

Encontral-o, depois do meio-dia,
Nos mangues do quintal — tristeza infinda ! —
De rabona, assoviando aos guayamuns !

—o—

O DR. GENEALOGICO

Não conheceu Você o Zé Maria,
Fidalgo de linhagem brazonada,
Que em linha recta infinda descendia
Dos Ramos e Gurgões, d'um e outro lado ?

Tinha o Doutor sexispedalmania
De eterno candidato a deputado:
— Vinha a eleição e emfim reconhecia
Que, "em si", só elle — só ! tinha votado.

Mas se pedindo a um rafaméo o voto
Com voz suave e com sorriso ignoto
Lh'o declinava João-Ninguem Bodé.

"Oh! conheço muito; descendia
Seu pai... do pai Adão ! — lhe retorquia
— "Do chimpanzé, Doutor... do chimpanzé".

—o—

ESPINHO DE PASMADO

Certo, se não compara ao capoeira,
De Pernambuco o altivo capadocio,
Que faz da "vida-airada" um sacerdocio,
Do "espinho de Pasmado" arma guerreira.

Não tendo a mesma astucia traiçoeira,
Tampouco a vida tem para negocio;
Mas, se o "cabra" é "bonzão", quebra-lhe o rocio..
— Que a um "altista do mar" defuncto cheira !

Mas, nobre e leal, tem pundonor, tem "nica";
Só dá de faca em quem com faca o entende;
Quem de faca apanhou... levou "tabica".

— E respeitoso e grato a quem lhe estende
A mão: "Seu Dôtô, arguem le entica ?
— E' só dizê... que nem o sol le offende !"

O PAPA-OVO

Ao excelso amigo e Sr. Commendador Manuel Soiza

D'opa encarnada e sacola
Sempre aberta á mão do Povo,
Para o Santissimo esmóla,
Todo dia, o "Papa-ôvo".

Mas, quando, á noitinha, esfola
O peixe que traz no côvo,
Sempre o Santissimo enrola,
Na partilha, o "Papa-ôvo".

"P'ra mim... p'ra vós... e p'ra mim..
P'ra mim..." E, boqueja o Povo,
Segue a "broma" até que emfim...

O resto, a partir de novo.
"P'ra que quereis tanto assim ?
Papa tudo o "Papa-ôvo"!

GARRAFÚS

(ASPECTOS DE UM PERFIL A GOIA)

1.º

Era um typo de rua — o "Garrafús"..
Mas, que *verve !* que espirito gaulez !
— Terror do "barbadinho" e do burguez,
Do "povo molecorio" era o "ai-Jesus".

Indo-se elle a fructas, certa vez,
De um velho "leigo" á góla do capuz,
Foi descoberto... e logo — catrapuz ! —
Foi dar com os magros ossos no xadrez.

Jurou vingar-se. E, em "festa" que se fez,
O naipe dos metaes de milho encheu...
Deu sêbo a cordas e arcos... sêbo aos pés...

E eis rompe o "Gloria"... Ouviu-se á orchestra... Cruz!
Confuso rindo, que n'um sarilho deu...
— E o "prefeito" a estourar: "Foi... "Garrafús" !

——o——

2.º

D'uma outra feita, ainda por vingar-se
Do "frade", que o mettera no xadrez,
Foi o impagavel "Garrafús" postar-se
No "Pateo da Ribeira", — á noite, ás dez...

Havia um bodarrão — rito-escossez —,
Que dava por "Yôyô", a empanturrar-se
De gulodices, como um bom freguez
De quanto taboleiro ia abeirar-se.

Vai "Garrafús"... amarra o bode á corda
Do sino grande do convento... e — truz ! —
— Em sobresalto a fradaria acorda...

Badala o sino-mór como um obús...
E, a quem quer que, a indagar, o frade aborda,
Põe o frade a berrar: "Foi — "Garrafús" !

——o——

3.º

"Garrafús"! "Garrafús"! — Exemplo fiel
O teu nome revela, á puridade,
De quem cuscuz comeu, comeu pastel,
Sem ter uma de X, mas só... vontade!

Com outrem concertou que, á gratuidade,
Comeriam os dois — mas a granel! —
Em "novena do Poço"... — E foi-se ao *"Hotel*
Trovador no Retiro da Saudade"...

Levava, sob a vestia, ampla bexiga
Inchada de zarcão, que o "tal de Cruz"
"Espinharia" em simulada briga.

Foi-se o bom e o melhor... sem "ai-Jesus"!
Mas, paga quem paga, abre-se a barriga...
— E o da tenda "abre o chambre"! — Eis "Garrafús!"

Rio, 25-V-06.

—o—

A ULTIMA DO QUARESMA

(PAPEL GUARDADO)

Era uma vez... um principe encantado
Que habitava Fernando de Noronha.
E, tendo uma gallinha no "ciscado",
Inda não vi gallinha que mais ponha.

Punha-lhe duzias d'ovos, de contado...,
— Oh! que gallinaceo sem vergonha!
Mas, um dia, um menino indiabrado,
Quebrou-lhe a perna... e — era uma vez cegonha!

N'um tic... toc... ia arrastando a perna!
"Mas, Xente! que faz Você (diz Dona Lesma)
Si quebra a sua... — Olha o Doutô que emperna

Uma de páu!" Botou. Mas, sempre a mesma
Tira a gallinha... — E cada pinto aderna
Sobre um *pausinho*... assim... (Que horror! Quaresma!).

Rio, 7-VI-06.

—o—

AO "MONTANHEZ DA LUA"

(MAIS CONHECIDO POR "AGRIPPA" E "FABIO RUSTICO")

Cartão Postal

(Via — Posteridade)

Hontem, lendo na lua a tua historia,
Extincto "Montanhez", tive saudade
Da tua bella prosa, em intimidade:
— Prosa a mais *prosa* de que ha memoria.

E, em meio á tua emphática oratoria,
Do teu mote de "Deus e Liberdade"
Ri-me d'aquella genial "pochade":
— "Por tal preço... não quero a sua gloria! ..

"Palavrões... Palavrões..." Mas, que bem sabe
Ouvíl-os, quando se é moço e n'alma explode
Enthusiasmo, que, nella, não nos cabe!...

E logo, á deixa, tua voz me acode:
— "Palavrões... Palavrões... só diz quem sabe!
— Palavrões... Palavrões... só diz quem póde!"

(1-VII-06).

—o—

E'... ELLE!

(CARICATURA EM VERSOS)

Quando vires, no "Aterro" ou n'outras ruas,
Algum Polichinello enamorado,
Que mais pareça um — I — desengonçado
Do que heróe de romance ou que um Don Fuas;

Quando vires, gingando sobre as duas
Pernas de legua e meia, enforquilhado,
Esqueletico mico de alongado
Pecoço e um par de orelhas — meias luas;

Quando vires um grilo de casaco...
Vagabundo nariz... carão chupado...
Fazendo mais caretas que um macaco...

Se alto chapéu trouxer encapellado,
Não tens que ver nem dar maior cavaco:
— E' o Gervasio Mussíca retratado.

—o—

EM CAUSA PROPRIA

Rememorando o caso de Natividade Saldanha

Em "Vinte e quatro", quando foi vencida
A "Confederação-do-Equador",
Em que Roma — o immortal — perdeu a vida
E Paes de Andrade fez-se senador;

Saldanha, que se achava de fugida
Nos Estados Unidos, sabedor
Da sentença de morte que o trucida,
Sahiu-se com *flauteio* encantador.

Passou procuração, *ex-causa* propria,
Para morrer por elle... ao Presidente
De Pernambuco, e lh'a mandou por copia...

A mim, se me não dá nem dóe o dente
Da verve de um nem d'outro a triste inopia
— Mas da cara que fez o seu cliente.

—o—

A CASA PATERNA

Chorava, a cada canto, uma lembrança;
Gemia, em cada canto, uma saudade!

LUIZ GUIMARÃES JUNIOR.

Casa Paterna! Casa edificada
Em terreno foreiro por meu Pai!
Onde vivi, alegre e descuidada,
A minha meninice que lá vai!

Casa em que cada pedra é d'ara e cada
Quarto berço ou túmulo, riso ou ai!
Casa Paterna! Casa edificada
Com migalhas da mesa de meu pai!

Casa Paterna, adeus! Vais ser vendida!
E é como si eu vendesse a propria vida
E a vida delle, que bem morto vai.

Porque, ao morrer, não foste tão só minha,
Mas tambem vieste a ser de uma sobrinha...
Que vende a casa em que ia morrer seu Pai!...

Rio, 925.

—o—

MINHA TERRA NATIVA! — ADEUS! ADEUS!

My native country, far-well! Goodnight
BYRON.

Minha terra nativa! Adeus! — Eu parto.
A ultima torre, o derradeiro monte
Já se perdem na bruma do horizonte...
— Pobre "El-dorado"... de miserias farto!

Que busco, além do mar-oceano? O quarto
D'hora de Rabelais? Talvez Caronte!
Mas, ao menos, verei de Augusto Comte
A cidadella eterna. — E, adeus! — Eu parto!

Longe de Ti, serei teu filho amado,
Talvez! — si a malsinar-me alguem se afoite;
Mas não mais te hei de ver tão degradado.

Não verei teu exicio, ao vil açoite
Do estrangeiro, que te ama escravisado...
Oh! meu paiz nativo! Adeus! Bôa noite!

Oceano Atlantico, a bordo do "Douro".

—o—

APÊNDICE

Documentos referentes à ezecução testamentária de Generino dos Santos

APÊNDICE

— A —

ADVERTÊNCIA

da primeira edição do testamento de Generino dos Santos

A prezente publicação, que se divulga integral, do teor do testamento cerrado com que faleceu, aos oitenta anos de idade, *Generino dos Santos*, é feita sob a inteira responsabilidade de seu testamenteiro e inventariante dativo — Sílvio Vieira Scuto, espontâneamente nomeado para tais encargos pelo Juís da Provedoria e Reziduos, aos 8 de julho p. passado — e com a competente autorização do mesmo Juís.

Será distribuída como folheto comemorativo da inauguração que se pretende fazer, a 5 de setembro p. futuro, do perpétuo ossário destinado a recolher os réstos corporais do "olvidado mas impenitente rimador", na espressão do próprio Generino. Alem disso, uma tal publicação se tornou, afinal, realmente *necessária*. Éla constitúi a natural "defeza" da memória de Generino, diante de tanta e tanta lenda circulante, em torno do testamento, dado por inezeqüivel, do testador e do conjunto de sua dezafortunada e triste mas honésta vida de solitário e de contemplativo.

Para servir de complemento esclarecedor déssas iniciativas, trasla-da-se aqui o testo da petição que, acerca do assunto, foi dirigida ao referido Juís, a 19 de maio último, conjuntamente firmada pelo autor désta Advertência e pelo Dr. Jéfferson de Lemos.

> "Os abaixo assinados, amigos e correligionários de Generino dos Santos, cujo inventário córre por esse Juízo, vêm espor-vos e requerer-vos o que se ségue:
>
> Fás cinco anos no dia 13 de julho p. vindouro que faleceu, na caza n. 159 da rua Taylor désta cidade, Generino dos Santos — vélho adépto da Religião da Humanidade, poéta e escritor pernambucano assás conhecido — deixando longo e original testamento que constitúi o rezumo de uma verdadeira autobiografia.
>
> O seu corpo foi inumado no carneiro provizório n. 10134 (quadro 10) do cemitério de São João Batista, em local quazi inacessivel, — carneiro esse que permanéce até hoje sem lápide

nem sinal algum que indique quem ali repouza. As suas dispozições póstumas, póde-se dizer, tivérão apenas um começo de ezecução. Dos tres testamenteiros por ele nomeados, dois já falecêrão. O terceiro, sempre embrenhado em nóssos sertões, nunca teve, paréce, conhecimento do encargo que o seu amigo lhe outorgou. A pessôa estranha dezignada, então, por esse Juízo, para inventariante, compromissou-se judicialmente a 3 de março de 1931. No entanto, os amigos indicados pelo Testador para divérsas incumbências (entre os quais se áchão os signatários) jamais fôrão devidamente consultados si aceitarião ou não as ditas incumbências, muitas das quais ezigindo demorado dezempenho.

O testamento, pois, não teve até o prezente momento conveniente satisfação.

Está préstes a espirar o prazo regulamentar dos cinco anos para a inumação provizória dos despójos corporais de Generino, os quais, como já se disse, jázem anônimos em local quázi inacessivel do cemitério de São João Batista.

De tudo isso, originou-se a idéia de comemorar-se o fúnebre aniversário de 13 de julho p. v., mediante a possivel inauguração de modésto, porem espressivo e *perpétuo ossário*, a ser construido em ponto mais freqüentado do referido cemitério, o que ha de acarretar a oportuna ezumação e trasladação dos réstos do vélho escritor. Convem aqui uma esplicação.

Conquanto nada se encontre esplicitamente instituído a esse respeito, em seu testamento, tambem nada ha, nem na letra nem no espirito desse documento, que se oponha a tal projéto de *perpétuo ossário*, a ser ezecutado a espensas do proprio Espólio.

Confessando-se adépto da Religião da Humanidade, Generino dos Santos ministrou, desde lógo, o supremo critério por meio do qual se dévem interpretar as suas dispozições e os seus derradeiros vótos. Sendo assim, basta que se saiba que éssa religião prescréve o escrupulozo respeito pelos réstos dos entes queridos (réstos que impórta apreciar como sinal, lembrança ou reliquia do próprio Morto, seja qual fôr o estado espontâneo deles) basta que se saiba tudo isso para que se não tênhão dúvidas nenhumas acerca da plena aprovação que daria Generino dos Santos à idéia que aqui se aprezenta à consideração desse Juízo.

Aos abaixo assinados, ainda se afigura, de todo em todo, cabivel e legitimo, e mesmo necessário a mais de um título, que desde já seja dado *integralmente* à estampa (na esperança de que póssa ser distribuído a 13 de julho) o próprio Testamento deixado, cujo teor, como ficou referido, constitúi o escorço de uma autobiografia do octogenário poéta e escritor pernambucano.

A impressão e publicação de todas as suas óbras, em vérso e em próza, de conformidade com as cláuzulas testamentárias, dependendo, como vai depender, de penozo e demorado preparo, ficarião déssa maneira largamente prenunciadas pela imediata vulgarização, em folheto comemorativo, do ato solene com que foi encerrada uma tão longa ezistência e com éla a "malograda carreira poética" de Generino dos Santos, como ele mesmo a classifica.

Quanto ao projéto de ossário, convém esclarecer o seguinte:

Generino dos Santos determina que se mande fundir em bronze a estatueta "Dante ao voltar do ezílio", óbra de seu

amigo, o insigne escultor Almeida Reis, e que foi inspirada em um soneto da lavra do próprio Generino.

O original déssa estatueta (que é de térra cóta e se encontra no acervo de seus bens) o Testador declara que déve ser entrégue à nóra de Almeida Reis. Mas, a respeito da reprodução em bronze, nenhum destino lhe é marcado.

Daqui a idéia de aproveitar-se éssa estatueta de bronze, que reprezenta Dante ao voltar do ezílio, para encimar com éla um simples e natural penhasco de granito, a erguer-se sobre a caixa de alvenaria em que ficará encerrada, abaixo do sólo, a urna funerária com os réstos do malogrado Generino.

Tal é o projéto concebido, sem falar nas inscrições habituais, para a construção do *perpétuo ossário*, cujo terreno mínimo (0,80 x 0,80) já foi escolhido e localizado à entrada e à direita do caminho principal do cemitério de São João Batista désta cidade.

Déssa maneira, os despójos de Generino ficarão conservados na baze de um singélo monumento a Dante Alighieri, — o Sumo Poéta, a quem ele dedica grande parte de suas produções em vérso. E assim é que tambem se entréga à contemplação pública mais éssa óbra de um artista brazileiro de incontestável mérito, prematuramente celfado pela mórte.

Cumpre ainda acrecentar, como esclarecimento geral, que, pelas informações colhidas e documentadas, prontas a serem ezibidas, a realização compléta desse *Ossário* (incluzive prévia ezumação e trasladação dos réstos, e mais a impressão integral do Testamento) importará em uns quatro contos de réis, no mássimo.

A' vista do esposto:

requér-se finalmente a esse Juízo que seja urgentemente ouvido o atual inventariante do Espólio, acerca de todos esses projétos, afim de que, si de acordo, o referido inventariante promova a ezecução dos mesmos, depois de estudados em detalhe; prezida aos trabalhos necessários; providencie junto a esse Juízo e escolha, em tempo, para aussiliá-lo, como é natural, alguns dos amigos de Generino dos Santos, por ele próprio indicados em seu Testamento ao dezempenho de varias incumbências.

Mas, é ainda aqui de estrito dever dos peticionários declarar que, dentre todos eles, espontâneamente se impõe, para uma tal missão, o nome do nobre e abnegado escultor e pintor patrício, — Eduardo de Sá".

Déve-se ainda advertir, por último e para bca inteligência do documento que se vai ler, que Generino estabeleceu várias cláuzulas cuja vigência entretanto, iria depender de duas fortuitas circunstâncias:

1.ª — Fracasso da venda, já por ele mesmo entabolada, do quinhão hereditário que lhe coubéra em um prédio situado em Recife;

2.ª — Aceitação, por parte da "Igreja e Apostolado Pozitivista do Brazil" dos remanecentes que se verificássem.

Para que se póssa bem compreender a que se redús prezentemente a ezecução testamentária de Generino dos Santos, cumpre, pois, ter em vista: a) que os aludidos remanecentes fôrão de antemão recuzados pelo "grêmio geral" a que se restringe hoje a associação religióza fundada por Miguel Lemos sob o título "Igreja e Apostolado Pozitivista do Brazil"; b) que aquele quinhão hereditário foi efetivamente vendido pelo

próprio Testador, aos 5 de dezembro de 1927, como consta dos autos de inventário e de legais documentos encontrados entre os papeis de Generino dos Santos.

Rio, dia de Colombo de 145 (7 Gutenberg — 19-VIII-1933).

SÍLVIO VIEIRA SOUTO
(18, r. São Salvador)

— B —

Nóta sobre a revizão geral e classificação dos manuscritos de GENERINO DOS SANTOS, feitas a órdem do ezecutor testamentário, cid. S. VIEIRA SOUTO

Fôrão passados em revista todos os manuscritos "encerrados na grande caixa de madeira branca, fechada a cadeado" (Testamento impresso, pág. 19). Esses manuscritos já tinhão sido divididos em volumes, numerados de 1 a 24, quando do ezame preliminar do espólio, feito pelo ezecutor testamentário.

Na revizão agóra procedida, os autógrafos fôrão classificados por assuntos e acondicionados em pastas. Verificou-se desde lógo, porem, que grande parte deles não está em condições de imprimir-se, absolutamente, — por ilegiveis ou inacabados. Por isso, várias das pastas em que fôrão desdobrados os volumes citados acima destinárão-se a "incomplétos e ilegiveis". Déssas pastas fôrão organizadas 13.

Nas outras pastas obedeceu-se quanto possivel a classificação de assuntos de que trata o testamento, à pág. 21 do impresso. Os *livros* alí citados não estão organizados: Ha tão só algumas anotações nos manuscritos esparsos que orientarão a classificação final. Dado, entretanto, o vulto dos manuscritos a rever — cerca de 6.000 folhas avulsas, seguramente, — a classificação não pode se cingir aos livros indicados, e abrangeu mais assuntos:

"Versões e traduções" (12 pastas) — de "Alma Alheia"; "Grandes tipos humanos" (12 pastas) e "Tipos humanos secundários" (14 pastas) — de "Alma Alheia", Coévos e Ancestrais; "Impressões de arte" (15 pastas) — de "Alma Reflexa"; "Grandes acontecimentos históricos" (6 pastas) — de "Humaníadas"; "Acontecimentos históricos secundários" (13 pastas) — de "Humaníadas" e de "Rapsódias Pernambucanas"; "Mundo"' (13 pastas) — de "Paizagens" e de "Rapsódias Pernambucanas"; "Temas intelectuais, sociais e morais, isto é, religiózos" (14 pastas) — de "Humaníadas"; "Hinário" (3 pastas) — de "Alma Coletiva"; "Comemorações" (12 pastas) — de "Imortalidade Subjetiva"; "Humorismo" (15 pastas) — com "Moscas de Milão"; "Lirismo" e "Divérsos" (22 pastas) — onde fôrão incluídas as produções que, por qualquér motivo, não se enquadrárão nas demais pastas. Ao todo, 162 pastas.

Teve classificação à parte a tradução de cantos da "Divina Comédia" a que se refére o poéta (pag. 21) e demais manuscritos referentes a Dante. Dos *livros* citados no testamento só fôrão encontradas *referências* aos seus títulos, como atrás já ficou dito: "Humaníadas", porem, estava separado, com o esboço da página-de-rosto e uma nóta de que é constituido de "200 sonetos". Entretanto, sómente 113 sonetos aí se contínhão e não havia sido obedecida a classificação final

da óbra, dada pelo poéta: os temas mais divérsos são encontrados no volume, de acordo, aliás, com o sub-título que lhe foi dado — "Toda a lira". Melhór arranjados encontrárão-se alguns volumezinhos, enfeixando sonetos, com os títulos: — "Grande Ciclo da Navegação Aérea", "Sonetos da Independência" e "Rapsodias Pernambucanas".

O "Album Literário" citado à pág. 25 do testamento impresso não foi encontrado entre os papéis .Os sonetos que constituem o prefácio e o *post factum* de "Humaníadas" áchão-se entre os manuscritos classificados, com divérsas redações, como acontéce, aliás, com a grande maioria, quási totalidade, das produções passadas em revista. Não fôrão encontradas as dedicatórias especiais, para cada divizão da óbra, a que se refére o testamento, na pág. 22 do impresso. A introdução do livro de vérsos "Equatorianas" (pág. 15), escrita por Jozé Jórge de Siqueira Filho, acha-se entre as demais produções desse poéta sergipano, em manuscritos enfeixados num volume especial constante do acervo.

De todos os periódicos acadêmicos referidos à pág. 15 do testamento impresso, só a "Opinião Nacional" (1867-1870) foi encontrada na Bibliotéca Nacional: Nos 33 números folheados encontrou-se sómente um poema da autoria de Generino dos Santos — "Dous de Fevereiro", 1849 — o qual foi copiado. Dada busca na coleção de jornais do Instituto Histórico e Geográfico Brazileiro, só alguns números desse mesmo semanário fôrão encontrados. Na Bibliotéca Municipal tambem não teve melhor êxito a busca efetuada.

Uma coleção incompléta do "Liberal Acadêmico" está entre os papéis do espólio e, passada em revista, nada se encontrou néla com a assinatura do poéta ou firmado com um pseudônimo a ele atribuído. Verificou-se aí, entretanto, que dois, pelo menos, dos escritos referidos à pág. 15 do testamento impresso têm títulos idênticos a outros da autoria de Jozé Jórge de Siqueira Filho, cazo não sêjão todos eles da pena desse poéta, contráriamente ao que se depreende da leitura do trecho citado do testamento. Essas duas produções são — "A Nova Eneida" e "Palavras escritas para o 11 de agosto", publicadas, respectivamente, nos 3º e 7º números d'"O Liberal Acadêmico". Ha aquí que retificar, aliás, o ano em que saiu a lume esse periódico — 1868 e não 1865, como consta do testamento.

A' vista déssa circunstância — de haver escritos de Jozé Jórge com os mesmos titulos dos enumerados no testamento, à pág. 15 do impresso — fôrão dadas novas buscas na coleção da "Opinião Nacional" existente na Bibliotéca Nacional, à procura do "Ensaio sobre "Lucíola", de Jozé de Alencar", e do artigo sobre o 7 de setembro, sem que se lograsse rezultado pozitivo. Fôrão encontradas aí, porem, outras produções do poéta sergipano que ficão anotadas juntamente com as saídas n'"O Liberal Acadêmico", para oportuna publicação, confórme se verifique futuramente que o ensaio sobre "Luciola" e o artigo sobre o 7 de setembro — publicados, certamente, n'"O Futuro" e n'"A Idéia", não ezistentes nas bibliotécas do Rio — são da autoria de Jozé Jórge de Siqueira Filho.

A coleção d'"O Diabo-a-Quatro" doada à Bibliotéca Nacional, com 195 números, foi folheada minuciózamente e déla copiadas todas as produções poéticas assinadas por "Generino dos Santos" ou por "Mephisto", pseudônimo pertencente ao poéta, como está assinalado num dos últimos números do jornal. Ainda na Bibliotéca Nacional foi ezaminado o número único d'"O Escorpião" — uma folha — que nenhuma produção de Generino dos Santos contem, quér em prósa, quér em vérso.

Dos onze números que compõem a coleção completa d'"O Trabalho", ezistente no espólio, fôrão estraídas cópias de todas as produções poéticas assinadas por "Generino dos Santos" ou por "Juvenal", um outro pseudônimo do poéta, confórme esclarecimento feito a mão pelo próprio, num ezemplar. Fôrão revistos, tambem, os numerózos

jornais encontrados entre os papéis, recortando-se as produções do poéta neles publicadas. E' de se assinalar, aquí, o jornal anual — "Tiradentes" — em que sairão publicados, em diferentes épocas, os sonetos posteriormente enfeixados no volumezinho já citado atrás, sob o título "Sonetos da Independência".

Consultárão-se, para esclarecimento, as óbras citadas no testamento — "Dicionário Corográfico, Histórico e Estatístico de Pernambuco", de Galvão (pág. 15 do impresso) e a "História da Literatura Brazileira", de Sílvio Roméro (pág. 24).

Os manuscritos encontrados fóra da "caixa de madeira branca", citada no começo da prezente *nóta*, já havião sido reünidos em volumes pelo executor testamentário e numerados a lápis azul, de 1 a 5.

Revistos igualmente esses volumes, constatou-se que tais manuscritos são, em grande parte, reproduções dos já classificados anteriormente, alguns tão bem cuidados quanto os primeiros.

Separados esses manuscritos, isto é, os em melhor estado para uma eventual publicação — levadas em conta as dispozições testamentárias — fórão organizadas pastas em que eles fórão distribuidos por assuntos, tal como se havia procedido com os primeiros. Essas pastas são em número de 13.

Entre os jornais encontrados nos cinco volumes marcados a azul ha que assinalar um exemplar de "La Nación", de Buenos Aires, saido em 1900, com produções do poéta e uma referência elogióza à sua óbra, da respectiva redação.

Rio de Janeiro, 29 de fevereiro de 1936.

(a.) J. Soares Pereira.

Adendo á nóta de 19 de fevereiro de 1936

Organização dos volumes para a impressão

Na preparação dos manuscritos para a impressão fórão consideradas, de início, as 162 pastas organizadas anteriormente, segundo a classificação descrita na *nóta* de 19 de fevereiro.

O poéta recomenda no testamento (pág. 21 do impresso) que a óbra seja dividida, "de um módo geral, em três grandes partes: — O Mundo, A Humanidade e O Hômem", agrupando-se "sistemáticamente em livros especiais, si for possível, todas as compozições óra promiscuamente esparsas" nos livros que enuméra.

Esses livros não estávão organizados, como já o foi dito, ecéto algumas coleções de sonetos, entre as quais "Rapsódias Pernambucanas", onde se enfeixão "as reminicências de todo o gênero" da Térra Natíva do poéta. Tal coleção, como outras — "Humaníadas", "Alma Alheia", "Imortalidade Subjetiva" — terá que compreender forçózamente — levada em conta a esplicação dada pelo autor, sobre os assuntos aí compreendidos — temas peculiares a mais de uma das três grandes divizões.

Diante déssa dificuldade, de conciliar precizamente a divizão geral — O Mundo, A Humanidade e O Hômem — com os assuntos abrangidos por cada uma das óbras parciais, fórão organizados os seguintes volumes de vérsos — alem de um de próza e vérso, o último — depois de um entendimento com os ezecutores testamentários:

1º — "Paizagens", compreendendo tudo quanto é relativo ao mundo, não enfeixado em "Rapsódias Pernambucanas", a 2ª parte do volume;

2º — "Humaníadas", ou outro título que se lhe dê, para diferençá-lo do título geral da óbra — compreendendo os "vérsos de inspiração sientifica, filozófica e religióza";

3º e 4º — "Imortalidade Subjetiva" — "Mármores e Bronzes" — Culto dos Mórtos. Comemorações diárias, aniversárias, centenárias;

5º — "Alma Coletiva" — hinário, e "Alma Alheia", antiga e modérna, "Coévos e Ancestrais" — versões de poétas antigos e modérnos;

6º — "Alma Reflexa" — impressões de Arte;

7º — "Lirismo", ou outro título que se lhe julgue cabivel e onde se póssão compreender, alem de outros, os vérsos de amor;

8º — "Moscas de Milão" — humorismos, epigramas e sátiras;

9º — A *plaquette* sobre o Dante, compreendendo a versão de cantos e fragmentos de cantos do "Inférno" e vários sonetos sobre assuntos dantescos;

10º — Escritos em próza da autoria de Jozé Jórge de Siqueira Filho.

O 1º desses volumes vérsa essencialmente sobre assuntos ligados ao mundo; do 2º ao 5º encôntrão-se os temas concernentes à Humanidade; e do 6º ao 8º, os relativos ao Hômem. Os dois últimos trátão de assuntos especiais. Foi separada, tambem, a tradução da óbra de Laffitte — "Civilização Chineza" bem como os sonetos e escritos outros, em próza, referentes a Almeida Reis e à sua óbra de escultor.

Eis o trecho da "Circular" de 1882, em que o Apóstolo Miguel Lemos se refere à incumbência que deu a Generino dos Santos, de tratuzir a "Civilização Chineza" (p. 35-36):

"Finalement, pour répandre dans le public les principes généraux qui nous guident dans la discussion de ces matières (la question chinoise), j'avais prié notre confrère M. Generino dos Santos de traduire les leçons de M. Laffitte sur la civilisation chinoise. La traduction est faite, mais la cherté chez nous du travail typographique nous oblige a en ajourner la publication."

Passados em revista todos os originais, foi feita uma primeira seleção geral, destinada a escolher, dentre as várias cópias ezistentes da generalidade das poezias e escritos outros, aquélas que deverão ser dadas à estampa. A escolha recaiu sempre na mais recente das cópias, quando possivel verificá-lo, à vista das correções feitas pelo próprio autor.

Qualquér outro ezame tendente a determinar as produções poéticas cuja publicação porventura não deva ser feita ficará a cargo, necessáriamente, dos ezecutores testamentários, como recomenda o poéta, a pág. do testamento. A organização dos volumes abrangeu, porem, tudo quanto está *materialmente* em condições de ser publicado.

A classificação dos sonetos e outras poezias, dentro de cada volume, não póde obedecer ao critério da órdem cronológica, como éra de dezejar, de vês que, na generalidade dos cazos, não ha como determinar a data déssas produções. Por isso fórão agrupadas preferentemente por assunto, de fórma a não haver mudança brusca de tema, na sucessão das peças de cada volume.

Quanto à ortografía, verificou-se desde lógo a necessidade de uma uniformização, pois os originais estão escritos segundo vários sistemas. E' de se assinalar aqui que a produção poética de Generino dos Santos abrangeu um período de cerca de 60 anos. Assim, tomou-se para guia na uniformização da grafia o "Dicionário Prático Ilustrado", de Jaime de Séguier, ecéto no que concérne às primeiras poezias do autor, em que foi respeitada a ortografia dos originais, uzada no 3º quartél do século passado.

(a.) J. Soares Pereira.

— C —

ESPÓLIO ARTÍSTICO

de Almeida Reis

Sr. Diretor da Escóla Nacional de Bélas-Artes.
Rio de Janeiro.

Vindo, por este meio, à vóssa presença, temos por intuito cumprir dupla e grata missão.

De uma parte, como executor testamentário que somos, desde 8 de julho do corrente ano, de Adolfo Generino dos Santos — vélho poéta e escritor pernambucano, e o maiór amigo de Cândido Caetano de Almeida Reis, — "um dos nóssos mais eminentes artistas", na espressão de Miguel Lemos.

De outra parte, como pessoa benévolamente escolhida e autorizada, que fomos, pela nóra desse infortunato estatuário patrício a exma. sra. d. Maria Francisca Ferreira de Almeida Reis — para em nome déla, fazer, ao patrimônio estético déssa Escóla, preciósa e comovente oférta.

Entrando, pois, a desempenhar-nos déssas incumbências, não ha como evitar-se prévia, ainda que abreviada espozição de fatos e deliberações, como se ségue.

No testamento cerrado com que faleceu aos oitenta anos de sua idade, Generino dos Santos declara que vários objétos de gesso, de térra cóta, madeira ou bronze, ezistentes na sala em que habitava, e onde veiu a falecer, pertencião ao espólio de Almeida Reis, do qual espólio (dis Generino) "sou e sempre me considerei méro detentor".

Por cláuzula testamentária estatúi, então, que todo o declarado seja entrégue à nóra do estatuário, viúva de seu único filho — Eugênio de Almeida Reis.

Antes, porem, determina que se vázem em bronze as seguintes peças:

1ª — Estatueta "Dante ao voltar do ezilio" — óbra inspirada em um soneto do próprio Generino, que assim termina:

> Lá vai aquele que voltou do Inférno,
> Tendo-o creado à imagem de su'alma,
> Trazendo n'alma o sofrimento etérno!

2ª — Busto "Alma Penada", de assunto dantesco (guai à voi, anime prave! — Inf. c. III).

3ª — Medalhão com a efígie de Almeida Reis, modelado e fundido em gesso por seu dicípulo Emanuel Lacaille, para ser oferecido, como de fato o foi, ao Méstre, por ocazião e motivo de passar-se em bronze a sua memorável estátua "O Progrésso".

Acerca do medalhão de bronze, determina Generino que seja fixado no monumento tumular de Almeida Reis, levantado, no campo santo de S. Francisco Xaviér, por iniciativa do apóstolo Teixeira Mendes.

No que tóca, porem, às reproduções em bronze do "Dante" e da "Alma Penada", nenhum destino lhes é claramente marcado. Daí, a idéia que houve de aproveitar-se (como já se fês) a estatueta do Florentino para ornar o penhasco de granito por sob cuja baze ficou encerrada, a 5 de setembro p. passado, a urna funerária em que se

recolhêrão, no cemitério de S. João Batista, os réstos corporais de Generino.

Mas, pensamos lógo em mandar fundir outro ezemplar da dita estatueta, conjuntamente com "Alma Penada" para serem, ambas, ofertadas (com prévia aquiecência da exma. Viúva Almeida Reis) ao patrimônio estético da Escóla Nacional de Bélas Artes.

Déssa maneira, mais duas óbras do insigne Artista irão reünir-se, nas galerias da mesma Escóla, ao primeiro trabalho seu, de pensionista do Estado — "O Parahiba", o qual foi fundido em bronze por órdem de Batista da Cósta, quando diretor, sob o influxo pertinás de Generino.

A convite nósso, o néto de Cândido Caetano, o Dr. João Gonçalves de Almeida Reis, como reprezentante da exma. sra. sua Mãi, pode inspecionar, a 27 de julho último, com a nóssa assistência, tudo quanto constituía o espólio artístico de seu Avô, e que ficára sob a cióza e apaixonada guarda de Generino dos Santos, desde 1889.

Néssa ocazião, particípou-nos que a viúva Eugênio de Almeida Reis estava no propózito de tudo ofertar à Escóla Nacional de Bélas Artes, lógo depois de se acabarem os reparos que Eduardo de Sá, de acordo com o Testamento, viésse a realizar nas péças mais prejudicadas pelo tempo, e outras fatalidades. E acrecentou que seria tambem doado à mesma Escóla um pequeno busto de gesso, em baixo relevo (relíquia de família) reprezentando d. Eugênia Júlia de Oliveira, — trabalho ezecutado em 1874 por Almeida Reis, então seu noivo.

Foi esse o busto que serviu de modelo a Eduardo de Sá para realizar o duplo medalhão com as imágens dos dois Espozos, — medalhão que Teixeira Mendes fês colocar no monumento tumular de Cândido Caetano, inaugurado a 3 de outubro de 1924, na prezença dos membros do Conselho Superior de Bélas Artes.

A efígie, porem, de Almeida Reis, Teixeira Mendes preferiu que fosse modelada segundo uma fotografia dele ao tempo em que éra noivo de d. Eugênia Júlia, a que Eduardo de Sá tentasse, para semelhante fim, uma redução do medalhão de Lacaille, feito anos depois do falecimento déla. Tal foi a circunstância que nos levou a dezistir de fixar no jazigo de Almeida Reis éssa óbra de Lacaille vazada em bronze, confórme o vóto testamentário de Generino, vóto que deixará, assim, de ser cumprido. E aqui fica consignada desde já a razão por que, com o "Dante ao voltar do ezílio" e "Alma Penada" tambem se oferéce a éssa Escóla o referido medalhão de Lacaille, já fundido em bronze.

Antes de terminar, convem advertir que vão apensas à prezente, como complemento, duas outras cartas, em cópias devidamente autenticadas.

Uma, firmada pelo escultor Eduardo de Sá; outra, pela exma. sra. d. Maria Francisca F. de Almeida Reis, ambas a nós dirigidas.

A carta do sr. Eduardo de Sá relata o que lhe foi possível realizar para corresponder ao antigo e sempre renovado vóto de Generino, de que fosse por ele tentada a restauração de várias peças do espólio de Almeida Reis, — partidas, umas, quázi esfareladas, outras.

A carta da nóra de Cândido Caetano encérra a autorização, conferida ao singnátario désta, afim de que faça, em seu próprio nome déla, a oférta e a oportuna entréga a éssa Escóla das melhóres péças pertencentes ao espólio artístico de seu sogro.

Éssas péças, que a referida carta menciona e caracteriza, são, afinal, as seguintes:

1. — "Espiação", estatueta modelada em gesso para a Caza de Correição désta Capital.
2. — "Busto de Emanuel Lacaille", dicípulo de Almeida Reis, pozando de pescador napolitano.
3. — *"Portrait-charge"* do imperial Poéta Garcia" irmão do compozitor Pe. Jozé Maurício.

4. — Cabeça da estátua "O crime", premiada na Espozição de Filadélfia e, ao voltar, partida na Alfândega.

5. — Dois fac-símiles em madeira, copiados de dois caboclos ezistentes no pedestal da estátua do 1º Imperador, no Largo do Rocio, óbra de Rochet, professor de Almeida Reis, em Paris. Este, "que aprendera com seu pai (infórma Generino, test. p. 19) éra insigne escultor em madeira, havendo dele uma belíssima imágem numa das igrejas désta Capital".

6. — Busto de gesso (baixo-relevo) de d. Eugênia Júlia de Oliveira Reis.

A esses originais, ajúntão-se as seguintes reproduções em bronze, feitas pela Fundição Cavina, a que o próprio Generino já destinára esse mistér:

1. — Dante ao voltar do ezilio" (estatueta).
2. — "Alma Penada" (busto).
3. — "Almeida Reis" (medalhão, por E. Lacaille).

Temos, aqui, por acabada ésta sumária espozição de fatos e rezoluções que, preliminarmente, se nos afigurava, de todo em todo, necessária. E por esse módo — na data mesma em que transcórre o 95º aniversario natalício de Cândido Caetano de Almeida Reis, em nome de sua Nóra e em memória do maiór amigo dele, assim na vida como na mórte, — é que nos é dado fazer, como de fato fazemos, à Escóla Nacional de Bélas Artes a dupla oférta das referidas óbras.

Aguardando a competente respósta vóssa, com dezignação de dia e hóra para a respetiva entréga, no cazo de livre aceitação de todas éssas produções, que réstão de um escultor patrício, que se acreditava dicípulo espiritual de Miguel Angelo e técnico de Luís Rochet, — aqui nos confessamos e nos subscrevemos, exmo. sr. Diretor,

todo vósso, no Amor, na fé e no serviço da Humanidade,

a) Sílvio Vieira Souto.
(18, r. São Salvador)

Rio, 24 de Shakespeare de 145 (3 de outubro de 1933).

P. S. — Haveis de permitir que vos remetamos, com ésta, um ezemplar imprésso do "Testamento de Generino dos Santos" e um do opúsculo de Teixeira Mendes, sob o título: "O escultor brazileiro Cândido Caetano de Almeida Reis e as suas relações com a Igreja Positivista do Brazil".

1ª CARTA ANEXA

Cidadão dr. Silvio Vieira Souto, d. inventariante e testamenteiro dativo do espólio de Generino dos Santos.

Por divérsas vezes Generino dos Santos manifestou o desejo de me confiar a restauração de alguns trabalhos de escultura do seu diléto amigo Almeida Reis, trabalhos que, por mórte do notável escultor, espontâneamente tomou sob a sua guarda.

Adiando sempre a realização desse dezejo, deixou, por fim, na nona declaração do seu testamento, quando enuméra o que chama — o espólio de Almeida Reis — o vóto, "em que confiantemente espéra", de éssa restauração ser por mim realizada, para que, acrecenta, "se não perca o emotivo surto que evolutivamente inspirou os ditos trabalhos".

Assim, foi com a melhór disposição de auxiliar-vos no cumprimento das últimas vontades firmadas no testamento do nósso comum

amigo que, em 25 de julho do corrente ano, recebí a vóssa comunicação de que éra necessária a minha prezença à rua Taylor n. 159, na caza em que ele rezidiu e faleceu, para tomar conhecimento da parte artística do espólio de Almeida Reis, como de fato tomei.

No dia 27 do mesmo mês tive mais a vóssa participação de que o Sr. João Gonçalves de Almeida Reis, néto de Almeida Reis, em nome da Esma. senhóra sua Mãi, ezaminara, nesse dia, o espólio em questão e aceitara o vóto de Generino dos Santos, por vós submetido à sua apreciação, para que me fosse confiada a sua reparação.

Ocupado com a parte judiciária do testamento e preparo do Ossário de Generino dos Santos, hoje inteiramente concluído, só a 10 de agosto do corrente ano pudéstes fazer transportar o dito espólio, parte para a Fundição Cavina, parte para a minha rezidencia. Ficárão, assim, sob o meu cuidado: a "Espiação", estatueta em geso; a "Apoteóze do regímen pacífico e industrial sobre os destróços da guérra"; o busto de Emanuel Lacaille pozando de pescador napolitano; um *portrait-charge* do Poéta Garcia; a cabeça da estátua "O Crime"; dois fac-similes em madeira, cópias feitas por Almeida Reis, de dois caboclos ezistentes no pedestal da estátua do 1º imperador, no largo do Rocio; um baixo-relevo sem fundo, reprezentando, de perfil, a cabeça de Generino dos Santos; duas mãos, em gesso, da estátua de Saldanha Marinho; um estudo anatômico, baixo-relevo de dorso de hómem; folhas de árvore em bronze; uma figurinha de camponês; dois cinzeiros de bronze; uns fragmentos de medalhas e diversos outros irreconhecíveis, em barro seco e gesso.

Os trabalhos entrégues à Fundição Cavina fôrão a estatueta "Dante ao voltar de ezílio", "Alma Penada" e o medalhão de Almeida Reis, por seu dicípulo Emanuel Lacaille.

Os cuidados por mim prestados a esses trabalhos consistirão em retóques nos modelos em cera, para os ezemplares em bronze fundidos na Fundição Cavina.

Na estatueta da "Espiação", referindo-me agóra aos trabalhos que ficárão sob a minha guarda, repus os braços partidos e firmei-a no pedestal; repus os fragmentos das duas mãos em gesso e coloquei sobre pequeno pedestal a cabeça do "Crime".

Quanto à estatueta "Apoteóze do regíme pacífico e industrial sobre os destróços da guérra", nada pude restabelecer, já porque nenhum dos fragmentos encontrados se lhe foi possível ajustar, já porque se esboroava a cada tentativa de reparação.

Os outros fragmentos de barro tambem não pudérão ser restaurados, inclusive o do Poéta Garcia, o menos danificado de todos eles.

Não foi possível, pois, apezar meu, cumprir o tão tocante e delicadamente formulado vóto de Generino dos Santos. O estado em que ficou o espólio de Almeida Reis, depois de tantas vicissitudes sofridas, durante os quázi quarenta anos em que esteve guardado por Generino dos Santos, impediu a sua total restauração.

O dedicado amigo de Almeida Reis prevê no seu testamento a impossibilidade em que me achei de satisfazer o seu dezejo, quando dis que ele próprio, em pessoa, conseguiu salvar esse espólio e que, desde então, 1889, — palavras suas — "o carrêga sobre os ombros, procurando quanto possível conservá-lo através da Revólta de setembro e outros motins políticos não menos demolidores". E, precizando mais o estado do espólio artístico, declara, determinando os objétos em gesso e térra cóta, madeira e bronze que dele fazem parte, "estarem já partidos e outros esfarelados pela ação do tempo, várias mudanças e, mórmente, por terem sido modelados com barro já cançado, à mingua de material mais rezistente e duradouro". Quando termina a relação desses objétos, assim se manifésta ainda, sobre os fragmentos em barro, entre eles ezistentes: "um ou outro apontamento em barro, já agóra ininteligível".

Lamentando, portanto, tão pouco ter feito no sentido de "restaurar e completar, para que se não perca o emotivo surto que evolutivamente inspirou" vários trabalhos de Almeida Reis, em homenágem à edificante amizade dos dois amigos, que revivem na estátua d'"Aquele que voltou do inférno, tendo-o creado à imágem de sua alma" e nesses hoje ininteligíveis fragmentos de barro, mas que fôrão em tempo sinais da ardente esperança de ambos nos mais belos destinos humanos, tomo o compromisso de, com o material desses trabalhos desfeitos, modelar a imágem da "Humanidade", de módo a relembrar no porvir a gratidão que devemos aos que, antes de nós, em nóssa Pátria, consientemente se votárão, em qualquer grau, ao serviço da coletividade humana.

(a.) EDUARDO DE SA.

Rio, 28 de setembro de 1933. — Rua Lúcio de Mendonça, 42

2ª CARTA ANEXA

Rio, 2 de outubro de 1933.

Sr. Silvio Vieira Souto.

Confórme os seus dezejos, venho confirmar pela prezente a plena autorização verbal que já lhe havia dado para que, em meu próprio nome, fizésse oférta e posterior entréga à Escóla Nacional de Bélas-Artes de várias óbras de escultura pertencentes ao espólio artístico de meu sogro, Cândido Caetano de Almeida Reis.

Tendo recebido de suas mãos, como ezecutor testamentário de Adolfo Generino dos Santos, todas as péças que constituião o dito espólio, que ficara sob a guarda dele, depois de restauradas algumas pelo sr. Eduardo de Sá, rezervei a outros fins os originais daquelas três que fôrão recentemente fundidas em bronze, por sua iniciativa, afim de sêrem tambem oferecidas à referida Escóla.

As péças originais em milhór estado que escolhi para esse mesmo destino, são pois, as seguintes: 1. "Espiação", estatueta modelada em gesso para a Caza de Correição désta Capital; 2. "Busto de Emanuel Lacaille", (terra cóta) — dicípulo de Almeida Reis, pozando de pescador napolitano; 3. "*Portrait-charge* do imperial Poéta Garcia", irmão do copozitor Pe. Jozé Mauricio; 4. Cabeça da estátua "O Crime", premiada na Espozição de Filadélfia e, ao voltar, partida na Alfândega; 5. Dois fac-símiles em madeira, copiados de dois cablocos ezistentes no pedestal da estátua do 1º Imperador, no Largo do Rocio; 6. Busto de gesso (baixo relevo) de d. Eugênia Júlia de Oliveira quando noiva de Cândido Caetano de Almeida Reis.

Agradecendo, desde já, o dezempenho da missão que lhe é assim confiada, subscrevo-me com a devida estima e antiga amizade,

a) MARIA FRANCISCA FERREIRA DE ALMEIDA REIS
784, r. Barão de Bom Retiro.

— D —

QUITAÇÃO DO LEGADO

Eduardo Hoerhann

Eu — Alípio Bandeira — procurador bastante de Eduardo de Lima e Silva Hoerhann, uzando dos poderes que me são outorgados no respectivo instrumento de mandato que a este acompanha — declaro que, nesta data, recebi das mãos do sr. Silvio Vieira Souto, na qualidade de

ezecutor testamentário de Adolfo Generino dos Santos, o que abaixo se menciona:

— Um relógio americano, folheado de ouro, com duplo tampo tendo em relevo a figura de um cavalo de corridas. E' da marca "New Era Lancaster Pa" — n. 180.435. Acha-se concertado e regulado.
— Uma corrente de ouro, com argola e mosquetão folheado de ouro.
— Um *pince-nez* folheado de ouro.
— Um monóculo de cristal de rocha, com aro de ouro.

Alem desses objétos, recebi mais tudo quanto se acha relacionado e discriminado nas três folhas anexas, por mim devidamente lidas e rubricadas. Especifico (por terem sido citadas no testamento) duas bengalas: uma de cipó queimado amazonense, com monograma abérto em prata, e outra de madeira de lei, imitação de couro, tendo por castão uma cabeça de águia.

E, por que se tênhão déssa maneira cumprido as cláuzulas testamentárias de Adolfo Generino dos Santos, referentes a Eduardo de Lima e Silva Hoerhann, dou ao sr. Silvio Vieira Souto plena, geral e perpétua quitação, o que faço firmando o prezente em duas vias, para um só efeito.

Rio, 6 de outubro de 1933.

(a. sobre estampilhas) ALÍPIO BANDEIRA.

I

Relação abreviada das óbras encontradas no apozento de Generino dos Santos, à rua Taylor 159, por ocazião de organizar-se o fichário dezenvolvido das mesmas, sob a inspeção de seu testamenteiro, Silvio Vieira Souto, em julho e agosto de 1933, por J. Soares Pereira.

TÍTULOS — AUTORES

1. Boutet embêté par Courtry — Ch. Courtry.
2. Pensées ingénieuses des anciens et des modernes — Ed. Veuve Dela... — Paris.
3. Vita di Benvenuto Cellini (La) — scritta da lui medesimo.
4. Apelo aos Conservadores — Aug. Comte. Trad. de M. Lemos.
5. Poésies — L. Ackermann.
6. Gonzaga ou A Revolução de Minas. (Drama) — Castro Alves.
7. Femme qui a connu l'Empereur (La) — Hugues Rebell.
8. Dialogues des Morts — Lucien. Ed. fr.
9. Biologie (Histoire et systématisation générale de la) — Dr. L. A. Segond.
10. Poètes et Artistes de l'Italie — Émile Montégut.
11. Poems of Home Life — Ed. of the American Tract Society.
12 a 14. Shakespeare (Chefs-d'oeuvres de) — Shakespeare. — 3 volumes.
15 e 16. Théâtre Choisi de — Corneille — 2 vols.
17. Michael Angelo and Raphael (The Lives and Works of) — R. Duppa and Quatremere de Quincy.
18. Dante — La vita nuova — Giovanni Boccaccio.
19. Commedia (La) di — Dante Alighieri. Ed. de Brunone Bianchi.
20. Divina Commedia (La) di — Dante Alighieri. Ed. de Eugenio Camerini.

21. Épopée Terrestre (L') — André Lefèvre.
22. Sobriété (La) — L. Cornaro.
23. De la Nature des Choses — Lucrèce. Ed. de Sully Prudhomme.
24. Catéchisme Positiviste — Aug. Comte. Ed. Laffitte.
25. Pages Choisies de — Ernest Renan.
26. Penseurs et Savants — Dr. Gelineau.
27. Poezias e Prózas inéditas de — Fernão Rodrigues Lobo Soropita.
28. Sud de l'Inde (Poésies populaires du) — Ed. de E. Lamairesse.
29. Enfer (L') de — Dante. Ed. E. Littré.
30. Canzoniere (Il) de — Francesco Petrarca. Ed. Giuseppe Rigutini.
31. Odyssée d' — Homère. Ed. Leconte de Lisle.
32. Dicionario Inglês-Português — J. Bensabat.
33. Théorie du Beau dans la nature et les arts. — P. J. Barthez.
34. Galeria Pitoresca de Homens Célebres — Dr. J. Ph. Austett.
35. Due Trattati di — Benvenuto Cellini.
36. Chrestomathie, ou Choix de Textes du Droit Privé des Romains — M. Blondeau.
37. Multidão Criminóza (A) — Scipio Sighele. Trad. de A. Lima.
38. Tableau de la Nature — Alexandre de Humboldt.
39. Monuments (Sites des Cordillères et) de peuples indigènes de l'Amérique — Alexandre de Humboldt.
40. Comédie (La) de — Dante. Ed. E. Arcux.
41. Teoria da Sensação. Tése — João Francisco de Souza.
42. Poetical Works (The) of — Lord Byron.
43. Histoire de l'Art (Essai d') — Wilhelm Lubke.
44. Ensaios Morais — Alexandre Pope. Ed. port.
45. Vita Nueva (La) — Dante Alighieri. Ed. Luis C. Viada y Lluch.
46. Musique de Chambre (Un demi-siècle de) — L. Augé de Lassus.
47. Iliade of Homer (The) — Ed. Alexandre Pope.
48. Dante — F. Ozanam.
49. Dictionnaire-manuel illustré des idées suggérées par les mots — Paul Rouaix.
50. Eneida (L') di — Virgilio. Ed. Annibal Caro.
51. Consolidação das Leis civis — Publ. oficial.
52. Consolidação das Leis civis (Nóva) — Carlos Augusto de Carvalho.
53 e 54. Procésso Civil (Primeiras linhas sobre O) — Joaquim Jozé Caetano Pereira e Souza. — 2 vols.
55. Nouveau Calendrier des Grands Hommes (Le) — Ed. fr. de Ch. Avezac-Lavigne. — Tome second.
56. Philosophie Positive (Cours de) — Aug. Comte. — Ed. E. Littré. — Tome premier.
57 e 58. Lamennais (F.) — Oeuvres Posthumes de — La Divine Comédie de Dante Alighieri — Ed. Paulin — Paris. — Deux volumes.
59. Traité de l'Amour de Dieu — Saint Bernard. Ed. fr.
60. Sermon de la Montagne (Commentaire sur le) — Saint Augustin. Ed. fr.
61. Propositions de Médecine — Broussais.
62. Essai sur le Beau — Diderot.
63. Santa Tereza (Terceiro centenário de) Comemoração — Miguel Lemos.

64. Selva Oscura (La) — Gaspar Múñez de Arce.
65. Éléments de Géométrie — Clairaut.
66. Elementos de Algebra — Clairaut — Cópia manuscrita.
67. Balades. Louis XI, curieux homme — Ed. du Mercure de France.
68. Obras Filozóficas de — Diderot.
69. Digesto Português — J. H. Correia Téles — Tomo III.
70. Danse Macabre (La) — Carlos Larronde.
71. Intermedio — Regreso y Nueva Primavera — Poemas — Enrique Heine — Ed. esp.
72. Luis de Camões — 2ème. éd. — Miguel Lemos.
73. Jozé de Anchieta (Vida do Pe.) — Pe. Antonio Franco.
74. Salonique — Charles Diehl.
75. Maison Fleurie (La) — Ferdinand Faideau.
76. Cathédrale de Bayeux (La) — Jean Vallery-Radot.
77. Saint-Quintin — Amadée Boinet.
78. Dévotion à la Croix (La) — Pedro Calderon.
79. Camaraderie (La). Comédie. — Scribe.
80. Entraineur (L') Roman — Pierre Lenglé.
81. Légataire Universel (Le) — Regnard.
82. Bonhomme Jadis (Le) — Henry Murger.
83. Plaideurs (Les) — Racine.
84. Andromaque — Racine.
85. Cinna ou La Clémence d'Auguste — Corneille.
86. Dictionnaire des Rimes Française — Quitard.
87. Joueur (Le) — Regnard.
88. Chevalier Noir (Le) — Ed. Mary Lafon.
89. Rito Pagão — Rozalina Coelho Lisboa.
90. Vocabulario (Nuevo) español-portugués — R. de Mesquita.
91 e 92. Grand Dictionnaire Français-Italien et Italien-Français — J. Ph. Barbieri.
93. Dicionário Portatil (Novo) das linguas Portugueza e Franceza — F. S. Constâncio. 2ª parte.
94. Soluções pozitivas da Politica Portugueza — T. Braga.
95. Uma vizita à Caza de Detenção do Recife — Pereira Simões e Herculano Ramos.
96. Animali Parlanti (Gli) — Casti — Vol. 1º.
97. Sonetos — Rimas — Camões.
98. Revizão e sistematização dos Caractéres de Divizibilidade — Augusto de Miranda.
99. Azas — Poezias — Eugênio Savard.
100. Appel Cordial au Peuple Chinois — R. Teixeira Mendes.
101. Poezias — Reis Carvalho.
102. Benjamin Constant — Esboço biográfico — 2ª ed. — R. Teixeira Mendes.
103. Paix de 1916 (La) — Stéphane Juge.
104. Cuatro Jinetes del Apocalipsis (Los) — Novela — Vicente Blasco Ibáñez.
105. Proses de Guerre — Jean Richepin.
106. Direction de la Paix (La) — Civis.
107. Péchés de Jeunesse — R. de Sá Vale.
108. Leonardo da Vinci Pittore — Adolfo Venturi.
109. Leonardo da Vinci e La Geologia — Giuseppe de Lorenzo
110. Leonardo da Vinci. — Le Piante e gli Animali in — Giambattista de Torri.
111. Leonardo da Vinci e la Scultura — Francesco Malaguzzi Valeri.
112 e 113. Selêta Braziliense — J. M. P. de Vasconcélos — 2 vols...
114. Brazil Heróico em 1817 (O) — Alípio Bandeira.
115. Recenseamento de 1920 — Propaganda — Publ. Oficial.

HUMANIADAS

116. Chitra — Rabindranath Tagore.
117. Olinda Conquistada — Pe. João Baers. Trad. braz.
118. Culto Católico (O) — R. Teixeira Mendes.
119. Mulhér (A) — R. Teixeira Mendes.
120. Pensées et Préceptes d'Aug. Comte. — Ed. Georges Deherme.
121. Dezencantado Encantamento — Rozalina Coelho Lisboa.
122. Esthétique Positiviste (L') — Christian Cherfils.
123. Anarchie Mondiale (L') — André Poëy.
124. Électricité chez soi (L') — E. Servière.
125. Larousse (Petit) — Larousse.
126. Littré (Petit) — Ed. A. Beaujean.
127. Mon Secret ou Du Conflit de mes Passions — Pétrarque — Ed. Victor Develay.
128. Quart d'heure de Nogi (Le) — Charles Danièlou.
129. Bonne Maitresse de Maison (La) — Mme. de Granffigny.
130. Secrets de Beauté (Les) — Mme. de Vandille.
131. Des brises qui venaient de Paros — Roger de Nereys.
132. Trovas de Crisfal — Bernardim Ribeiro.
133. Maciel Monteiro (A lirica de) — Regueira Cósta.
134. Mãe de Antéro (A) — Severo-Portéla.
135. Art d'Aimer (L') à travers les âges et les littératures: — Primier vol. — En orient. — Ed. Georges Anquetil.
136. Storia della Musica nel Brasile — Vincenzo Cernicchiaro.
137. Arquivo Nacional (Publicações do) — Publ. Oficial — Vol. XXII.
138 e 139. Dicionário corográfico, histórico e estatístico de Pernambuco — Sebastião de Vanconcélos Galvão — Vols. P., Q e R.
140. Recenseamento de 1920 — Vol. I: Introdução — Publicação Oficial.
141. Comentários à Constituição Federal Brazileira — João Barbalho U. C.
142. Arquivos do Muzeu Nacional — Publ. Oficial — Vol. XII.
149. Rime (Le) di — Michelangelo Buonarroti — Ed. Cesare Guasti.
144. Dicionário crítico e etimológico da Lingua Portugueza — ?
145. Eu — Poezias — Augusto dos Anjos.
146. Consultor do Empregado da Fazenda — (Coletânea).
147. Nômades e Sedentários — Albérto J. de P. e Silva.
148. Estatística escolar — Publ. Oficial.
149. Deodóro. Subsidios biográficos — Ernésto Sena.
150. Estado do Pará (Álbum do) — Publ. Oficial.
151. Instruções Meteorológicas — Américo Brazilio Silvado.
152. Lógica — Cálculo arimético — Manuscrito de Alfredo Soares.
153. Medicina Psiquica — Cunha Cruz.
154. Do Rio ao Piauhi — Dr. Nogueira Paranaguá.
155. Direitos das Mulhéres e Injustiças dos Hômens — Mistriss Gedwin. Trad. de Nízia Florésta Brazileira Augusta.
156. Don Quijote (*Mignon*) — Cervantes.
157 e 158. Apontamentos históricos, geográficos, etc. da Prov. de S. Paulo — Publ. Oficial — 2 vols.
159. Lepidópteros do Brazil — Publ. do Muzeu Nacional.
160. Brazil — Álbum — Dr. Pires de Almeida.
161 e 162. Fagundes Varéla (F. N.) Óbras completas — 2 vols.
163. Luis de Camões — 1è. éd. — Miguel Lemos.
164. Marquês de Pombal (O) — A. de Souza Pinto.
Atlas — 2 ezemplares — T. Sampaio.
Um pretendido erro de Augusto Comte (A propósito de) — R. Teixeira Mendes.
Divina Comedia (La) de — Dante — Ed. *mignon*.

APÊNDICE

Rime (Le) — Fco. Petrarca — Idem.
Rime e Lettere di — Michelangelo Buonarroti — Edição *Mignon* de Ascanio Condivi.
Contes et Nouvelles de — La Fontaine — 4 vols. *mignon*.
Vários escritos do — Dr. Audifrent.
Vários escritos do — Dr. Nina Rodrigues.
Vários escritos de — Silva Jardim.
etc. etc.

II

Objétos de uzo pessoal de Generino dos Santos, — papeis íntimos, cartas de familia e de amigos, estampas, assim como tudo quanto de aproveitável encontrou, no apozento dele, à rua Taylor 159, em julho de 1933, o seu testamenteiro — Silvio Vieira Souto.

1. — Uma caixinha contendo uma medalha de cóbre com a efigie de Augusto Comte.
2. — Uma bolsinha de seda com uma pequena fotografia e uma fita verde de membro da Igreja Pozitivista do Brazil.
3. — Um distintivo maranhense.
4. — Uma caixa contendo medalhas comemorativas de divérsos acontecimentos: a) do 4º Congrésso Médico, Rio, 1909 (dourada); b) do novo edifício da Bibliotéca Nacional, Rio, 1905 (cóbre); c) do monumento a João Caetano, Rio, 1863 (cóbre); d) da Espoziçã̃o Nacional. Rio, 1908 (cóbre); da inauguração da Avenida Central, Rio, 15-11-1905.
5. — Um penny. 1908.
6. — Um "block-noter" comemorativo do monumento do Ipiranga — S. Paulo.
7. — Uma caixinha com uma tezoura e objétos outros: botões de camiza, etc.
8. — Um pano de veludo bordado a ouro, com as iniciais A. G. R. S.
9. — Uma carteira com vários papeis.
10. — Um embrulho contendo: *a*) quatro coletes; *b*) uma cazaca; *c*) nóve colarinhcs.
11. — Idem, com três pares de punhos, um lenço e panos avulsos.
12. — Idem, contendo uma estampa de Dante resguardada por um vidro, e várias estampas outras e fotografias.
13. — Segundo embrulho contendo estampas e fotografias divérsas.
14. — Um embrulho com dois quadrinhos encerrando os retratos de Clotilde e Aug. Comte.
15. — Um revólver.
16. — Um embrulho contendo uma navalha e objétos miúdos.
17. — Um guarda-chuva.
18. — Duas bengalas mencionadas no testamento.
19. — Uma caixinha com um álbum de retratos.
20. — Idem, com contos de La Fontaine.
21. — Uma garrafa térmica e divérsos outros objétos de uzo pessoal, num embrulho.
22. — Couraçado "Minas Gerais". (Estanho).
23. — Pacótes de cartas íntimas.
24. — Caixa de cartas íntimas de F. I.
25. — Vérsos manuscritos e trabalhos outros de d. Francisca Izidóra.
26. — Caixinha com cartas íntimas.
27. — Pacóte de carteiras uzadas.
28. — Caixinha com volumezinhos de Dante, Petrarca e Buonarroti.
29. — Avulsos impréssos.
30. — Vários embrulhos de cartas e documentos íntimos.

31. — Caixinha contendo "retratos da família Generino, folheto de Nízia Florésta" (Raro, n. 155 do fichário), etc., alem do original de uma carta do dr. Audiffrent ao dr. Souza Crus sobre a óbra deste — "Medicina Psíquica".
32. — Embrulho contendo fotografias divérsas.
33. — Vários amarrados de jornais com artigos assinalados por Generino.
34. — Um tubo de folha contendo várias estampas.
35. — Uma rede do nórte com um "jogo" de córdas.
36. — 1 arco, 5 flechas, 1 lança, 1 garfo, e um cestinho.
37. — Duas estantes de férro para livros.

— E —

ENCERRAMENTO JUDICIAL

da primeira parte da ezecução do Testamento e início da segunda. Adjudicação. Rezumo financeiro

Sr. Juís da Vara de Provedoria e Reziduos da Capital Federal.

Silvio Vieira Souto — inventariante e testamenteiro dativo dos bens deixados por seu vélho amigo e correligionário — ADOLFO GENERINO DOS SANTOS — vem trazer ao conhecimento desse Juízo, para os devidos fins processoais, as *declarações e documentos* que se referem à ezecução da primeira parte do testamento a seu cargo, desde 8 de julho de 1933. Com efeito, de um lado havia um conjunto de incumbências e legados, de *valor sobretudo moral*, a serem cumpridos com a possível brevidade, e de outro lado, uma taréfa, por sua natureza e condições, demaziado penóza e de realização fatalmente demorada: — o preparo e a posterior publicação dos copiózos manuscritos deixados pelo vélho pozitivista, poéta e escritor pernambucano, — tudo de acôrdo com os seus derradeiros vótos.

Separando, por conseguinte, como convinha, éssas duas partes bem distintas, o requerente procurou satisfazer, com presteza, a primeira délas, naquilo que de si dependia. Antes, porem, conseguiu inaugurar o Ossário perpétuo de Generino, a 5 de setembro do ano p. passado (1933) no cemitério de São João Batista. — Dessa maneira, pareceu de bôa órdem, solicitar-se, agóra, como aqui de fato se solicita, a juntada aos respetivos autos de inventário, do relato minuciozo e documentado de todos esses trabalhos, realizados, aliás, dentro dos quatro primeiros mezes de ezercício do cargo espontâneamente confiado ao peticionário — que só o aceitou (convém repetí-lo) por inelutável dever de consiência, circunstância que lhe impôs, desde lógo, a antecipada dezistência de qualquér prêmio legal que porventura viésse, ou venha, a merecer. (Art. 1.766 do Cód. Civil).

Assim, pois, ezaminadas as "Declarações" e seus anéxos, ouvido o Ministério Público, feitas as contas e pagas as custas judiciárias e o que fôr devido à Fazenda Nacional, poder-se-á, então, apurado o saldo que houvér — aplicá-lo à gradual ezecução da *segunda p^arte* do testamento do octogenário Poéta, isto é: ao preparo e posterior publicação das suas produções literárias, tanto em vérso como em próza, tudo de conformidade com as instruções e derradeiros vótos constantes do ato solene com que encerrou a sua longa e penóza ezistência.

Rio de Janeiro, 19 de junho de 1934.

(a, sobre estampilhas) Sílvio Vieira Souto.

DECLARAÇÕES PARA ENCERRAMENTO DA PRIMEIRA PARTE DA EZECUÇÃO TSTAMENTÁRIA DE ADOLFO GENERINO DOS SANTOS

I

1 — Ainda que sumário, fás-se mistér aqui um apanhado acerca do andamento que teve o respetivo procésso de inventário, desde a sua abertura em juízo até a prezente data.

Adolfo Generino dos Santos — o Generino — como éra conhecido no meio intelectual brazileiro, — faleceu a 13 de julho de 1928, nesta Capital, á rua Talor n. 159, sem herdeiros necessários, tendo sido o seu corpo inumado a 14, no carneiro provizório n. 10.134 (quadro 10) do cemitério de S. João Batista.

O testamento cerrado, que deixou, com a data de 1º de janeiro de 1927, foi levado a juízo pelo vélho amigo — Joaquim Nunes — por ele próprio nomeado seu primeiro testamenteiro e inventariante, o qual assinou os respetivos termos a 4 de setembro de 1928.

O testamento assim abérto (segundo os dizeres da petição de fls. 83 — em papel do advogado Iberê V. Bernardes) pareceu-lhe a ele Joaquim Nunes (ou a seu advogado) *"quázi inezeqüível"*. Não obstante isso, requér se consulte a Igreja Pozitivista do Brazil, herdeira instituida dos remanecentes que se verificássem, si os aceitaria ou não, e sugére outras providências.

A dita Igreja responde a 3 de novembro do mesmo ano (fls. 117), por intermédio da Delegação Ezecutiva dos seus membros atuais que a aceitarem. (Vêjão-se os "Espedientes" dos mesmos, datados de 19 de setembro de 1919, art. 5). A mencionada Delegação Ezecutiva reconheceu-se, assim, com a autoridade bastante para recuzar, de antemão, os remanecentes, bazeando-se em motivos que nós como pozitivistas que tambem somos, achamos de todo em todo improcedentes, diante de nossa comum Doutrina e dos ensinos apostólicos de Miguel Lemos e Teixeira Mendes.

2 — O acervo de Generino dos Santos achava-se, parte na sala que habitava, e onde faleceu, à rua Taylor 159, e parte em depózito na Perfumaria Nunes, no Largo de São Francisco de Paula n. 25, de propriedade de seu amigo e 1º testamentiro, Sr. Joaquim Nunes (fls. 101 e 105).

A *avaliação* mandada proceder a 3 de novembro de 1928, só foi levada a efeito a 10 de agosto do ano seguinte, e sómente daquilo que ezistia à r. Taylor 159. É o que se conclúi do respetivo laudo (fl. 132), laudo a que se ha de fazer mais particular referência adiante.

3 — O primeiro testamenteiro e inventariante Joaquim Nunes, faléce, nésta capital, depois de mezes de moléstia, a 2 de maio de 1930.

Sua Filha (inventariante dos bens por ele deixados) reprezentada por seu marido e procurador bastante, Sr. Eduardo Alexander, présta contas da administração patérna em 10 de dezembro de 1930, em apenso aos respetivos autos de inventário. E', então, mandado intimar o 2º testamenteiro instituído, Francisco Alves Vieira, a 27 de janeiro de 1931, não tendo sido encontrado o 3º, o Sr. Eduardo de Lima e Silva Hoerhann.

Francisco Alves Vieira (hoje tambem falecido) deziste dos encargos a 8 de fevereiro seguinte (1931) por considerar da mesma sórte "inezeqüível" (fls. 142) o testamento com que faleceu o octogenário advogado, poéta e prozador pernambucano — Adolfo Generino dos Santos.

4 — A 23 desse mesmo mês de fevereiro, é nomeado testamenteiro dativo o Dr. Alfredo Loureiro Bernardes, que assina termo a 3 de março. Aparéce, depois, nos autos (fls. 138) uma petição datada de 10 de março, em que o dito Dr. Alfredo L. Bernardes, como testamenteiro dativo do espólio vem oferecer a próva do falecimento de Joaquim Nunes, e isso fás (declara) vizando a sua nomeação para o cargo de inventariante dos bens deixados por Generino dos Santos. Nomeado, como solicitára, assina os respetivos termos a 13 de março do referido ano (1931).

Tendo concordado com a prestação de contas do 1º inventariante, a 25 de maio, o Dr. Alfredo Bernardes recebeu, a 4 de agosto de 1931, o saldo em dinheiro de Rs. 59:948$000, dos quais depozitou, a 7 de agosto, na Caixa Econômica, a soma de Rs. 50:000$000, em nome do Espolio, ficando com a diferença (Rs. 9:948$000) em seu poder, para ocorrer a despezas do procésso (fls. 147). A Caderneta referente a esse depózito pertence á 4ª série, sob n. 45.125 e se encontra devidamente apensa aos respetivos autos de inventário.

II

1 — Na qualidade de amigos e correligionários de Generino dos Santos, e com incumbências marcadas em seu testamento, estivemos sempre atentos ao andamento, em juízo, do correspondente procésso. Daí, os passos que demos durante o ano de 1932, junto ao inventariante dativo, afim de se apressar aquele andamento, sendo, como éra e é essencialmente *ezequivel* o conjunto das dispozições testamentárias do vélho adépto do Pozitivismo. Daí, tambem, a nóssa intervenção deciziva, confórme os termos da petição de 19 de maio de 1933 (fls. 149) a esse Juízo, e a de 3 de julho, endereçada à Procuradoria Geral do Distrito, que avocou, imediatamente, a si, em 5 de julho (fls. 159) os autos do paralizado testamento, tido e havido, sem razão nenhuma, por confuzo e inezequivel.

O Dr. Alfredo Loureiro Bernardes, por petição de 7 de julho (fls. 161) ezonéra-se dos encargos de testamenteiro-inventariante dativo, depois de haver, afinal, concordado com todo o requerido em nóssa petição de 19 de maio.

2 — Em substituição, é, então, *espontâneamente* nomeado para o duplo encargo, sem nenhuma solicitação, diréta ou indiréta de sua parte — o signatário das prezentes Declarações — Silvio Vieira Souto — que se compromissou judicialmente a 8 de julho.

Entrando em funções, tratamos de ezaminar o acervo de bens ezistentes na sala da r. Taylor n. 159 e providenciar para o completo arrolamento dos mesmos e separação dos objétos legados, afim de que se pudésse dezocupar a sala, cujo aluguél, havia cinco anos, corria por conta do Espólio. Isto feito, (inclusive catalogação dos livros e folhetos; entréga do espólio artístico do escultor C. C. de Almeida Reis à sua nóra — viúva Eugênio de Almeida Reis — depois de restauradas várias péças pelo escultor Eduardo de Sá, etc.) — a sala ficou, de fato, completamente dezocupada no mês de agosto. Os objétos legados, até então não entrégues, ficárão sob a nóssa guarda e em nóssa rezidência, sem onus nenhum, é claro, para o espólio. Convem citar, especialmente a "grande caixa de madeira branca fechada a cadeado", que contem os manuscritos de Generino — caixa que ele recomenda fique sob a guarda e imediata vigilância do seu testamenteiro.

Infelismente tudo quanto se achava em depózito na Perfumaria Nunes, posteriormente vendida, no decorrer do inventário de seu dono, — ficou perdido. Vêjão-se as declarações de fls. 188 a 190 dos autos.

3 — De acordo com as nóssas petições, e anéxos, de 19 de maio de 1933 (fls. 149); de 19 de julho (fls. 166); de 28 de julho (fls. 171); de 3 de agosto (fls. 176); de 17 de outubro (fls. 184), — o *Ossário perpétuo* de Generino dos Santos pode ser solenemente inaugurado, sob n. 533 E do cemitério de São João Batista, na manhã de 5 de setembro de 1933, aniversário fúnebre de Augusto Comte.

Sobre esse assunto, veja-se o documento n. 1.

III

ESCLARECIMENTOS ACERCA DOS BENS DEIXADOS POR ADOLFO GENERINO DOS SANTOS

1 — *BENS DECLARADOS EM TESTAMENTO* — Generino declara a fls. 14 do testamento, datado de 1º de janeiro de 1927, que possúi, *no momento*, em depózito na firma e estabelecimento comercial de seu amigo Joaquim Nunes (Perfumaria Nunes) a quantia de *cincoenta e dois contos nóvecentos e noventa e nóve mil e quinhentos réis* — (Rs. 52:999$500), dos quais só cincoenta contos, apenas, vencião juros de doze por cento ao ano; e mais *dois contos de réis*, em título à parte. Ao todo, por conseguinte, em dinheiro: Rs. 54:999$500 (cincoenta e quatro contos, nóvecentos e noventa e nóve mil e quinhentos réis).

— Declara ainda que possúi a quantia de *quatorze contos de reis* (Rs. 14:000$000), em moéda corrente do país, quantia éssa que conservava em seu poder, à espéra de conveniente e segura colocação. Declara mais, ser senhor e possuidor de parte de um prédio, situado em Recife, da legitima patérna, — quinhão esse já em trato de venda. — Ésta venda ultimou-se, de fato, ainda em vida do Testador, a 5 de dezembro de 1927, pelo ajustado preço liquido de *oito contos de réis* (Rs. 8:000$000). Ver fls. 125-128 dos autos.

— Declara ainda, possuir (quér na sala em que habita, quér em depózito na Perfumaria Nunes) livros, brochuras, revistas, jornais, etc., objétos de estimação e culto, e outros de uzo pessoal. Alem disso, manuscritos de suas compozições em próza e em vérso, assim como vasto arquivo de sua correspondência íntima e documentos de sua vida privada e pública.

— Declara tambem considerar-se "méro detentor" de todo o espólio artístico de seu grande e querido amigo o escultor brazileiro, Cândido Caetano de Almeida Reis, cujas péças principais, assim conservadas em seu poder desde 1889, menciona e nomeia.

2 — *BENS APURADOS PELOS INVENTARIANTES SUCESSIVOS, JOAQUIM NUNES E ALFREDO LOUREIRO BERNARDES, DESPEZAS PELOS MESMOS FEITAS E DEDUZIDAS DO MONTE* — Do laudo de avaliação, requerida por Joaquim Nunes (fls. 132) e realizada a 10 de agosto de 1929, consta, apenas, o seguinte: Um lóte de livros, brochuras e revistas; uma navalha Giléte com estojo; três caixas de madeira e um revólver velho, tudo avaliado em Rs. 115$000. E acrecêntão os avaliadores "Deixamos de avaliar um lóte de roupas uzadas por estarem as mesmas imprestáveis, assim como várias poezias, sonetos e cartas do falecido, por não terem os mesmos o menor valor".

— A prestação de contas do 1º inventariante — efectuada a 10 de dezembro de 1930, por seu genro, e procurador bastante da filha que, por sua vês, foi inventariante dos bens deixados pelo pai — Joaquim Nunes — menciona o seguinte, a fls. 3:

Saldo em dinheiro em depózito a favor do falecido Dr. Generino, na caza comercial do ex-inventariante e testamenteiro — Joaquim Nunes, tambem fallecido		54:999$500
Juros de 12 % s/50:000$000, de julho de 1928 a 30 nov. 1930 (29 mezes ou 2 anos e 5 mezes)		14:500$000
		69:499$500
Total declarado das despezas		9:551$500
Saldo a favor do espólio		59:948$000

E, em nóta (fls. 4) se acrecenta:

"Alem desse saldo em dinheiro, possúi mais o inventariado, Dr. Generino dos Santos, uma caderneta com o depózito da quantia de réis 10:000$000 por ele feito no Banco Espanha e Brazil (óra falido) em cujo acervo foi admitido como credor quirografário para receber o rateio que lhe póssa tocar, estando a respetiva caderneta junta à sua declaração de crédito".

O ex-inventariante, Dr. Alfredo L. Bernardes, a 4 de março de 1931, recebeu o referido saldo de Rs. 59:948$000.

Depozitou, na Caixa Econômica, a quantia de Rs. 50:000$000 e reteve, em seu poder, para despezas do procésso a soma de Rs. 9:948$000.

Pagou:		
Honorários do advogado Iberê de Vasconcelos Bernardes, a 4 de agosto 1931	3:000$000	
Aluguéis, da sala da r. Taylor n. 159 de novembro — dez.. 1930	340$000	3:340$000
Saldo a favor do Espólio		6:608$000

O referido inventariante, a 20 de julho de 1933 (fls. 153) concordou com o pedido de pagamento de aluguéis, correspondentes a 28 mezes em atrazo (anos 1931, 1932 e mezes de janeiro a abril de 1933) na importância de Rs. 4:760$000.

Este pagamento foi feito diretamente pela Caixa Econômica, conforme o ofício de 24 de julho (fls. 154).

3 — *BENS VERIFICADOS PELO ATUAL INVENTARIANTE DATIVO* — O nósso antecessor prestou contas a 5 de agosto de 1933, entregando-nos em cartório o saldo referido de Rs. 6:608$000, em dinheiro, e no dia 9, alguns objétos pertencentes ao Espólio e que restavam sob sua guarda, como tudo consta dos autos de prestação de contas em apenso, e de fls. 187 a 190 dos autos de inventário.

Fizemos arrolar tudo quanto encontramos na sala em que faleceu o Inventariado, como se vê das quitações e anéxos relativos aos legados. Esses trabalhos e outros estiveram a cargo do Sr. J. Soares Pereira e fôrão remunerados, como convinha.

Com aquele saldo, cumprimos a 1ª parte do Testamento, e fóra dele só foi pago diretamente por conta do depózito na Caixa Econômica o saldo da conta de Cavina & Cia., na importância de Rs. 1:050$000 (Ver fls. 183 e 184).

Banco Espanhol do Brazil — A' vista da nóta de fls. e da prestação de contas do 1º inventariante, requeremos, por intermédio desse Juizo, informações ao Banco Espanhol do Brazil sobre o crédito do Inventariado declarado na falência do Banco Espanha e Brazil, seu antecessor.

Vêjão-se as fls. 194 a 202 a respeito.

Ficárão, assim, averbadas em nome do Espólio a fls. 100 do "Registro de Acionistas" do referido Banco — 86 *ações* e 487.200 *milionezimos de ação* (do referido Banco), do valor nominal de cincoenta mil réis cada uma e de ns. 6.242 a 6.327; e 0,047824 da de n. 6.229 e 0,439376 da de n. 6.328, reprezentadas por uma só cautéla sem número, correspondendo a 40 % do crédito habilitado e juros (Rs. 10:810$000).

A Câmara Sindical dos Corretores certificou a 7 de corrente mês de junho de 1934 que "as ações do Banco Espanhol do Brazil não estão incluídas no quadro oficial da Bolsa". Nomeado, porem, um corretor, fôrão as ditas ações avaliadas ao preço de 30$000 cada uma, ou sêjão para 86,487.200, o valor total de Rs. 2:594$616 (Doc. 2).

4 — *BENS ALHEIOS* — Érão estes constituídos pelo espólio artístico de Cândido Caetano de Almeida Reis. Todas as péças que o compúnhão fôrão identificadas, algumas concertadas, outras restauradas pelo escultor Eduardo de Sá, confórme se acha narrado no doc. n. 8.

O escultor Eduardo de Sá, prestou gratuitamente todos esses serviços, assim como os que se reférem ao projéto de ossário e sua realização.

5 — *OBJÉTOS QUE O TESTAMENTO MENCIONA, MAS QUE NÃO FÓRÃO ENCONTRADOS* — Dentre os objétos especificadamente legados não se achárão os seguintes: — Téla a óleo do pintor Leopoldino de Faria, reprezentando "a cabeça de Tiradentes" fincada em seu ignominioso póste, em Vila-Rica; medalhão de bronze com a efígie de Generino, óbra de Almeida Reis; a corôa de palhetas doiradas e documentos relativos ao concurso de poezia no Estado do Maranhão; uma libra esterlina, legada *em espécie* ao filho de Eduardo Hoerhann — Generino Nandja.

Sobre o perecimento de tudo quanto se achava em depózito na Perfumaria Nunes, vêjão-se os documentos entranhados nos autos — fls. 188 a 190.

6 — *OBJÉTOS LEGADOS* — Tudo quanto foi encontrado no acervo de bens, em estado aproveitável além do que especificadamente se menciona no Testamento, como deixas nominais ou legados, ficou arrolado e entrou no legado geral de Eduardo de Lima e Silva Hoerhann, a quem sabião "todos os papéis íntimos" e "todos os objétos de uzo pessoal" de Generino dos Santos (Ver doc. n. 10).

— Quanto á deixa da quantia de Rs. 2:000$000, a título beneficiário à D. Maria Carolina, viúva Temporal (irman germana de Generino) *falecida depois de seu irmão*, não foi ainda solicitada pelos seus legítimos herdeiros, avizados em tempo para que se habilitássem.

(Este legado foi posteriormente pago, a 18 de Dezembro de 1935, aos herdeiros reprezentados pelo dr. Itamar Moreira Temporal. V. fls. 268 dos autos. Nóta deste Apêndice.)

IV

LISTA DOS LEGATÁRIOS INSTITUÍDOS E DATAS EM QUE RECEBÊRÃO AS DEIXAS E LEMBRANÇAS DO TESTADOR

1 — *Jórge Rodrigues Coutinho* — Recebeu, a 15 de agosto de 1933, tudo que lhe foi deixado. Doc. 4.

2 — *Antônio Lobo* — Recebeu, a 6 de setembro de 1933, tudo que lhe foi legado. Doc. 5.

3 — *Luís Anibal Falcão* — Recebeu, a 17 de setembro de 1933, o que lhe foi deixado, ajuntando à sua quitação a declaração de antecipada dezistência quanto à publicação das óbras de seu pai — Anibal Falcão — por conta do Espólio. Doc. 6.

4 — *Instituto Nacional de Múzica* — Recebeu, a 21 de setembro de 1933, pela mão de seu bibliotecário, Dr. Luís Heitor Correia de Azevedo, o que lhe competia. Doc. 7.

5 — *D. Maria Temporal Braga* — Recebeu, a 29 de setembro de 1933, por intermédio de seu irmão e procurador bastante, Dr. Itamar Moreira Temporal, as relíquias de família mencionadas, ecéto um lençól de linho crú, o qual, por ignorância do teor da deixa, serviu de mortalha ao Inventariado. Ver doc. 8.

6 — *D. Maria Francisca Ferreira de Almeida Reis* — A 29 de setembro de 1933, a nóra do escultor Cândido Caetano de Almeida Reis, viúva de seu filho Eugênio — D. Maria Francisca Ferreira de Almeida Reis, recebeu o espólio artístico de seu sogro. Nos *documentos* numeros 9, 3 e 12 encontra-se o histórico completo dessa entrêga, assim como da posterior doação que a referida Viúva fês de tudo ao patrimônio estético da Escóla Nacional de Bélas-Artes, por intermédio do atual testamenteiro de Generino dos Santos.

7 — *Eduardo de Lima e Silva Hoerhann* — A 6 de outubro de 1933, recebeu por mão de seu procurador bastante, o Sr. Coronel Alípio Bandeira, tudo quanto lhe devia tocar, confórme os termos de quitação e seus anéxos. Veja-se doc. n. 10.

8 — *Bibliotéca Nacional do Rio de Janeiro* — A 6 de outubro de 1933, por intermédio de seu secretário, Sr. Luis Corte Real de Assunção, recebeu o que lhe foi legado. Doc. 11.

9 — *Escóla Nacional de Bélas-Artes* — A 14 de outubro de 1933, fês-se entrêga ao diretor, Sr. Arquimédes Memória, de dois trabalhos de Almeida Reis e um de seu dicípulo Lacaille, mandados vazar em bronze pelo Testador, o que se realizou conjuntamente com péças do espólio artístico do primeiro, confórme a doação feita à mesma Escóla por D. Maria Francisca Ferreira de Almeida Reis.

Vêjão-se os documentos ns. 12, 9 e 2.

Rio de janeiro, 19 de junho de 1934.

(a., sobre estampilhas) SÍLVIO VIEIRA SOUTO.

V

Despezas feitas pelo atual inventariante — Silvio Vieira Souto, na ezecução da primeira parte do testamento de Generino dos Santos, por conta do saldo recebido das mãos de seu antecessor, a 5 de agosto de 1933, na importância de Rs. 6.808$000.

Santa Caza da Mizericórdia: compra do terreno para o Ossário de Generino, ezumação de seus réstos e urna para os mesmos, em 9 de agosto de 1933. Doc. 13	684$000	
Gorgetas aos coveiros e pedreiros	18$000	702$000

APÊNDICE

J. Soares Pereira, Serviços de arrolamento, conferência de objétos do acervo e fichário da bibliotéca, pagamento em 26 de agosto de 1933 — Doc. 14	200$000	
Dr. Antônio Pedrozo Souto, por quatro mezes de aluguel (maio a agosto de 1933) da sala r. Taylor 159 Sob. pagamento em 31 de agosto de 1933, Doc. 15	680$000	
Divérsos gastos com a dezocupação da dita sala, incluzive carretos, para a rezidência do inventariante, do que ficou sob sua guarda e vigilância	68$500	948$500
Luis Mendonça & Cia. — Uma bandeira nacional de 0,70 x 0,45 para envolver os réstos de Generino, confórme dezejára em relação a seu ataude; pagamento 1 set. 1933. — Doc. 16	24$000	
Anúncios da inauguração do Ossário; Pagamento em 4 set. 1933. Docs. 17/18	24$000	
Campos Silva & Cia. pela construção e colocação do ossário destinado a recolher os réstos de Generino; pagamento em 9 set. 1933 — Doc. 19	1:300$000	
Tipografia Cariôca — Impressão de 500 exemplares do "Testamento de Generino dos Santos"; pg. 11 set. Doc. 20	420$000	1:768$000
Ao Judeu Errante, tubo de folha para resguardar a partitura legada ao Inst. N. de Múzica; 18 set. Doc. 28	4$000	
Caza Oscar Machado — concerto do relógio legado, limpeza da corrente e monócolo — em 26 set. Doc. 22	30$000	34$000
Cavina & Cia. pelas fundições em bronze: sinal ao receber a encomenda; em 10 agosto 1933. Doc. 23	1:000$000	
Cavina & Cia. — ao entregar as péças fundidas á E. N. de Bélas Artes em 9 de outubro de 1933. Doc. 24	1:400$000	2:400$000
(Ficou restando o saldo de 1:050$000 diretamente pago pela C. Econômica).		
— Selos de correio, registros e firmas reconhecidas em documentos	50$500	
— Condução e gratificações	67$500	
— Cópias à maquina	66$300	
— Câmara Sindical, certidão — 7 junho	12$600	196$900
Total		6:049$400

N. B. — Não se incluírão aqui nem custas judiciárias já pagas, nem estampilhas empregadas. A escrituração pessoal do inventariante, que tudo compreende, acuza um saldo credor de Rs. 488$800 (quatrocentos e sessenta e oito mil e oitocentos réis).

Rio de Janeiro, 19 de junho de 1934.

(a.) SÍLVIO VIEIRA SOUTO.

Sr. Juís da Provedoria e Reziduos da Capital Federal.

Sílvio Vieira Souto — inventariante e testamentiro dativo do espólio de Adolfo Generino dos Santos, ao concordar, como de fato pela prezente concórda, com o cálculo a que se procedeu nos respetivos autos, acha todavia de seu dever aduzir as seguintes considerações justificativas da

IZENÇÃO DE IMPOSTO DE TRANSMISSÃO

Com efeito, paréce fóra de dúvida que a importância líquida que déve ser, oportuna e condicionalmente, adjudicada ao testamenteiro para publicação, si possível, integral das óbras literárias deixadas pelo Inventariado — está izenta de imposto de *transmissão de propriedade*.

De fato, éssa importância não será *transmitida a ninguem*, sob nenhuma fórma. Impréssas as ditas óbras, serão póstas à venda "por módico preço" em parte, e em parte "distribuidas gratuitamente pelas bibliotécas do país".

Quando se liquidarem, afinal, os remanecentes da ezecução testamentária, dévem estes ser "deferidos ao Governo da União" — "para infinitezimal remissão da dívida pública". Assim se preceitua no Testamento do vélho poéta pernambucano.

Óra, o decréto municipal n. 4.613, de 2 de janeiro do corrente ano, art. 62, izenta de pagamento de imposto de transmissão "*causa mortis*":

"1) Os atos translativos de bens para a União...

9) Os legados e heranças de propriedade sientífica, literária e artística, quando o transmitente for o próprio autor..."

No cazo em fóco, nem isso se dá, precizamente, porquanto o autor-testador *não transmite* a pretendida propriedade literária de suas óbras a ninguem — o que seria, aliás, contrário aos princípios pozitivistas que adotava, mas seria izento de imposto.

Os remanecentes da venda das edições possíveis das referidas óbras, realizadas de acordo com o testamento, serão deferidos à União, — o que tambem se acha izento de imposto. Por outro lado, não reconhecendo o Inventariado, como pozitivista que éra, a propriedade literária, quem quizér poderá reproduzir, livremente, as óbras que deixou, uma vês publicadas.

Déssa maneira, não ha aí nenhuma transmissão de bens, a não ser indirétamente à União. Portanto, não ha como cobrar-se *um imposto de transmissão de propriedade* que incida nos cazos taxados no dec. n. 4.613 acima citado.

Assim, pois, ouvida a Fazenda Municipal e homologado o cálculo, o peticionário voltará à prezença dêsse Juizo, incluzive com o fim de lhe submeter o plano geral para que sêjão dados à estampa os manuscritos deixados pelo vélho adépto do Pozitivismo.

Rio de Janeiro, 17 de agosto de 1934.

(a., sobre estampilhas) SÍLVIO VIEIRA SOUTO.

Lê-se no *Diário da Justiça*, de sábado, 24 de novembro de 1934; n. 271, pág. 5.954:

"Juizo de Direito da Provedoria e Reziduos.
Juís — Dr. Antônio Mendes de Oliveira Castro.
Escrivão — Fernando Sebastião Pereira de Faria.
Expediente de 23 de novembro de 1934.
Despachos: .....
Falecido: Adolfo Generino dos Santos. — "Julgado por sentença o cálculo de adjudicação".
(Nóta deste "Apêndice").

Sr. Juís da Provedoria e Reziduos da Capital Federal.

Sílvio Vieira Souto — inventariante e testamenteiro dativo do espólio de *Adolfo Generino dos Santos* — vem requerer os meios necessários à ezecução da segunda parte do testamento a seu cargo, nos termos da sentença que julgou o cálculo de adjudicação, de fls. 225 dos repétivos autos.

1 — *ESCLARECIMENTOS* — Essa segunda parte vai, agóra, consistir nos trabalhos de impressão do vultozo acervo literário do vélho poéta pernambucano e crente pozitivista.

Antes, porem, de serem dados à estampa (recomendára o Testador) cumpria que os seus escritos fôssem, como acábão de o ser, — "revistos, interpretados, corrigidos", e ainda classificados e distribuídos por volumes distintos sob títulos especiais. E acrecenta:

> "... devendo esse penozissimo trabalho (remunerado si fôr mistér) ser superintendido por meus amigos e correligionários Sílvio Vieira Souto, Luís B. Hórta Barbóza e Jéfferson de Lemos,...; Manoél Miranda, Antônio Lobo e Reis Carvalho,...; o que não priva que sob o acendente coordenador do primeiro, póssão todos conjuntamente agir, em bem do comum escôpo e maiór facilidade da taréfa comum". (V. págs. 19 a 21 do Testamento impresso e... do traslado nos autos).

Tendo falecido Luís B. Horta Barbóza, antes de começada semelhante tarefa, e mais tarde Manoél Miranda, foi convidado, e aceitou o convite, para coadjuvar os demais néssa superintendência, — Mário Barbóza Carneiro, igualmente amigo e correligionário de Generino dos Santos.

Ficará para mais tarde o histórico dos esfórços feitos afim de que se não dêixem de cumprir, do milhór módo possível, os derradeiros dezejos do Testador.

2 — Os referidos membros daquéla espontânea *testamentaria* reünírão-se, mais uma vês, a 17 do espirante novembro, para ezaminar o estado em que se encôntrão os *penozissimos* trabalhos de separação, confronto de originais e cópias, classificação, etc., do aludido acervo literário, deixado na maiór dezórdem e confuzão. Semelhantes trabalhos, conforme o deliberado em reünião de 10 de outubro de 1935, fôrão confiados — mediante justa remuneração — ao zelo minuciozo e paciente do correligionário J. Soares Pereira, e de um ou outro aussiliar de sua livre escolha. (V. "Nóta" anéxa acerca da 1ª faze desses serviços lida em reünião de 28-2-36).

A' vista dos rezultados aprezentados pelo Sr. J. Soares Pereira, naquéla última reünião, ficou assentado o próssimo início da impressão de alguns volumes já convenientemente formados. E' para tal fim que são aqui solicitados a esse Juizo os necessários meios.

3 — *DINHEIRO DEPOZITADO NA CAIXA ECONÔMICA* — Em nome do Espólio, incluzive juros lançados até 31-12-35, figura a quantia de *quarenta e dois contos, novecentos e oitenta e um mil e cincoenta réis* — (Rs. 42:981$050), dos quais sómente vêncem juros *vinte contos de réis*.

Para cobrir despezas feitas e ocorrer prontamente a nóvas que se vão, daqui por diante, aprezentar periódicamente; e, — por outro lado — afim de que fique sempre escrupulózamente registrada a cronológica aplicação dos fundos do Espólio, já adjudicados para cumprir o Testamento, o abaixo assinado subméte a esse Juizo o seguinte:

4 — *REQUERIMENTO*: — Seja oficiado à Caixa Econômica no sentido de desdobrar-se em duas contas com cadernetas distintas o depózito e juros vencidos ezistentes em nome do espólio de Adolfo Generino dos Santos — nésta ou milhór fórma administrativa:

1º — Permanecerá na atual caderneta do Espólio (n. 45.125 da 4ª Série), sob depózito com juros e à dispozição desse Juizo, a quantia cérta de *vinte contos de réis* (Rs. 20:000$000);

2º — Será transferida para outra conta com juros de estilo e abérta nóva caderneta de *livre movimentação, mediante chèques* assinados por Sílvio Vieira Souto, na qualidade esprêssa de ezecutor-testamentário de Adolfo Generino dos Santos, — a importância que se verificar ecedente daquéla de vinte contos de réis, no momento da operação aqui solicitada, incluzive juros vencidos e lançados.

O que tudo, convenientemente autorizado por esse Juizo e feito, deverá constar de documentos a serem juntos aos respetivos autos de inventário — documentos esses que hão de servir, oportunamente, para comprovar a final e plena prestação de contas por parte da ezecução testamentária de Adolfo Generino dos Santos.

Nestes termos

E. D.

Rio de Janeiro, 30 de novembro de 1936.

(a., sobre estampilhas) SÍLVIO VIEIRA SOUTO.

Este requerimento teve pleno deferimento, ficando assim constituído o monte do Espólio, em fevereiro de 1937:

Caixa Econômica

Cad. n. 45.125 da 4ª Série, saldo em 28-12-36.....	20:000$000
c/c. com chéques, n. 23.763, abérta em 17-2-37.....	23:493$040
	43:493$040
Cautéla do Banco Espanhól do Brazil que reprezenta 86 ações e 487.200 (milionézimos de ação), avaliadas a 30$000 c|u.	2:594$616
Valor total	46:087$656